

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

**CENTRO DE HUMANIDADES**

**MESTRADO EM SOCIOLOGIA RURAL**

**UMA MÃO LAVA A OUTRA  
O TRABALHADOR RURAL E SUAS LIDERANÇAS  
NO BREJO PARAIBANO**

**MARIA DA CONCEIÇÃO MARIANO CARDOSO**

---

**CAMPINA GRANDE - PARAÍBA  
ABRIL DE 1993**

**MARIA DA CONCEIÇÃO MARIANO CARDOSO**

**UMA MÃO LAVA A OUTRA  
O TRABALHADOR RURAL E SUAS LIDERANÇAS  
NO BREJO PARAIBANO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia da  
Universidade Federal da Paraíba, Campus II, em cumprimento às  
exigências para obtenção do Grau de Mestre.

**Área de Concentração: Sociologia Rural**

**Orientadora: Dra. Regina Célia Reyes Novaes**

**Campina Grande - PB  
1993**

**UMA MÃO LAVA A OUTRA  
O TRABALHADOR RURAL E SUAS LIDERANÇAS  
NO BREJO PARAIBANO**

**MARIA DA CONCEIÇÃO MARIANO CARDOSO**

DISSERTAÇÃO APROVADA EM \_\_\_\_ / \_\_\_\_ /1993.

---

**Dra. REGINA CÉLIA REYES NOVAES**  
orientadora

---

**MARIA CRISTINA DE MELO MARIN**  
co-orientadora

---

**Dr. TIMOTHY DENIS IRELAND**  
Componente da Banca

---

**Dr. MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY**  
Componente da Banca

**DIGITALIZAÇÃO:**  
**SISTEMOTECA - UFCG**

**CAMPINA GRANDE - PARAÍBA**

**Aos Trabalhadores rurais,  
pela coragem com que vivem e  
sentem: o sol, a chuva, a noite  
e o dia, Deus e suas graças,**

**Aos meus pais,  
pela vivência no mundo rural,  
pelas infinitas lições de vida.**

**DEDICO**

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas e instituições de diferentes maneiras, me ajudaram no decorrer deste trabalho. Em particular quero expressar meus agradecimentos:

- À ANPOCS e a Inter-American Foudation, pela bolsa de auxílio à Pesquisa;
- Aos trabalhadores rurais pela atenção e paciência com que nos deram informações;
- Às missionárias de Tacima, Lúcia e Rosilene pela acolhida carinhosa no período de pesquisa;
- Aos trabalhadores do Engenho Avarzeado pela estadia e por todo planejamento prático facilitando nossa pesquisa;
- À equipe do Sedup, aos antigos e atuais por tudo que pudemos compartilhar;
- Aos que fazem a Diocese de Guarabira: às irmãs, o clero, os agentes de pastorais, os animadores e em particular Dom Marcelo, por tudo que ele significa na região;
- À Comissão Pastoral da Terra pelas informações fornecidas. Em particular ao Padre Luis, Salete e Raimunda, por suas contribuições específicas;
- Às irmãs: Naize, Sofia Pinto, Socorro e Tereza, pela oportunidade que tivemos de trabalhar juntas no Brejo;
- Aos Sindicatos de Pirpirituba, Tacima e Pilões por tudo que nos foi facilitado;
- Aos que fazem o dia-a-dia do Mestrado de Sociologia Rural. Vera e Joãozinho, pelo nosso convívio, amizade e energias. A Joãozinho, muito agradeço pelas diferentes contribuições neste trabalho;
- Aos professores Charles Beylier, Bermard Rabehl, Ghislaine Duqué e Salete Cavalcanti, pela atenção com que se dedicam ao trabalho de professor e pelo que deles aprendi;
- A Vera Mendonça e Marivete Pereira, pela participação e reflexão quando me auxiliaram nesta pesquisa. Um agradecimento particular a Marivete por ter estado disposta a me auxiliar na preparação do Relatório Parcial à ANPOCS;

Aos padres e amigos:

- Cristiano, por ter sido a pessoa que muito cedo me introduziu no mundo dos movimentos pastorais, favorecendo posteriores engajamentos. A ele ainda agradeço as informações valiosas concedidas a esta pesquisa e nele reconheço uma capacidade particular que, mesmo sendo estrangeiro, soube sempre entender o público rural nordestino;
- Marcos, pela sua simplicidade e dedicação aos pobres e pela nossa amizade;
- Geraldo, por tudo que nosso conhecimento nos possibilitou;

- Às educadoras Cleonice Gonçalves, Valéria Resende e Margot Peisino, e aos professores Ribamar e Timothy, pelas reflexões inaugurais, tão valiosas, no campo da Educação Popular e pela oportunidade que tivemos de trabalhar juntos nesta área;

- Aos professores, João Batista e Naidir Café de Oliveira que revisaram a ortografia deste trabalho;

- A todos os amigos e amigas que de alguma forma contribuíram com este trabalho. Em especial, Orlandil Lima e Severino Bezerra que, estiveram mais próximos na fase final deste trabalho.

- Às professoras orientadoras:

. Maria Cristina de Melo Marin, pelo carinho e dedicação com que se dispôs a có-orientar este trabalho;

. Regina Célia Reys Novaes, pela paciência, dedicação, sugestões, cuidados com que tratou este trabalho em suas diferentes fases.

- A Wout van Oosterhout que, nesta fase final do trabalho, me ajudou ajudou de diferentes maneiras;

**A todos agradeço profundamente.**

**À Margarida Maria Alves  
que simboliza a dor,  
o sofrimento e a esperança  
dos Trabalhadores Rurais  
no Brejo da Paraíba**

**IN MEMORIAN**

# S U M À R I O

	pág.
<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Questões que Nortearam a Pesquisa: Prática e Teoria .....</b>	<b>5</b>
<b>Aspectos Metodológicos da Pesquisa .....</b>	<b>10</b>
<b>Repensando o Trabalho de Campo .....</b>	<b>16</b>
<b>Capítulo I - O Contexto em que Ocorreu a Pesquisa .....</b>	<b>21</b>
1.- Redescobrimdo o Brejo .....	21
1.1 - Os Municípios Escolhidos .....	27
1.2 - A Diversidade dos Trabalhadores no Meio Rural .....	33
1.3 - A Migração como um Meio de Vida .....	35
1.4 - Deslocamentos nas Relações de Poder na Região ...	38
1.5 - As Organizações Populares .....	41
<b>Capítulo II - Tacima: um Caso Exemplar .....</b>	<b>46</b>
2.1 - Nota Introdutória sobre o Município .....	46
2.2 - O Conflito de Terra na Fazenda Vazante: A Consti- tuição de Grupos .....	54
2.2.1 - A Presença das Lideranças: Semelhanças e Diferenças .....	61
2.2.2 - A Liderança Masculina, uma Referência Ofi- cializada .....	63
2.2.3 - Particularidades e Desafios na Representação ção Feminina .....	66
2.2.4 - Revelando a Outra Face .....	70
<b>Capítulo III - Lideranças e Comunidade: O Paradoxo da Diferença e da Igualdade .....</b>	<b>77</b>
3.1 - O Animador: Ser Igreja na "Base" .....	77
3.1.1 - A Nova Diocese: Prioridade para a Formação de Animador .....	84
3.1.2 - Os Animadores Militantes Sindicais .....	89
3.2 - As Lutas Sociais no Campo e a Presença dos Agentes Externos .....	93
<b>Capítulo IV - Cotidiano e Lutas: Lideranças Locais e as Trajetórias de Dirigentes Sindicais .....</b>	<b>116</b>
4.1 - O Cotidiano Produzindo Lideranças Locais .....	116
4.1.1 - Santo de Casa Obrará Milagres? .....	131
4.1.2 - Na Comunidade todo Mundo é Lider .....	136
4.2 - De Associado que Reivindica à Direção Sindical ...	140
4.3 - De Trabalho de Igreja à Direção Sindical .....	147
<b>Capítulo V - Notas Conclusivas .....</b>	<b>167</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>185</b>



# A N E X O S

<b>ANEXO I - Sobre Margarida Maria Alves .....</b>	<b>A-I.1</b>
<b>ANEXO II - Sobre Margarida Maria Alves .....</b>	<b>A-II.1</b>
<b>ANEXO III - Mapa do Município de Pilões .....</b>	<b>A-III.1</b>
<b>ANEXO IV - Mapa do Município de Pirpirituba .....</b>	<b>A-IV.1</b>
<b>ANEXO V - Mapa do Município de Tacima .....</b>	<b>A-V.1</b>
<b>ANEXO VI - mapa da microregião brejo.....</b>	<b>A-VI.1</b>
<b>ANEXO VII - Posseiros da Fazenda Vazante Procuram a FETAG para Denunciar Ameaças .....</b>	<b>A-VII.1</b>
<b>ANEXO VIII - O Caso Vazante nos jornais .....</b>	<b>A-VIII.1</b>
<b>ANEXO IX - FETAG se Posiciona sobre o Caso Vazante ..</b>	<b>A-IX.1</b>

## RESUME

Ce travail traite de la relation entre le dirigeant et les "dirigés" au sein du Mouvement des Travailleurs Ruraux de la région du Brejo de la Paraíba. L'étude s'est basée sur la reconstruction de trajectoires de dirigeants; on a tenté d'analyser des situations qui favorisent la reconnaissance d'un travailleur comme leader de son groupe. En d'autres termes, on a essayé de percevoir quels éléments permettent de détecter dans un groupe l'existence d'un acteur social de même origine et de trajectoire semblable aux autres membres du groupe, capable d'être reconnu par ce groupe comme son représentant.

Nos questions se rapportent surtout aux critères utilisés par les travailleurs pour choisir leurs dirigeants dans la vie quotidienne comme au moment des conflits sociaux; nous considérons aussi le rôle joué par des agents externes médiateurs de ce processus.

La recherche a pris en compte le point de vue des travailleurs et de leurs dirigeants. On s'est aussi préoccupé de détecter, à partir des caractéristiques des médiateurs (Eglise, syndicalisme, organisations d'appui) quels moyens anciens ou nouveaux sont utilisés pour produire et reproduire les relations entre dirigeants syndicaux, agents religieux et travailleurs.

Le travail est organisé en cinq chapitres. Dans le premier, on situe et caractérise la région où s'est déroulée la recherche, en soulignant les particularités et contradictions qui expliquent l'ensemble des pratiques sociales développées dans cette région. On tente de voir comment et en quoi ces particularités jouent dans le processus de formation d'un leadership.

Au second chapitre, intitulé: "Tacima, un cas exemplaire", on analyse un cas de conflit de terre qui se signale pour avoir réuni dans un même espace social différents dirigeants et agents externes. Bien que réuni autour d'une cause commune, le groupe a fini par se diviser sur la question de la reconnaissance de deux leaderships spécifiques.

Le troisième chapitre traite d'un médiateur important: l'Eglise Catholique. Il s'agit d'un type de leadership spécifique né au moment où l'Eglise de la région se reconnaît comme "Eglise des Pauvres".

Le chapitre quatre explicite l'existence et l'importance de leaders locaux, qui souvent ne sont pas reconnus comme tels, que ce soit par d'autres dirigeants ou par les agents de médiation. En même temps on recompose les trajectoires et on montre les obstacles affrontés par ceux qui arrivent au niveau de représentation nationale.

Finalement, on indique dans les conclusions quelques particularités présentes dans le processus de formation d'un dirigeant, on identifie des relations établies dans un paradoxe d'égalité et de différence et les problèmes gérés au moment où les circonstances socio-politiques provoquent une certaine redéfinition des rôles des acteurs sociaux qui se répercutent sur le propre processus de formation des dirigeants de travailleurs ruraux.

## RESUMO

Este trabalho trata da relação lideranças/liderados no Movimento dos Trabalhadores Rurais do Brejo da Paraíba. O estudo se realizou a partir da reconstrução de trajetórias de lideranças, procurando analisar situações sociais que proporcionam o reconhecimento de um trabalhador como "líder" de seu grupo. Ou seja, destacando elementos em que se pode detectar num grupo um ator social com a mesma origem e com trajetória social semelhante aos outros membros do grupo, que passa a ser legitimado por este grupo como seu representante.

Nossas questões foram relacionadas, sobretudo, aos critérios utilizados por parte dos trabalhadores "liderados" para escolher suas lideranças em momentos do cotidiano como na expressão de conflitos sociais; finalmente consideramos o papel desempenhado por agentes externos mediadores.

A pesquisa procurou levar em conta o ponto de vista dos trabalhadores e de suas lideranças. Nos preocupamos também em detectar, a partir das características dos mediadores (Igreja, Sindicatos, Organizações de Assessoria) como velhos e novos expedientes são utilizados para a produção e reprodução das relações entre dirigentes sindicais, agentes religiosos e trabalhadores.

Organizamos o trabalho em cinco capítulos: No primeiro capítulo, situamos e caracterizamos a região pesquisada, enfatizando as particularidades e contradições que explicam o conjunto das práticas sociais desenvolvidas nesta região. Procurando ver como e em que essas particularidades repercutem no processo de formação de uma liderança.

No segundo capítulo, intitulado: "Tacima, um Caso Exemplar", procuramos analisar um caso de conflito de terra cuja expressividade é a de ter reunido no mesmo espaço social diferentes lideranças e diferentes agentes externos. Embora reunido numa causa comum, o grupo acabou se dividindo sobre o reconhecimento de duas lideranças específicas.

Prosseguindo, o terceiro capítulo trata de um mediador importante neste processo: a Igreja Católica. É de um tipo de liderança específica gerada no momento em que a Igreja do Brejo se reconhece como Igreja dos Pobres.

O quarto capítulo explicita a existência e a importância de lideranças locais, que muitas vezes não são reconhecidas enquanto tais, seja por outras lideranças, seja pelos agentes mediadores. Ao mesmo tempo, recopõe trajetórias e desafios que são colocados para aqueles que chegam a nível de representação nacional.

Finalmente, apontamos algumas conclusões resgatando particularidades presentes no processo de formação de uma liderança, reconhecendo relações que são estabelecidas num paradoxo de igualdade e diferença, como também desafios que são gerados num momento em que o cenário socio político atual provoca uma certa redefinição de papéis entre diferentes atores sociais, repercutindo no próprio processo de formação de lideranças de trabalhadores rurais.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende trazer, aos leitores, elementos para explicar, sociologicamente, a relação lideranças-liderados no movimento dos trabalhadores rurais, destacando na análise, situações sociais em que se pode detectar a existência de um ator social, com a mesma origem, membro de um mesmo grupo, com trajetória social semelhante, ser legitimado por este próprio grupo como seu representante.

Procurar-se-á analisar a trajetória do líder comparando-a a outros agentes sociais do mesmo grupo a que ele pertence, atentando para o contexto social em que ele se destaca e para os elementos particulares que são apontados como essenciais, do ponto de vista dos liderados, na diferença que o faz líder.

Seguindo esse trilho de análise tornou-se indispensável considerar a viabilidade dos diferentes organismos "mediadores"<sup>1</sup> que contribuem nesse processo; procurando detectar ainda os mecanismos de reprodução dessa relação.

A questão é sobretudo tratada no âmbito da percepção de um processo de formação das lideranças<sup>2</sup> procurando os efeitos em termos de concepções e práticas sociais, tanto do ponto de vista de um pólo-lideranças, como do ponto de vista de um pólo-liderados.

---

1- O termo mediador foi muito usado na antropologia para caracterizar agentes intermediadores entre grupos ou sociedades locais e poderes centrais inclusivos. Aqui consideramos mediadores as pessoas, instituições que desenvolvem tarefas de mediação entre o campesinato, o grupo e a sociedade brasileira em suas diferentes instâncias civis ou públicas. Os mediadores são também denominados de "agentes externos".

2- O termo liderança recobre também outros como representantes ou dirigentes sindicais e animadores, termo típico de ambiente religioso da Igreja Católica.

O suporte desta investigação está em situações visíveis do movimento dos trabalhadores rurais, na região do Brejo Paraibano. Foi esta região que, na década de 80, apresentou um terreno fértil para destacar o movimento dos trabalhadores rurais e os indivíduos que surgiam como líderes.

A representação, delegada a uma pessoa que se destacava do seu grupo de origem, passava a ser ponto de referência e se reafirmava nas situações sociais que o próprio desabrochar dos movimentos apresentava. Embora seja 80 a década modelo, o Brejo vai se destacando mesmo em períodos antecedentes. Os casos ocorridos com a eminência das associações denominadas "Ligas Camponesas" tiveram bastante peso nas repercussões dos trabalhadores rurais nos municípios de Sapé e Mari, situados na região do Baixo Paraíba, em proximidades com o Brejo Paraibano<sup>3</sup>. Embora os líderes Pedro Teixeira, Nego Fuba, entre outros, tenham sido apagados pelas duras marcas do tempo de repressão, permanecem, de alguma forma, presentes na história de luta dos trabalhadores rurais constituindo, entre outras, referências à própria literatura nesta área.

Voltados para a cidade de Alagoa Grande, ver-se-á uma cidade marcada em períodos mais recentes, pela intervenção e poder dos proprietários rurais, que, unidos em defesa do latifúndio, têm perseguido os trabalhadores que os questionaram quanto ao tipo de tratamento recebido em suas práticas comuns de exploração dos trabalhadores rurais, tanto naquele município, como nos municípios adjacentes.

---

3- Sabe-se também que o próprio Movimento das Ligas abrangeu outros municípios da Região, sendo em seguida motivo para que a Igreja Católica investisse na formação de Sindicatos Rurais, com objetivo de livrar os camponeses do "Comunismo das Ligas".

Demonstrando impermeabilidade às reivindicações dos trabalhadores, esse grupo de proprietários (que por muitos anos foi chefiado pelo Sr. Agnaldo Veloso Borges), age brutalmente e executa as lideranças que, nesses momentos fortes da luta rural, aparecem como representantes do demais trabalhadores. Assim morreu Pedro Teixeira, Presidente da Liga Camponesa de Sapé, e, posteriormente, em 1983, foi assassinada Margarida Maria Alves.

Quando Margarida aparece em cena, atuando como representante sindical, na cidade de Alagoa Grande, procura explorar as várias possibilidades que provocassem um reconhecimento e uma articulação das lutas locais com outros espaços. Participando dos encontros, congressos, naquele momento, promovidos pela CONTAG (Conferência Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), ela tenta implementar uma ação conjunta entre trabalhadores assalariados da área canavieira do Estado da Paraíba<sup>4</sup>.

Agindo de tal forma, Margarida só poderia causar medo aos proprietários que tinham de reconhecer o poder de uma mulher assumindo as reivindicações dos trabalhadores encaminhados pelo sindicato.

Agindo por outra via, o grupo de proprietários donos do poder local resolve tirar a vida dessa mulher, que sendo assassinada em 12 de Agosto de 1983<sup>5</sup>, deixa o sindicato com 72 ações trabalhistas na justiça e mais de 100 ofícios emitidos no mesmo ano.

Lembranças fazem-se presentes nas palavras do Sr. Cassimiro (ex- diretor sindical e ex-esposo da referida líder):

---

4- Cf. Novaes: 1983. Mimeo.

5- Sobre Margarida, anexos números: I e II.



*"A administração de Margarida era um atentado ao poder. Tudo, tudo ela enfrentava, ... ela reivindicava direito pra trabalhadores. Quando os patrões não compareciam as STR para prova com ações, ela levava à justiça... foi uma boa administração, mas Margarida só tinha um defeito, era não combater o governo... ela teve esse pecado."*

Ao lado de Margarida outras mulheres também foram se destacando, seja na administração sindical, seja nos processos de direção sindical - seja nos processos organizativos do movimento popular. Conforme relatos orais, Maria da Penha obteve destaque por haver iniciado sua carreira no movimento acompanhando Margarida em reuniões de base. Conforme o costume popular, não era comum uma mulher se deslocar a grandes distâncias sozinha. Após a morte de Margarida, Maria da Penha consegue legitimar espaço no movimento sindical, foi também vítima de ameaças de morte, no entanto sua vida foi interrompida pelos destinos trágicos de um acidente automobilístico.

Devido ao trabalho dessas e de outras mulheres, tornou-se slogan no seio do movimento, a frase: "Se matam uma Margarida, outras Margaridas nascerão", tais como: Marias Pretas, Bebéis, Antônias, Do-Céus, Rosas... que fortaleceram o MMT (Movimento de Mulheres Trabalhadoras). Este movimento, entre avanços e recuos, constitui uma referência para muitas outras mulheres na região.

No mesmo cenário, dirigentes sindicais, unidos a outros trabalhadores, incluindo aqui a participação das mulheres, criam uma Central Sindical no Estado, com atuação na Região, e, posteriormente, chegando a assumir cargos na esfera nacional<sup>6</sup>.

---

6- Foram os mais destacados trabalhadores rurais do Brejo que compuseram cargos nas instâncias de representação estadual. Estes eram considerados os "quadros" do movimento, compondo: Secretaria da Mulher, Secretaria de Políticas Sindical, Departamento Rural, chegando a compor a própria presidência estadual da CUT.

São acontecimentos que vão indicando uma situação particular apresentada pelo Brejo, no campo da representação dos trabalhadores rurais.

Notadamente, o Brejo já proporcionou muitos estudos na área dos movimentos sociais, quadro que se faz presente nos espaços universitários<sup>7</sup>. No entanto, não se tem conhecimento de uma produção em específico relacionada ao tema escolhido. Preferiu-se tratar da gênese que explicaria as diferentes práticas sociais desses sujeitos que, sob o título de lideranças, reconhecem-se e são reconhecidos como "responsáveis pelos rumos dos movimentos" da categoria rural.

### **Questões que Nortearam a Pesquisa**

As preocupações foram norteadas inicialmente por questões que iam de encontro às práticas dos líderes, no local em que se poderia realizar a referida pesquisa. Agrupadas da seguinte forma:

- 1) Por que em todos os movimentos surgem líderes e qual o seu papel?
- 2) Que critérios há por parte dos liderados para a escolha de suas lideranças?
- 3) Que peso têm as lutas específicas, do cotidiano, dos trabalhadores rurais, quando inseridas em propostas globais intermediadas pelas lideranças?
- 4) Há um caminho único para a carreira de um líder que evolui da comunidade ao sindicato, do sindicato ao partido?

---

7- Referimo-nos ao Conjunto de Teses produzidas pelo Mestrado de Sociologia Rural de Campina Grande; de Educação de Adultos em João Pessoa e às demais pesquisas efetuadas pelos movimentos e/ou organismos afins.

5) Haverá uma liderança específica em cada comunidade que não aparece aos olhos de todos, mas tem importância na reprodução de um líder, estadual ou regional?

6) Como velhos expedientes de reprodução das lideranças: práticas clientelistas, troca de favores..., convivem com novos expedientes de formação das lideranças?

7) Finalmente, a partir de quais indicadores pode-se afirmar o tipo e o peso dos efeitos causados pela presença dos agentes externos na relação lideranças e liderados e com o conjunto do movimento de trabalhadores rurais?

Na literatura especializada é fundamental a análise de Max Weber (1986:128); diz o autor: "nas relações entre dominantes e dominados por um lado, a dominação costuma apoiar-se em bases jurídicas nas quais se fundamenta a sua 'legitimidade', e o abalo dessa crença na legitimidade costuma acarretar conseqüências de grande alcance".

Mutatis mutandis, embora tratando-se de uma outra instância de poder, a legitimidade é o principal fator para o reconhecimento de um sujeito como liderança de seu grupo, ou mesmo, de outro grupo. Se não ocorre tal legitimação aplicada no seu conhecimento do social, a liderança poderá ser abalada, tendo seus efeitos nas suas tarefas no movimento do qual faz parte.

Tratando da "dominação carismática" o autor oferece à análise um elemento muito oportuno, que torna plausível este tipo de liderança. O sujeito que se constrói, também, por um determinado "dom", uma "força", em virtude de sua característica particular: o carisma.

O carisma pode ser entendido enquanto faculdades mágicas, poder intelectual, revelações, heroísmo, oratória, etc.

Para a realização deste tipo de dominação características e forças que são em si opostas: o líder, condição atribuída àquele que manda; apóstolo, aquele que obedece.

*"O senhor carismático tem de se fazer acreditar como senhor "pela graça de de Deus" por meio de milagres, êxito e prosperidade do séquito e dos súditos. Se lhes falha o êxito, seu domínio oscila." (Weber, 1986:137)*

mais adiante:

*"A pretensão do domínio e, nesse sentido, inteiramente independente das qualidades pessoais."*

*"(...) na crença de que se trata uma qualidade mágica transferível ou suscetível de ser produzida mediante determinada espécie de hierurgia/ação sacerdotal/unção, imposição de mãos ou atos sacramentais." (op. cit. 1986:140)*

Pensando-se no caso dos movimentos sociais no campo, observamos que o fator do carisma é, de certa forma, predominantemente observado com maior freqüência, na área das lideranças religiosas. Mas, não se exclui a sua presença, em conjunto com outras séries de fatores, no âmbito das demais lideranças. Havendo a constatação de casos em que as lideranças "despontam na luta, pelo carisma ou por ter uma maior dedicação." (Tosi: 1988:59)

Tomando as contribuições de Bourdieu (1987:74), percebe-se que, com exceção do carisma pensado enquanto "natureza" do indivíduo, é preciso buscar elementos que seriam, sociologicamente condicionadores, para a realização da representação:

*"Para acabar de vez com a representação do carisma como propriedade associada à natureza do indivíduo singular, seria preciso ainda determinar em cada caso particular, as características sociologicamente pertinentes de uma biologia singular que torna o indivíduo sociologicamente predisposto a sentir e a expressar com uma força e uma coerência particulares certas disposições éticas ou políticas já presentes, em estado implícito, em todos os membros da classe ou grupos de seus destinatários". (Bourdieu, 1987:74)*

Procurou-se, no decorrer da pesquisa, observar de que forma tais características, singulares, mas sociais, agiriam no tocante à formação de um líder, que, uma vez destacados com outros interlocutores, leva a linguagem que é "própria do seu grupo de origem". Conforme define Castoriades (1986:126) "o discurso não é independente do simbolismo." Ou seja, a pessoa passa a representar pelo seu falar, ou pelas relações que mantém, seja no cotidiano ou no externo a ele, a linguagem que o torna reconhecido enquanto grupo social.

Além das questões da representação propriamente dita, outro problema aparece como destaque, quando se trata de organização social no campo: o papel dos mediadores.

Estudiosos do meio rural constatam que as lideranças se relacionam com outros interlocutores, objetivando claramente reforços traduzidos em recursos que visem à eficácia de seus planos.

*"Uma colaboração tal que permita às lideranças sindicais dar conta do planejamento geral das atividades, bem como da organização do conjunto de recursos necessários à realização de quanto foi planejado e, ainda de participar na elaboração de estratégias, visando a buscas destes recursos". (Bertolazzi, 1989:148)*

Na posição de outro estudioso brasileiro (Palmeira, s/d) a relação com a esfera externa com os denominados mediadores, possui um sentido específico de fazer com que lutas locais sejam reconhecidas politicamente, sendo, assim pensados como luta pela cidadania.

*"Se há alguma coisa que aproxime a luta dos camponeses em diferentes lugares e épocas históricas é justamente o seu caráter de luta pela cidadania ou mesmo vitórias parciais naquela direção significa introdução de um poder externo na comunidade camponesa. (grifos meus)*

Um poder externo, exercido pelos mediadores, proporciona a viabilidade prática das atividades, no plano de possibilitar estratégias às diferentes ações,

viabiliza a luta pela cidadania: pelo reconhecimento social, político ou religioso, diante da sociedade em questão.

No Brejo Paraibano há um pouco de tudo isso, sente-se que uma vez comprovada a existência de uma camada de trabalhadores que se reconhecem e são por outros reconhecidos como lideranças, entram nos próprios canais criados pela história dos movimentos nesta região, no palco das relações com os chamados agentes externos. A referida entrada ocorre não só com objetivos de se adquirir recursos financeiros para a realização de atividades, mas, por estar se buscando espaços que os torna reconhecidos, e que, ao mesmo tempo, se reconhece a luta de outros trabalhadores, ocorrendo neste sentido o que propõe Palmeira: "luta pela cidadania."

Nos termos citados, os mediadores possuem também a eficácia, quando através de suas intervenções, provocar-se-á entre outras, a quebra do isolamento em que se encontram diferentes sujeitos envolvidos, principalmente, "quebra de isolamento entre trabalhadores rurais", conforme analisa Novaes:

*"Discursos e mediadores externos podem ter sua importância e eficácia, principalmente se levarmos em conta que este elemento "externo" pode, em determinadas conjunturas e situações ser justamente o que permite a quebra do isolamento das lutas e a possibilidade de seu reconhecimento político." (Novaes, 1987:301)*

Nesse sentido, tanto Palmeira como Novaes, motivaram essa investigação quando colocam a interferência externa como provocadora de mudanças no seio das comunidades camponesas. A partir daí, atenta-se para detectar essas possíveis mudanças que podem se realizar por intermédio de relações com indivíduos não pertencentes às comunidades em questão, mas que mantêm, de diferentes formas, diferentes intervenções no seio dessas comunidades.

## Aspectos Metodológicos da Pesquisa

Parafrazeando sobre a prática do etnólogo, o antropólogo Roberto da Matta (1978:28), em seu artigo *Ofício do Etnólogo*, ou como "The Anthropological Blues" pôs no mundo da academia termos que ficaram reconhecidos pelo teor sugestivo, na relação que venha a ser estabelecida, entre o pesquisador e o outro a ser investigado.

*"(...) vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes palavras: a) transformar o exótico em familiar e/ou transformar o familiar em exótico". (Da Matta, 1978:28)*

O autor expõe uma condição que coloca o indivíduo a uma vivência com dois mundos, dois domínios a serem vividos por um mesmo sujeito, que se demonstre disposto a situá-los e apanhá-los numa perspectiva de transformação social.

Escolher os grupos sociais atuantes no Brejo como objetivo de pesquisa, transformando a familiaridade em campo de curiosidades intelectuais, exóticas, foi uma motivação influenciada pelo contato com a academia e, principalmente, pela experiência em pesquisas anteriores com pessoas estudiosas do assunto, que, de certa forma, reforçaram o interesse de aprofundar os conhecimentos neste campo. Mas, os leitores devem saber que o Brejo, enquanto realidade social, já existia na vida da pesquisadora mesmo antes de acesso ao ambiente universitário.

Essa motivação a que se refere realiza-se pela oportunidade de, desde cedo na vida, desenvolver-se um trabalho nesta área. Naquele momento um trabalho vinculado à Igreja Católica, na linha de "militância" entre jovens e

adultos, com atividades pastorais e em nível de orientação, desenvolvendo trabalhos no campo da saúde popular.

Posteriormente, passou-se a integrar uma experiência de educação popular que, embora não descartando a "militância", tratava-se de uma experiência de caráter profissional. Destacando-se a observação, reflexão e ação frente a uma problemática vivida por crianças que não tinham o acesso à rede oficial de ensino. O PEM (Projeto Educativo do Menor), apoiado pelo Comitê II da Holanda, constituiu-se na entidade responsável por este trabalho. Após um período de sete anos nesta experiência, a pesquisadora passou a compor a equipe do SEDUP (Serviço de Educação Popular) até 1991. Esta experiência acentuou a convivência e junto às demais, favoreceu e reforçou a sensibilidade fazendo com que, agora "sob a capa de pesquisadores", voltasse a pesquisar a história particular de um público que é em partes, a história da nossa própria vida. "História da nossa história"<sup>8</sup>. Com essa "volta" preocupou-se em analisar, com particular atenção, a realidade, atentando para as variadas práticas culturais: valores, rituais, crenças, lutas sociais, que têm sua eficácia na explicação da representação constituída pelo público, priorizado nesta pesquisa.

O "exótico desse familiar" deu-se nos momentos em que houve um esforço, por parte da pesquisadora, para obter a distância necessária na relação com o objeto de estudo. Foi bastante curioso, o fato de ter-se privilegiado a análise partindo da ótica dos "liderados", ou seja, das pessoas denominadas na linguagem do movimento "base" do trabalho.

---

8- Tratando do cotidiano nas Comunidades Eclesiais de Base, a antropóloga Carmem Cinira (1992:209) analisa aspectos de uma vivência desse tipo.



Seguindo tal orientação, percebe-se que "o familiar" não era tão familiar. A pesquisa estava se constituindo num canal de acesso a determinadas informações que, até o momento, não faziam parte das nossas referências, ou seja, as pessoas indicadas e "reconhecidas" em termos de representantes, não corresponderam, em todos os casos, àquelas indicadas pelos movimentos e demais instâncias. O contato com pessoas que assumem em suas localidades uma certa tarefa de representação fez com que fosse denominado um outro sujeito na análise: "líderes locais." Esses indivíduos assumem quase todas as funções da representação de uma "comunidade", são a referência maior para outros trabalhadores do mesmo grupo, porém não aparecem nas decisões maiores, é como se estivesse se realizando uma ação em que "o Santo é de Casa", mas o Milagre é atribuído ao "Santo do Fora."

No tangente à relação com os serviços, Centros e entidades de representação dos trabalhadores, procurou-se dar um tratamento especial aos eventuais momentos que possibilitavam uma relação em termos de assessoria, vinculados a grupos correspondentes ao objeto de estudo, o que fez seguir os trilhos de uma "observação participante para uma participação observante"<sup>9</sup>. O vínculo entendido nesses termos, fez dessa realidade, um espelho limpo para tornar visíveis as imagens fornecidas com as outras fases da pesquisa, favorecendo o acompanhamento sistemático, em ângulos diversos, da problemática investigada.

O acesso e a possibilidade de participação nos acontecimentos vivenciados no dia-a-dia do público envolvido: reuniões, trabalhos comunitários, atividades programadas, tais como: cursos, encontros promovidos por Centros

---

9- Cf. Ruth Cardoso, citando Eunice Durham (1986:95).

de Formação, constituíram uma linha ascendente de conhecimento da questão, chegando ainda a possibilitar conhecimentos de outros aspectos relacionados à trajetória dos líderes quando inseridas numa conjuntura social mais abrangente: nacional, e até internacional.

Assim como foi possível, também, manter-se informados dos desafios e demais dificuldades que, em particular, os sindicatos e as Organizações de Assessorias, enfrentaram na região. Em geral, desafios atribuídos a reflexos da atual conjuntura econômica, política, social e religiosa vividas no local, no país e no mundo. Momento em que se evidencia uma redução nos apoios, tanto âmbito de assessorias sistemáticas, como no lado financeiro com cortes de convênios públicos com os sindicatos rurais, colocando-os sob uma imagem sem brilho, com riscos a comprometer a própria prática e em rumos de novos espaços de articulação. Esse sindicalismo que, num primeiro momento, dispôs de um equipado corpo de assessoria se vê na obrigação de ampliar a rede de interlocução, incluindo organismos que, em outros momentos, eram considerados inimigos políticos.

Estas várias dimensões da pesquisa possibilitaram, ao pesquisador, contatos, convivência e sentimento das situações vivenciadas na linha do tempo vivido pelos informantes. O fato de se colocar à disposição para ouvir, em particular, histórias de vidas contadas in loco, constituiu-se no acompanhamento da problemática em níveis diferentes: para o pesquisador a crença de que estava se esforçando para conseguir dados precisos, que viessem legitimar o caráter de objetividade da pesquisa<sup>10</sup>, é para os entrevistados, entre dizíveis e indizíveis

---

10- Objetividade não restritamente entendida nos termos em que tratou Emile Durkheim (1987:13), mas, aproximadamente nos termos tratados por Max Weber (1986:79). Veis

palavras, momentos de uma vivência.

Os relatos, as histórias de vida, de cada um, e do conjunto, representado na pesquisa, constituíram um momento privilegiado das explicações ao tema em debate.

Segundo Maria Isaura Queiroz (1988:19):

*"a história de vida, constitui uma espécie ao lado de outras formas de informação também captadas oralmente porém dada sua especificidade, pode igualmente encontrar um símile em documentação escrita". É através de história de vida que se pode reconstruir os acontecimentos que vivenciam e transmitir a experiência que adquiriu"<sup>11</sup>.*

Utilizou-se também outras técnicas como entrevistas, pesquisas bibliográficas documental, levantamento estatístico.

Com a prática das entrevistas, sem excluir seus mecanismos, possibilidades e limites<sup>12</sup>, a partir de um roteiro pré-estabelecido, foi possível resgatar outras informações que, no conjunto de pesquisa, contribuíram para a explicação de outras questões, levando a observar níveis diferentes na intervenção:

Entre as lideranças oficializadas: presidentes de sindicatos, de centrais, representantes de movimentos, irmãs, padres, percebemos que as entrevistas percorreram fluentemente, porém, alguns se omitiram a falar, ou falar, ou falaram superficialmente, questões e palavras abstratas que, embora tenham se tornado slogan nos movimentos, não dizem muito ao objeto.

Entre os líderes locais, apesar da forte timidez, houve destaque, conforme se posicionou este informante:

---

11- Cf. Queiroz (1988: 20).

12- Sobre a prática de entrevistas ver: Michael Thiollent (1981: 35)

*"A senhora pode passar essa fita onde quer que seja, porque o que eu falei falei é isso mesmo é de dentro de mim e sobre a cidade eu sou nascido e criado aqui. Quem me deu essa força toda foi Deus e as irmãs. Quando elas me puseram para fazer drama analisando a mensagem sobre João Batista sobre a vida aí eu cheguei... Bem aventurados sejam os mansos..." (Trechos da conversa com seu Lourival em Tacima)*

Entre os "liderados" - trabalhadores de base - também percebe-se diferentes níveis de informação. Encontra-se pessoas que não mantendo vínculo com os movimentos pareceram alheios à questão e alguns se recusaram a falar, outros falaram mediante uma boa explicação da importância do trabalho.

Observou-se que os trabalhadores de base possuem um certo desconhecimento das instâncias de representação, e dos chamados líderes. O próprio termo líder não fazia parte dos seus vocabulários, mas reconheciam imediatamente pessoas de destaque na comunidade conforme denominou-se: os "líderes locais".

Encontra-se ainda entre estas pessoas que, enquanto associados do sindicato rural, participavam de todas as atividades desenvolvidas pelo sindicato, mas não conseguiram relembrar aspectos do conteúdo dessas atividades. Essa senhora falou assim:

*"Sempre que eu puder eu tou acompanhado as reuniões. Meu marido bebe e nem sempre ele entende as coisas, às vezes parece que eu também bebi, mas, não sei, é que minha cabeça não dá para aguentar muitos assuntos, eu escuto tudinho, mas não consigo aprender muita coisa."*  
(Entrevista com Sueli, em Tacima)

Às vezes, quando surgiam na conversa, questões sobre os dirigentes sindicais, os trabalhadores temiam em pronunciar-se, demonstrando certo receio, medo, em se pronunciar.

Já entre os animadores da igreja, percebemos uma certa tendência a depender de hierarquia. (Tudo que faze-se aqui, primeiro a permissão do vigário...).

O contato com situações distintas enriqueceu a pesquisa e fez com que se considerasse os diferentes níveis de liderança, seja na esfera sindical, ou religiosa. Percebeu-se as contribuições e limites proporcionados com a prática dos denominados "agentes externos". Procurou-se ainda, dar atenção profunda às questões do próprio significado do termo liderança.

### **Repensando o Trabalho de Campo**

Mantendo a pesquisa nos termos citados, pôde-se perceber que o universo rural, em determinados momentos, pode surpreender a grande parte dos estudiosos que se mantêm fiéis a certos domínios acadêmicos e tradicionais sobre o campesinato.<sup>13</sup>

Muitas vezes, precisamos reconhecer que os pesquisadores "modernos" carregam uma carga de impressões, às vezes, traduzidas em preconceitos, dificultando a relação pesquisador-pesquisado e o processo de interação na comunidade, quando escolhe-se o meio rural como o espaço para pesquisa. Percebe-se que, em qualquer época em que aconteça a pesquisa, o pesquisador precisa esforçar-se para compreender as práticas sociais que analisa e tornar-se compreensível em suas múltiplas vivências.

---

13- Referimo-nos aos fiéis seguidores da traduções clássicas do campesinato, entendidas em termos de "tradicionalismo camponês de Redfield, por exemplo. Sem adaptá-las às práticas dos grupos analisados noutra época histórica. Sobre o Tradicionalismo Camponês ver Leite Lopes, 1987 - mimeo.

Entende-se que a relação pesquisador-pesquisado se favorece pelo entrosamento, pelo conhecimento, principalmente pela capacidade de se fazer compreender<sup>14</sup>.

Portanto, conhecer é atentar para não pôr em risco o conhecimento com uma série de outras informações que o grupo traz: impressões, sentimentos, emoções, desabafos... que nem sempre ligados ao assunto, o grupo pesquisado, pode trazer quando se sente à vontade, na relação com o outro que o estuda, como também, enquanto pesquisadores, é necessário fugir das armadilhas de idéias pré-elaboradas sobre o objeto em estudo.

Conforme se percebe nesse texto, a pesquisa ocupou um espaço de tempo que inclui a própria vivência no local e as demais experiências desenvolvidas, mas para efeitos de sistematização dedicamos o ano de 1991 para o trabalho mais rígido de campo. Nesse momento, preferiu-se a estada no local escolhido, dando prioridade ao contato direto com as pessoas envolvidas, e, quando possível, a permanência em suas próprias casas. Conforme é sabido e "rezam" as regras de convivência e costumes da nossa cultura, não se costuma chegar num local para ficar por semanas sem uma combinação prévia. Atentos a esta situação, foi feita comunicação com as pessoas "representantes" dos movimentos e organizações populares para refletir acerca da questão e foi-se imediatamente orientados a hospedar-se nos locais que já são, em si, reservados a situações desse tipo.

Assim sendo, em Pilões, hospedou-se na casa paroquial local. Permaneceu-se ali por quatro dias, em companhia de uma jovem secretária da

---

14- A pesquisa propõe situações em que um não escapa dos critérios de avaliação do outro. Um está sempre medindo, pensando..., o outro, avalia e representa. Nessa linha de raciocínio, pensou também Aercio Cândido (1991: 09).

paróquia e uma senhora que cuidava da casa. No segundo momento da pesquisa nesse município, com a companhia de uma assistente de pesquisa, foi permitido estada no Engenho Avarzeado<sup>15</sup>, local em que os trabalhadores junto aos seus representantes, já haviam pensado um "esquema" para receber: casas para almoçar, ou jantar, casas para visitas e a casa Grande do Engenho, que é atualmente local de reuniões, para dormir.

Percebe-se que, apesar de toda a organização que foi pensada, havia outras preocupações a respeito da dormida. A família que, naquele momento respondia pela casa não se encontrava no local, a casa estava sem ninguém e sem muitas condições para se dormir. Principalmente, para "duas moças dormirem sozinhas", diziam eles. Mas não estava em jogo só a coragem, da pesquisadora e suas assistentes, a questão maior era cama ou redes para se dormir, o que não se falava. O fato de ter redes na bagagem fez com que esses trabalhadores ficassem aparentemente satisfeitos, impressionados apenas com a coragem, e decidiram dar um crédito de confiança.

Em Tacima, foi permitida a estada também na casa paroquial local. Ali ficou-se por um período de quatro dias. Apesar de ser uma casa paroquial, a moradia era reservada a duas jovens missionárias que se responsabilizavam pelo trabalho pastoral-missionário da área. Junto a estas missionárias, foi possível estabelecer uma convivência amigável e, até certo ponto, se envolver nos acontecimentos do local, pois, naquele momento, os animadores de base da

---

15- O Engenho Avarzeado, também chamado pelos moradores locais, "Engenho dos Padres, corresponde a uma doação à Arquidiocese de João Pessoa, pelo Bispo Dom Santino. É fruto de herança familiar do referido Bispo, que expôs condições variadas para a doação, entre elas, zelar o túmulo dos familiares mortos e investir nas vocações sacerdotais. Criada a Diocese de Guarabira, o Engenho passa a ser "gerenciado" por D. Marcelo, que em seguida entrega a responsabilidade aos moradores que hoje vivem em regime "de posse comunitária".

igreja se preparavam com a realização de uma "semana da catequese", em função do "Encontro de Catequese", que se realizaria no fim de semana, no Centro de Catequese na cidade de Pirpirituba. Na convivência com as misionárias, principalmente nos horários de volta do campo, ou nos intervalos das refeições, quando não estava fora da cidade, participava também das discussões e preocupações vividas no momento, na esfera do trabalho pastoral, foi-se sempre convocadas a contribuir no processo.

Embora tenha sido preocupação e tarefa assumir as despesas com a alimentação, não escapa aos carinhos e cuidados que tanto as misionárias como os trabalhadores no campo, tiveram pela pesquisadora. Nas casas, onde chegava tinha sempre "uma coisinha" para oferecer: um café, um milho assado, cozido, uma tapioca, chá, solda... simbolicamente, apesar de ser um aspecto da prática comum das pessoas do campo, era um sinal de agradecimento da visita.

Na relação com os entrevistados, identifica-se interpretações diferenciadas da visita: uns esperando resultados, benefícios que essa conversa poderia trazer; outros, já queriam saber se ia ficar para ajudar na celebração, na reunião, se era uma palestra no fim de semana... pelo nível de entrosamento criado, esperavam que pudesse contribuir nos encaminhamentos dos trabalhos pastorais, na relação com o pároco local, onde havia desentendimentos; outros ainda apresentavam-se satisfeitos, agradecendo a visita, desejando a volta e oferecendo produtos de seus trabalhos: bananas, uma cachaça...

Uma família de moradores de fazenda, mostrou-se muito emocionada com a visita, por residirem muito isolados, esforçando-se para ter muito rapidamente, todas as informações sobre aquela visita. Num primeiro momento,



reagiram em falar sobre o assunto perguntado. Com as informações prévias, falaram livremente. No final da entrevista, uma das assistentes resolveu bater uma fotografia, pediram para esperar, e uma das filhas tratou logo de trocar o vestido, enquanto sua mãe foi pentear os cabelos. Pronto, finalmente a foto! Uma fotografia para uma família de meia idade acima, que nunca teriam tirado uma foto em conjunto.

Não esquece-se os demais agradecimentos externados.

*"Eu gostei muito principalmente você ter vindo a primeira vez aqui. Realmente, eu fico agradecido porque a gente tem que dizer aquilo que a gente vê e aquilo que está na nossa mente."*  
(Roberto, Engenho Cantinos)

Seguindo os passos e os descompassos das situações vividas, dos sentimentos levados no peito e na alma, foi-se vivendo, com a pesquisa, os momentos de descoberta e aprendizagem que a realidade, aparentemente conhecida, desvendava com cada gesto, resposta, posicionamentos nas várias práticas vividas entre pesquisadores e público pesquisado.

Tantas outras situações revelaram as várias fases de um mesmo público que puderam motivar esta pesquisa, favorecendo o equilíbrio entre as emoções e a razão de poder descrever uma explicação da representação camponesa.

## CAPÍTULO I

### O CENÁRIO EM QUE OCORREU A PESQUISA

#### 1 - Redescobrimo o Brejo

A pesquisa aqui introduzida deu-se na região denominada Brejo da Paraíba<sup>16</sup>.

Ao falar do Brejo - região geográfica - focaliza-se a existência de um conjunto de acontecimentos que vão deixando pistas para uma análise mais eficaz da região e das relações sociais que, ao longo da história, vão se estabelecendo.

Tratou-se de questões relativas às formas de como passado e presente definiram e organizaram a economia; acontecimentos explicativos da política; da organização de grupos sociais, incluindo as manifestações religiosas e demais práticas culturais do povo ou de um povo que os estudos, as pesquisas, enfim, a produção científica<sup>17</sup> que o Brejo tem provocado, apontam indicadores que tornam relevantes os fatores particulares ocorridos tanto na área urbana, como nos compartimentos rurais. Sejam evidências nas formas como se

---

16- O Brejo fica situado a 90 km do litoral, compreende as microregiões homogêneas do Brejo propriamente dito, a parte do piemonte da Borborema, do agreste da Borborema e do Curimataú. Possui um elevado número de municípios, somando-se um total de 26, com uma superfície de 4 mil Km<sup>2</sup>. E uma população de 450 mil habitantes. A densidade demográfica é superior a 110 hab/Km<sup>2</sup>. O que significa ocupar maior número que a média do Estado que em 1990 era de 49 hab. por Km<sup>2</sup>. (Cf.Censo demográfico, 1980)

17- Ver os Escritos de José Américo de Almeida (1937,1974); Afrânio Garcia (1990); Gisésia Potengi (1984); Giusepe Tosi (1988); entre outros....

organizam em mercado, seja na política, na vivência em geral. Tais evidências, ao explicarem situações e períodos históricos determinados, vão pouco a pouco traçando o perfil da região e explicando seu passado e as práticas sociais que definem o presente explicando as similaridades ou diferenças entre habitantes desta região.

É notável que a localização geográfica do Brejo confere-lhe um certo destaque, muitas vezes, até podemos considerar um certo privilégio em relação às demais regiões do Estado da Paraíba. Vales úmidos profundos e acidentados, com índice de pluviosidade superior à média do Estado, solos férteis e aptos para o cultivo agrícola. Defrontando-se com o litoral onde prevalecem os tabuleiros e as várzeas bem como no sertão de clima mais seco e úmido e relevos acidentados<sup>18</sup>.

As características particulares que o Brejo apresenta fazem com que o denominemos também de uma região bonita, agradável e atraente. O verde da cana-de-açúcar não conseguiu apagar, por completo, a beleza, a grandeza do verde das pequenas matas que ainda restam, o verde das bananeiras, mangueiras, o verde símbolo da esperança de um povo que luta pela preservação e conquista da terra que para os trabalhadores começa a ser escassa.

A economia da região se subdivide entre três grandes campos: área canavieira, área de latifúndio pecuário e uma área destinada à policultura. (Tosi:1988\;25). Essa subdivisão tem sido importante em termos de análises para compreender as relações sociais que o homem rural, ou mesmo o homem das periferias urbanas, estabelece com a terra.

---

18- Cf.Tosi 1988.

Na área tipicamente canavieira situam-se as terras férteis das encostas da serra da Borborema: Pilões, Alagoa Grande, Alagoa Nova, Areia, Borborema, Pirpirituba e Serraria.

A área em que predomina o latifúndio pecuário faz divisa com o Estado do Rio Grande do Norte. Inclui os municípios de Araruna, Cacimba de Dentro, Dona Inês, Caiçara, Tacima, pertencentes ao compacto da micro-região do Curimataú. Esta região não oferece cultivo para a cana-de-açúcar devido ao clima mais árido. Prevalece o latifúndio extensivo para a criação de gado, que convive com a pequena produção de alimentos dos arrendatários. A maioria das terras encontra-se ocupada com pastagens naturais que alimentam um rebanho relativamente escasso, ou, então, são cobertas de áreas economicamente improdutivas.

Finalmente, uma área de policultura intermediária entre as duas sub-regiões, motivada pela sua própria posição geográfica. Situando-se aí os municípios de Belém, Guarabira, Alagoinha, Cuitegi, Pilõezinhos, Araçagi, Mulungu, Solânea e Bananeiras.

Nesta região convivem a plantação de cana-de-açúcar e pecuária extensiva, com um número expressivo de pequenos produtores, minifundiários que se dedicam à produção de alimentos de consumo básico, bem como à produção de valor comercial, tais como o urucum, o abacaxi, a castanha de caju, a pimenta do reino, o fumo, a banana, entre outros.

Nota-se ainda que, mesmo sendo subdividida em três distintos campos, a referida região apresenta particularidades acerca desta divisão: por um lado, as sub-áreas caracterizam-se pela predominância de uma cultura específica. Por outro lado, mesmo entre a predominância de uma cultura específica, há grupos

de camponeses que tentam outras formas de relação com a terra, como é o caso das áreas predominantemente canavieiras, em que os trabalhadores tentam manter seus pequenos roçados mesmo entre as encostas ou áreas mais acidentadas. Quando isso não é possível, recorrem ao arrendamento de uma pequena área para o cultivo agrícola. Este fenômeno é característico também para entendermos a própria diversidade em que se encontram os camponeses nesta região<sup>19</sup>.

Recorrendo aos antepassados históricos, Afrânio Garcia (1990:60) assinala bem:

*"(...) a região que hoje é denominada de Brejo e Agreste era ocupada, até o século XVII, por grupos de indígenas, Carvalho (1952, p.102) fala de índios da família cariri, como Joffily (1991, p.25) enquanto José Américo, dizendo-se apoiar em Frei Vicente Salvador, fala em Aldeias potiguares (Almeida, J.A. 1937, p.102). De qualquer forma todos apontam que o Brejo só foi ocupado por colonizadores no séc. XVIII, vindos tanto de uma frente do leste da Borborema, de Várzea", quanto vindos do Sertão. Joffily (1989 p.117) refere mesmo que os primeiros habitantes do Brejo seriam agregados de fazendeiros do Sertão, e Correia de Andrade "(1957, p.28) registra que o povoamento desta área foi feito em função do abastecimento dos boiadeiros provenientes do Sertão, que iam abastecer os engenhos do litoral da Paraíba e Pernambuco".*

Seja por suas condições geográficas, seja por particularidades históricas, conseqüências de sua própria colonização, a região ocupa um espaço determinante na produção de cana-de-açúcar, que explica e posteriormente, caracteriza sua economia, uma produção que é acentuada em 1975 como o desenvolvimento e incentivo do pró-álcool, possibilitando uma expansão progressiva do latifúndio na região, fazendo com que grandes áreas antes ocupadas com o cultivo de atividades de subsistências transferissem seu cultivo

---

19- A seguir, trataremos sobre esta questão.

para a cana-de-açúcar. Com esta característica, a região atravessou, de fato, uma fase de reformulação nas relações de produção e de trabalho, reproduzindo processo que teve lugar noutras regiões canavieiras do País<sup>20</sup>.

Os engenhos cedem lugar às Usinas. Este fenômeno que começa a ser germinado em 1950, conforme indica Afrânio Garcia (op. cit. 72).

*"(...) o declínio dos senhores de engenhos se acentou entre 1950 e 1980, de uma forma sem precedentes até então. Vimos que em 1909 havia 102 engenhos moendo, segundo registro de José Américo de Almeida (1937, p.243); para 1949 Nilo Bernardes fornece um mapa organizado pelo Serviço Nacional de Febre Amarela onde se pode contar 97 engenhos, numa queda de apenas 5% em 40 anos. Em 1980, Braga de Sá, que tomou os engenhos como objeto de análise, registra 37 engenhos produzindo rapadura, citando como fonte a Coletoria Estadual do Município (Braga de Sá, 1980, p.88). Deixam de moer, portanto, no período 1950-80, 60 engenhos, ou 62% dos estabelecimentos com atividades no início do período. É neste período que muitos senhores vêem seus engenhos quedarem-se de fogo morto".*

Com a pesquisa pôde-se constatar que só em Pilões, uma das cidades pioneiras no cultivo da cana-de-açúcar na região, ainda restam 42 engenhos, destes, apenas três moendo para cachaça e rapadura. Os demais, são fornecedores para a Usina Santa Maria, situada no município de Areia, que faz limites com o município de Pilões. Conforme visualizou-se, naquele momento, o Engenho Boa Fé, incluído entre os três ainda em funcionamento, estava em processo de transformação em usina.

Foi em 1992 que ocorreu um dado novo, na área canavieira do Brejo. Observou-se que um novo processo de redefinição da economia canavieira se instalava, conseqüentemente, uma reformulação das relações de trabalho, na região, é implantada uma destilaria. A Usina Santa Maria, por entrar numa fase dedeclínio, constitui a mola mestra dessa mudança. O campo começa a mudar.

---

20- Cf. Cardoso, 1989.

O que substituirá a plantação de cana na região? A pecuária? A volta à pequena produção?

Os próprios trabalhadores entram no processo de indefinição do amanhã. Os proprietários alegam não ter dinheiro para indenizar a grande massa de assalariados que formava a mão de obra da Usina Santa Maria. Os trabalhadores, por outro lado procuram uma saída, vão aos órgãos públicos, recorrem às entidades representativas da classe, mas a situação permanece. O quadro é estável e deixa a questão no ar: o que substituirá a cana-de-açúcar? Há indicação de que seja a pecuária, mas não se sabe com certeza. Sobre a suposta indicação de que, possivelmente, a pecuária venha auxiliar, ou mesmo substituir, a plantação canvieira nesse município, não é de se estranhar pois, como bem analisa Garcia (1990:62), não se pode esquecer que ser senhor de engenho no Brejo estava freqüentemente associado, ao longo do século XIX, a possuir fazendas nas partes mais secas do território de Areia, no Agreste e no Curimataú; e que o gado empregado para moer a moenda, antes da introdução do maquinismo, passava o verão no Brejo, mas no inverno era levado para as regiões mais secas, fugindo aos riscos de epizootias. Nestas fazendas das partes mais secas, cultivava-se o algodão, portanto o binômio gado-algodão é bem antigo.

É bem possível que no cenário atual, em que visualiza-se não mais senhores de engenhos coordenando a produção, em destaque na região, mas defrontamos com "senhores de Usinas", recuperem a lembrança dos velhos tempos em que se combinavam as diferentes atividades de produção, e, de fato, seja a pecuária uma resposta à situação vigente, que aparecerá não como combinação de produção, mas saída para a problemática atual.

É bom lembrar que embora se esteja falando de uma situação particular, do município de Pilões e Areia, é uma problemática que envolve a região em seu conjunto, uma vez que se costuma combinar a produção entre trabalho assalariado e as outras estratégias particulares.

### **1.1 - Os Municípios Escolhidos**

A princípio, as razões da particular história que o Brejo apresenta motivaram a escolha de três municípios, Pilões, Pirpirituba e Tacima<sup>21</sup>, entre os vinte e seis que compreende a área<sup>22</sup>. Notadamente, a escolha não foi fácil. O campo, de possibilidades, vasto e sugestivo, por isso provocador de desejos para uma eventual pesquisa, exigiu um processo de longas reflexões acerca da escolha.

A referida escolha obedeceu a dois critérios. Primeiro: através destes municípios pode-se visualizar a atuação das lideranças sindicais, que se destacam com diferentes trajetórias, favorecendo e dinamizando a análise. Segundo: é que, ao mesmo tempo, tais municípios são, de certa forma, uma amostra da diversidade e da problemática, pois incluem a convivência e a disputa entre cultura predominante, cana-de-açúcar e os cultivos próprios de pequena produção e pecuária.

Traços semelhantes e distintos caracterizam esse municípios. Aproximando-os ou separando-os em termos de análise, pois na prática, nos aspectos do cotidiano, eles fazem parte de uma singular história cultural vivida por um mesmo público. Refere-se aqui aos costumes, aos tipos de feira, à

---

21- Mapas dos municípios em anexo. Números: III, IV e V.

22- Cf. Mapa da região. Anexo VI.



religiosidade, enfim, a vida em geral. Um povo simples, que acorda cedo, muitas vezes sem café, já sai para trabalhar. Se são canavieiros, lá vão eles, pés na estrada, ou sobre um caminhão, o destino é chegar ao grande campo do canavial. Outros homens, mulheres, crianças, às vezes, um cachorrinho segue-os enfrentando sol, chuva ou sereno, o trabalho deve ser feito, pois dele depende o dia de amanhã: são camponeses, o trabalhador de enxada, que não é tão diferente daquele que passou no caminhão, porque muitas vezes se fala de uma mesma pessoa em dois momentos: do ciclo agrícola ou do ciclo de vida enfrentando quase que os mesmos problemas, na luta pela sobrevivência.

É o feijão ou a farinha que todos pretendem comprar, às vezes, um "caíco", "avoador". Como eles dizem: não se fala mais em bacalhau, camarão muito pior, virou comida de rico. A carne não dá nem para falar, quando no terreiro existe, quem sabe, um pinto, pode-se matar, no domingo, o almoço pode mudar... Lá vão eles, homens simples, às vezes bonitos, porém mal vestidos. Atraem políticos em épocas de eleições, momentos que podem aproveitar para conseguirem pequenas regalias como ajuda, através do título de eleitor. Mas não é de se estranhar, revendo aspectos do cotidiano de outros grupos rurais, percebemos que a questão é recorrente ao campesinato em geral. A esse respeito Novaes expressa-se muito bem na citação seguinte:

*"Há uma certa ironia que acompanha as expressões "tempo de eleições" e "promessas de políticos". Mas há também a consciência de que este é um tempo a ser aproveitado. É neste momento que os pedidos devem ser feitos. Assim, os agricultores abordam os políticos ou pressionam seus representantes locais com inúmeras reivindicações. Empregos no setor público ou privado para os filhos ou parentes, instalação de energia elétrica nos sítios, abertura de estradas e caminhos, cobertores para o inverno e outros bens de uso pessoais ou domésticos são alguns exemplos. Os ricos precisam dos pobres nesta época, e esta situação conjuntural deve-se tirar proveito imediato ou a médio prazo..."*

Lá vão eles ainda: arrumados, aqui vestiram a melhor roupa, enfeitados com cores fortes ou singelas, participam das missas e depois, é o momento de festejar. Mesmo que não possam ter acesso devido ao pavilhão, pelo menos, uma pipoca, um algodão doce para agradar os meninos, ou mesmo para eles próprios, devem comprar. Quando o dinheiro dá, outros meios de divertimentos são utilizados<sup>23</sup>: carrocéis, jogos, etc. Quando se pergunta sobre festas, parece haver uma só resposta, ou um discurso: "aqui tem festa de Ano Novo e de Natal. Tem também do padroeiro, na Matriz, ou na Capela..., uma vez por ano". Em Pilões, o padroeiro é o Sagrado Coração de Jesus e Pirpirituba, Senhora do Rosário, mas o São Sebastião em 20 de Janeiro não se pode deixar de festejar. Em Tacima é Santa Ana, festa que se comemora no mês de julho.

Essa vivência do catolicismo, à qual se refere à análise, em momentos, pode ser significada em procissões/romarias com as imagens. Noutros momentos, vive-se o antigo provérbio: "PELO SANTO SE BEIJA O ALTAR", mas, cadê o santo? Os trabalhadores rurais substituem as imagens, trazendo consigo seus instrumentos de trabalho, utilizando faixas, cartazes, anunciam que são posseiros e que reivindicam a posse da terra em conflito.

Há uma caminhada que culmina na celebração de uma missa, em que todos os posseiros podem falar, mas conforme o costume, a Pastoral da Terra, o Centro de Orientação dos Direitos Humanos vão se pronunciar. Versos, Prosas, Canções, intercaladas por trechos bíblicos. Nesse palco, o trabalhador pode, de fato, se apresentar; a platéia é a mesma, mas reúne gente de todo lugar, os cantos entoam palavras diretas das suas vidas, por exemplo:

---

23- Sobre a participação dos católicos nas festas e diversões, ver Novaes, op. cit. 1985: 103.

*"Eu sou roceiro vivo de cavar o chão/Tenho as mãos calejadas/meu senhor, me falta terra, falta casa e falta pão:/Não sei aonde é o Brasil do lavrador.*

*- Só tenho a enxada e um título de eleitor/Para votar em seu fulano fui educado/Que não faz nada pelo pobre agricultor/Que não tem terra pra fazer o seu roçado.*

*- Esse país é do tamanho de um Continente, mas/Não tem terra para o homem da mão grossa/De norte a Sul, de nascente a poente/Vive à procura dum lugar pra fazer roça<sup>24</sup>.*

Há momentos em que, identificando-se com ou identificando "o santo e o altar", esses trabalhadores, que lutam pela terra, também rezam e pagam promessas promessas em praça pública ou nos altares. Adoram o corpo de Deus, vão à Igreja para fins de sacramento.

Os municípios são tão pequenos que parecem favorecer ainda mais a existência de encontros dessa natureza. É assim que, apesar das suas particularidades, Pilões, Pirpirituba e Tacima, se encontram.

Pilões aparece com um certo destaque, o próprio povoamento do município deu-se em função de uma atividade comercial sendo consequência da influência da penetração comercial exercido por Mamanguape<sup>25</sup>.

Em 1716, a doação de uma sesmaria de 09 léguas pelo Araçagi-mirim, começando na barra do "Araçagi Grande" até encontrar os heróis do Curimataú. Cem anos depois, outra sesmaria confunde aquele rio com o de Pinturas, o que comprova que ainda eram obscuras e dispersas as povoações que ali estavam<sup>26</sup>.

---

24- Extraído do livro "Povo que Canta". (nº 289)

25- Cf. Enciclopédia "Sua Terra e Sua Gente". O município de Pilões. Pag. 171. Biblioteca Municipal Local.

26- Op. cit. pag.271.

Segundo a tradição, teriam sido as famílias Arouxas e Abreus, que povoaram a cidade, porém nada ficou que pudesse comprovar a sua presença ali, como senhores proprietários ou descendentes históricos de Pilões.

Em 1815 - criação do município de Areia - Pilões tem seu território anexado ao novo município. Na segunda década do séc. XIX, o povoamento progrediu.

Em 1818, o governador da capitania, em ofício dirigido ao rei, fazia menção a um protesto que lhe fizera o "comandante da povoação de Pilões contra a nomeação do capitão-mor de Areia, com acusação de nível inferior, inclusive, taxando-o de analfabeto, mecânico de profissão e cabeça de partido de europeus contra brasileiros".

A geografia de Beaurepaire Rohan, em 1860, versando sobre Areia, dava Pilões como seu distrito, já possuindo a capela que tinha sido a sua primeira construção<sup>27</sup>. A capela, hoje matriz, representa uma grande construção, em destaque na cidade, confirmando aspecto e resquícios da colonização.

Foi o padre Ibiapina que, mais tarde, deu consistência à referida capela de Pilões, tornando-a matriz da freguesia, criada em 1876.

Em 1897, a lei nº 80 de 13/04, eleva-a à categoria de vila, transfere a sede para Serraria, município vizinho. Com o topônimo de Pilões de Dentro, é distrito de Serraria, 1936, 37 e 38. Em 1939/43 é chamado de Entre Rios. Em 1944/48 volta à antiga denominação de Pilões e em 1953, no mês de Agosto, restaura a condição de autonomia e é oficialmente município em 1º de janeiro de 1954.

---

27- Op. cit. pag.272.

Em Pilões, a maioria das pessoas também residem na periferia da cidade. A cidade reúne uma população de 7.430 hab., com 4.860 destes, na zona urbana<sup>28</sup>.

Não diferindo de Pilões, a quantidade populacional rural de Pirpirituba é também inferior à urbana<sup>29</sup>. Mesmo sendo incluída numa região de policultura, Pirpirituba vive entre a pequena produção, o comércio e o trabalho da indústria canvieira. É neste município que, em 1985, instala-se e começa a funcionar uma Destilaria de Alcool que provocou alterações nas relações de trabalho local. O município é pequeno, parece pacato, a feira não costuma durar mais que meio dia. Tradicionalmente, a feira maior é em Guarabira, cidade situada a 9 km de distância.

Seguindo na direção de Rio Grande do Norte, lá está Tacima, situada na região do Curimataú. Mas em termos de vivência social, econômica... está no Brejo. Aqui, finalmente um dado novo: a maior parte da população ainda está no meio rural<sup>30</sup>. Não poderia ser diferente. A cidade não teria espaço para tanta gente uma vez que os limites das propriedades rurais chegam, como correntemente se diz, na porta da cozinha das casas. O INCRA registra propriedades de 3.848 ha em detrimento a outras que chegam a atingir 25 ha, tomando-se individualmente.

---

28- Cf. recenseamento de 1980. Em 1970, Pilões tinha uma população de 8.188 hab. Com apenas 1.230 destes na área urbana. O restante residia na área rural. Apresentando uma densidade demográfica de 129.97 hab. Km<sup>2</sup>. Possui uma área de 63Km<sup>2</sup>. Ocupando 14º lugar no Estado.

29- O IBGE aponta uma população de 10.160 hab. com 6.650 localizados no perímetro urbano. Os 3.510, na área rural.

30- De acordo com o recenseamento de 1980, Tacima possui uma população de 13.070 hab. com 9.120 no campo e 3.950 na área rural.

A criação bovina domina boa parte do espaço e constitui a base para a organização da economia local, o que, muitas vezes, repercute na própria relação de disputa: homem ou o boi na terra ?

## 1.2 - A Diversidade dos Trabalhadores no Meio Rural do

### Brejo.

De acordo com o recenseamento de 1980, ocorreu, em geral, uma alteração na forma de sobrevivência do homem no campo. Em 1970, 70% da população brejeira vivia na zona rural; em 1980, este número decaiu para 60% e registra-se um elevado número de conflitos em torno da permanência na terra. Os pequenos proprietários, posseiros, assalariados e meeiros, que sobrevivem da combinação de atividades distintas, não diferem daquelas que assinala Afranio GARCIA em momento anterior:

*(...) mesmo os pequenos proprietários podem lançar mão de terra alheia como rendeiros, ou como meeiros quando seus recursos são limitados; ou, quando se deslocam para longe, por um tempo grande, é freqüente atribuir parte de sua terra a rendeiros ou meeiros. Um rendeiro em determinada propriedade pode ser meeiro em outra, e ser rendeiro em determinado ciclo agrícola não exclui ser meeiro no ciclo agrícola seguinte, nem vice-versa. Assim também é comum ver pequeno proprietários rendeiros e meeiros associarem as atividades agrícolas ao negócio em feiras, bipartindo o tempo semanal entre cuidar do sítio e/ou do roçado e negociar em duas ou mais feiras da região. E o trabalho alugado existe, ao mesmo tempo virtualidade para todas as a categorias, como forma de obter renda monetária que dê acesso à subsistência familiar, quando se está diante de uma situação particularmente difícil. (Garcia, Jr. 1990 : 54).*

Normalmente, os pequenos proprietários assalariam-se em épocas de entre-safra; dependendo das "posses", arrendam um pedaço de terra para ampliar a plantação de cultura de subsistência; criam um animal, que auxilia as

compras de utensílios como: roupas, fardamentos para os filhos em idade escolar, ou mesmo auxílio dos preparativos para as comemorações de fins de ano, momentos em que, ainda se costuma reunir a família, e receber os parentes que migraram para o sul e sudoeste do país.

Muitas vezes, o trabalhador que vive da pequena produção, recorre também a atividades comerciais, como assinala Garcia, vende um produto na feira, etc. A prática de combinar várias atividades para sobrevivência é uma constante entre as diversas categorias, mas a atividade do comércio, ou "negócio", na feira, acaba sendo mais freqüente entre aqueles que vivem da pequena produção, ou seja, que têm a pequena produção como fonte de maior peso, na aquisição de meios para a sobrevivência.

Aqueles que vivem, exclusivamente, do trabalho arrendado se distinguem com índice maior de viagem para o Sul e sudeste do país. Geralmente, trabalha-se no inverno e viaja-se em épocas de verão e/ou períodos de grande estiagem que se tornam difíceis para a própria sobrevivência na região.

Os que residem nas cidades, costumam combinar atividades rurais com outras tipicamente urbanas: são vigias noturnos, em serviços públicos; guardas de ruas; consertadores de eletrodomésticos, em geral, aparelhos simples de uso cotidiano.

A meia é uma relação que se torna possível não só no âmbito agrícola, ela se verifica também na criação de animais, cuja prática é mais freqüente entre os pequenos proprietários que possuem um terreno muito pequeno.

Em geral, são os rendeiros aqueles que, geralmente, enfrentam a luta pela posse da terra. O primeiro sinal de alerta é quando o proprietário decide

não receber mais o "foro"<sup>31</sup>; aí está a porta de entrada para estourar um conflito, em torno da terra. Não receber o foro significa, para o patrão, encontrar um motivo para justificar a ilegalidade da posse.

### **1.3 - A Migração como um Meio de Vida**

A Migração, para o sudeste do país, tem sido uma alternativa que, tradicionalmente, faz parte da história de vida dos trabalhadores no Nordeste no Brasil, em particular no Brejo paraibano. No decorrer desta pesquisa, pôde-se perceber que a experiência da migração era um fator comum às famílias. Seja um parente próximo ou distante, todos mantinham vínculo com o Rio de Janeiro e/ou São Paulo, casos restritos, com Brasília.

A migração aparece sempre como uma estratégia ao complemento da renda familiar ou da aquisição de pequenas reservas para determinados fins. Estes fins variam: entre os que migram apenas de adquirir meios para reprodução de força de trabalho, geralmente é uma migração que ocorre em épocas determinadas: períodos de secas, ou mesmo intercalando as estações de verão-inverno; outros que têm objetivos de longo prazo, esperam trabalhar um ano, dois, ou até mais, visando a pequenas economias para abrir um pequeno comércio, na sua região de origem, ou até mesmo, para aquisição de bens visando ao casamento, situação mais presente entre os jovens.

Conforme se percebe, a migração ocupa um espaço considerável na vida

---

31- **Foro ou Renda:** em outros trabalhos distingue-se essa relação, na linguagem dos trabalhadores do Brejo são sinônimos. Corresponde ao pagamento feito por parte do rendeiro pelo uso da terra. Podendo ser efetuado em dinheiro ou em espécie.



dos trabalhadores, na região do Brejo. Ocorre como um projeto de vida ou parte dele. É sempre uma alternativa, potencialmente possível para uma mudança de vida ou para a sustentação desta.

Entre os nossos informantes há relatos que constituem verdadeiros acervos da história de idas-e-voltas ao sudeste do país, em suas memórias.

*P - Além desse serviço de rendeiro o sr. já saiu para trabalhar noutra serviço?*

*R - Já saí muito. Eu viajava para o RIO, dei bem pouquinha viagem, 30; andei procurando melhorar a situação.*

*P - O sr. viajava em que época?*

*R - Viajava na época da seca; não tinha tempo marcado. De 05 a 10 meses; ficava mais tempo lá do que aqui; quando eu voltava tocava o serviço, geralmente era o tempo em que ela (a mulher) trabalhava; eu deixava serviço e ela tocava pra ver se nós comia alguma coisa.*

*(...) foi a minha vida, fevereiro de 50 até a data de '84 - 30 anos a mais de viagem. (Sr. Tota, rendeiro, Bola - Tacima).*

Histórias que se recobrem de significações culturais próprias e deixam, ao mesmo tempo, espaços para outras explicações que, de certa forma, se inserem no plano de uma história sócio-estrutural, mais ampla do país: oferta de serviço em períodos que coincidem com o processo de industrialização brasileira. Conforme é sabido, as décadas de '50, '60, '70 expressam imagens de um Brasil "em desenvolvimento", em que ocupava espaços nas políticas governamentais a meta da industrialização.

Práticas facilitadoras desta invenção evidenciam-se e, neste contexto, constroem-se as respostas às dificuldades dos nordestinos, por canais de modelo de desenvolvimento do país, que inclui a migração. A migração deveria se inserir no quadro das políticas de apoio à industrialização, que viessem "associadas ao propósito de reduzir as desigualdades regionais Nordeste-Sul e de elevar o padrão de existência da população trabalhadora"<sup>32</sup>.

---

**32-** Cf. Travessia. Revista do Migrante. Trabalho. Ano III. nº 8 de setembro de 1990. Ver também Menezes, 1985.

Entretanto, o caminho desenvolvimentista empreendido com maior decisão durante o governo Kubitschek, fortaleceu a formação de centros industriais urbanos que se tornaram fontes dinâmicas de emprego e, por isso, pólos de atração para os trabalhadores de todo o Brasil".

Simultaneamente, no Brejo da Paraíba - onde a extensão do latifúndio colaborou na expulsão do homem do campo, empurrando-o, cada vez mais, para as periferias urbanas, ou colocando-o exposto a situações conflituosas na relação com a terra - a migração foi, e ainda é, meio para conservar e garantir a própria subsistência, seja no âmbito rural, seja no âmbito urbano, trabalhadores procuram "melhorar a vida" auxiliados pela migração.

Migram moças, rapazes, e até mesmo adolescentes que, em algumas situações, têm acrescido suas idades para aquisição dos documentos necessários. A falta de recursos constitui a explicação para a maioria das viagens. Entre os solteiros, parece prevalecer a tentativa para construir uma vida na região: "um pé de vida", coisa desse tipo. (Investir no tal negócio)<sup>33</sup>.

Mas "conseguir um meio de vida", com as viagens ao sul do país, nem sempre é possível. Mesmo não sendo a opção desejada, a solução é continuar por lá e até construir uma família e uma profissão. Quando estas situações acontecem, o Brejo passa a ser um local de visitas em épocas de férias que, geralmente, coincidem com os momentos festivos da região: Natal, Ano Novo, ou em festa de padroeiro da cidade..., quando não mudaram de

---

33- Embora a escassez de terra seja mais crescente, a questão que se coloca com a migração a procura de salário. Uma vez que, prevalece o peso da luta pela satisfação imediata das necessidades básicas. O desejo de acesso a terra não se desfaz, mas a migração em si, não é suficiente.

religião<sup>34</sup>. Mas o curioso é que independentemente de qualquer situação, comumente se ouve falar: "se eu pudesse moraria aqui,mas sem um salário não dá".

#### **1.4 - Deslocamento nas Relações de Poder na Região.**

Sabe-se que tradicionalmente, no Brejo, cabia ao sr. de engenho, ao proprietário fundiário, o controle maior sobre seus moradores. A forma de organização econômica nesta região, reflete as formas de se fazer a política, de modo que voto e regalias econômicas andaram sempre juntas presentes nas diversas práticas estabelecidas entre proprietários e trabalhadores na região. Atualmente, pertinho do ano 2000, o fato não deixou de existir, noutra roupagem, cenário e situações análogas vão acontecendo.

Em épocas em que vigorava o poder do senhor de engenho à moda antiga,esse poder ocorria sob condições de sujeição. "Trabalhava-se cinco dias por semana para o patrão". Garcia (op.cit. 40); na década de '80-'90 observa-se que formas de sujeição convivem com formas modernas de exercício de poder, redefinindo aspectos de uma dominação tradicional. Nas áreas em que predomina o trabalho arrendado, espaços do grande latifúndio, trabalha-se, espaços do grande latifúndio, trabalha-se, geralmente, dois anos numa terra e, mesmo antes que a colheita seja concluída, o gado pode ser colocado dentro do roçado, tornando o trabalhador sujeito e submetido aos "tratos" e gostos do proprietário.

Remetendo à análise a questão do voto, observamos que entre as

---

34- Embora seja um fator recente na história dos migrantes 'nordestinos, a procura de outras religiões tem sido fator presente em suas vidas. Apesar de serem na maioria católicos, os próprios pais e/ou os irmãos, nas entrevistas, falaram da inserção dos parentes em outras religiões, ou seitas como: Assembléia de Deus, Deus é Amor, e Universal do Reino de Deus. etc.Sobre este assunto Ver "Os escolhidos de Deus". Novaes, 1985.

várias regalias que o voto oferece ao trabalhador-eleitor, no município de Tacima, o voto tem sido um trunfo eficiente para a aquisição de um roçado<sup>35</sup>.

"...votei no candidato do patrão para continuar com o roçado". (M.R.Bola). Como bem lembra Victor Nunes (1978: 25) são "os chamados votos de cabrestos, que resultam em grande parte, de nossa organização camponesa".

Na área canavieira, por exemplo, os patrões utilizam de outros incentivos para atrair os trabalhadores, ou mesmo para tê-los sob o controle, fazendo permanecer a idéia de bom patrão.

Em épocas de festas tradicionais, costumam promover atrações no interior dos engenhos, na casa grande, que, embora se tratando de uma festa interna em que se reúne a própria família do proprietário, os trabalhadores são convidados e, de alguma forma, acabam se envolvendo na comemoração. Dizia-se em entrevista: "Todo ano o patrão faz duas festas na casa dele. Uma no Natal, e outra no São João; é uma festona, os moradores vão"<sup>36</sup>.

Outro caso que chamou a atenção é quando iniciava um processo de dissídio coletivo, o sindicato promoveu assembléia e era preciso um quorum mínimo de trabalhadores para encaminhamento das votações, (aprovação de pauta de reivindicação, em função da greve canavieira), o patrão ofereceu um ônibus para os trabalhadores assistirem a um jogo de futebol na cidade vizinha, coisa que, noutros momentos, segundo as informações dos próprios trabalhadores, ele não faria.

---

35- A situação analisada nos faz remeter a PALMEIRA, (1976:104); quando analisa a relação casa-trabalho em que quando o morador procura um engenho, antes de pedir trabalho o que ele procura é casa.

36- A referida festa acontece na sede da casa Grande, que ainda apresenta perfeito estado de conservação, no Engenho Pinturas, em Pilões.

Parece que é nas regiões de pequena produção que os políticos seguem a trilha de promessas desde as tradicionalmente conhecidas às mais "sofisticadas".

Aqui, o voto não vale o roçado ou vice e versa; mas o voto precisa ser conquistado, de alguma forma. Lança-se mão de promessas tais como: energia elétrica, posto telefônico, abertura de estradas, etc. No entanto, a realização destas promessas não se dá com tanta eficiência como a troca do roçado, por exemplo. Ora, é mais fácil ceder uma área para um roçado do que colocar energia elétrica no município.

Entretanto, o não cumprimento das promessas acaba gerando um elemento novo na análise: o político que só promete vai perdendo o prestígio e, por outro lado, fazendo com que segmentos da população explicitem suas opiniões, mudando a preferência, usufruindo da liberdade de escolha, configurando mudanças nas formas de fazer política.

E os partidos de oposição têm lugar nesta região? Pelas experiências demonstradas, "não passam em branco", há casos em que os próprios trabalhadores, dirigentes sindicais, têm se candidatado e tal candidatura possibilita a externalização de algo novo na região. Mas, com isso não se quer dizer que se visualiza mudanças no "jeito" de se fazer política. O próprio Partido dos Trabalhadores lançou mãos de práticas clientelistas (embora sob justificativa), em momentos de campanhas. Conforme cita Garcia (op.cit:78) "mesmo abalada a dominação tradicional não desaparece"(...) e "o mesmo clientilismo político, para se manter, tem de ser reconstruído em novas bases". Garcia (op. cit. 36).

Por outro lado, com a criação de partidos de esquerda, o poder dos políticos conservadores é abalado, razão para renovarem as formas de se fazerem acreditar, variando da mudança de linguagem a busca de aliança com os chamados partidos "combativos".

Os partidos de esquerda por sua vez encontra-se no dilema e, ao mesmo tempo, carentes de necessidade de aprenderem a lidar com situações desta natureza. Finalmente, estabelecem alianças ou oscilam entre novos e velhos expedientes de construção de política na região.

### **1.5 - A Diocese de Guarabira e as Organizações Populares**

O Brasil dos anos '80 oferece um clima de "novo tempo". Pessoas marcadas pela repressão política dos anos '60 reconquistam palcos, com livre capacidade de expressão. Trabalhadores rurais voltam à cena e parecem resgatar a história que foi afetada no passado. Alguns não voltam. Pedro Teixeira, Pedro Fazendeiro, e tantos outros que foram vítimas da violência do golpe de '64.

Quando "em março de 79, que toma posse o presidente da República, o General João Batista de Figueiredo, prometendo aprofundar a abstenção política iniciada no governo Geisel, transformando este país numa democracia"<sup>37</sup>. A suposta abertura política que, de certa forma, propiciou uma brecha para fazer emergir o sonho adormecido dos diferentes atores sociais, desabrocha uma realidade que nos leva a crer que, mesmo todos falando e/ou vivendo de um

---

37- Brasil Nunca Mais (1986: 21).

período "de autoritarismo", no país, (período considerado no marco histórico de 64 a 79), as sementes e os desejos de reconstruir a realidade não teriam sido totalmente desfeitos. Seria uma semente que se preparava para germinar? Os sonhos adormeceram, o movimento prosseguiu em silêncio?

A década de '80 é considerada como marco fundamental, no surgimento de diferentes grupos sociais populares, e isso se visualiza, com destaque, na região do Brejo. Conforme deu-se noutros locais, é nesta região que a Igreja Católica se destaca e, neste momento, constitui-se o único canal de acesso às propostas dos grupos que ainda não gozavam de total autonomia, para se expressarem.

Essa prática da Igreja Católica, conforme é sabido, surge a partir da Conferência de Medellín e Puebla (1968), quando a Igreja Católica no Brasil inicia um período de profunda revisão de sua prática, o que lhe provoca uma radical mudança na forma de comunicação e acesso ao povo. O entendimento de uma teologia que redifine a opção da própria Igreja, possibilitando aos pobres e oprimidos um lugar diferente, cujas diferenças se evidenciavam a partir da própria linguagem propagada pelos representantes da Igreja Católica em suas pregações.

É claro, que essa nova forma de se fazer Igreja não se constitui numa prática generalizável ao seu conjunto. Principalmente, ao conjunto da Hierarquia da Igreja, é sobretudo, uma prática de alguns indivíduos, de alguns setores dessa Igreja, excluindo aqui, claro, aqueles conservadores.

Metaforicamente, pode-se dizer que no Brejo se inaugura a era de um "corte entre a Coroa e Espada". Conforme lembrou este religioso:

*(...) de fato, Coroa e Espada como se diz andaram muito assim unidas. Igreja estava, pelo menos partes da Igreja, já algumas pessoas de Igreja estiveram assim de mãos dadas com o poder político, não é? com os ricos, com os latifundiários; e por que não dizer, (...) houve uma época que ela de fato abençoava, abençoou, não é? situações de miséria, situação esta pela qual passaram os trabalhadores, os pobres, etc. (Padre Assis, responsável atual da CPT).*

O "novo jeito" de celebrar, que resulta também num jeito diferente de se tratar o homem pobre, concede aos "oprimidos e marginalizados" um lugar de destaque nas ações pastorais. Esse jeito novo resume-se no evangelizar, anunciar aos oprimidos e marginalizados, uma mensagem diferente. Lembra muito bem que fins dos anos 70, costumava-se cantar, como canto de "entrada" nas missas, cantos em que se falava da Igreja como ambiente de busca da salvação da alma, como um tipo de caminho para se chegar ao céu, um céu que mais tarde, pelo menos entre poucos cristãos, vai sendo traduzido em vida liberta.

Era comum se ouvir cantar:

*"Com a Igreja subiremos ao altar do senhor! Entre nós, o pai santo está Jesus. Nosso irmão. Verdadeiro, criador nossa ponte de união"<sup>38</sup>.*

Tornou-se também prática comum se cantar:

*"Igreja é povo que se organiza. Gente oprimida buscando a Libertação. Em Jesus Cristo, a Ressurreição"<sup>39</sup>.*

É nessa linha de "Igreja é povo que se organiza", que algo de novo acontece nas terras do Brejo, quando essa Igreja teve o privilégio de receber ainda em 1975, Dom Marcelo que sido bispo auxiliar de Dom Helder Câmara e, naquele momento, auxiliava Dom José Maria Pires, arcebispo da Diocese de João Pessoa.

---

38- Palavras que guardo na memória quando ainda adolescentes, participava de celebrações dessa natureza.

39- Trecho da música de padre Leôncio Asfure e Francisco Augusto. In disco "O Canto das Comunidades".



A vinda de Dom Marcelo para Guarabira acarretou, entre outros aspectos, a vinda de muitas outras pessoas que, mais tarde, se envolveram em trabalhos especiais, compondo os chamados serviços da Diocese<sup>40</sup>.

De 1975 a 1981 Guarabira e o conjunto das cidades que compreendem a área Pastoral da Diocese vivem uma época de Luz. Muitas portas são abertas e pelo que se apresentou e se viveu nessa região, Dom Marcelo preparava, junto aos seus irmãos, terrenos para implantação da Diocese.

Em 27 de Dezembro de 1981, numa tarde missa campal, lá estava Dom Marcelo entre Dom Hélder e Dom José Maria, rodeados por um público de católicos. Oficialmente, a partir dali, o desmembramento da área Pastoral de Guarabira com João Pessoa, passando a constituir uma Diocese própria.

Uma Diocese, que segundo os trilhos de uma vida simples liderada por um jovem bispo, nordestino, natural de Pernambuco vai, pouco a pouco, fortalecendo-se e definindo-se a partir das posições que ia tomando, quando apareciam cenário sócio-político como mais um agente veiculador de propostas dos mais humildes, ao mesmo tempo em que anuncia um evangelho novo.

Interferindo nos meios sociais, a Diocese explicita apoio aos trabalhadores rurais favorecendo o surgimento do "grupo de Renovação Sindical", que é mais tarde, referência para outros trabalhadores rurais.

As irmãs da congregação dos padres de Santa Catarina, que compunham o colégio para a formação de religiosos, provocam uma mudança

---

40- Referimo-nos à vinda de algumas religiosas que passaram a residir nas periferias urbanas, compondo mais tarde os grupos de base da própria Igreja e divulgando vocábulos tão propagados como: comunidade. Ainda aos profissionais liberais que sentindo-se recebidos pela Igreja, desenvolveram práticas sociais compondo diferentes serviços, nesta região. E por fim alguns padres que foram encontrando em Monsenhor Carvalheira, apoio e incentivos às suas práticas.

radical na forma de atuação no local e trocando o hábito pelo vestido de popeline ou algodãozinho, dirigindo-se dos batentes do colégio às portas das casas dos oprimidos, dão testemunho do 'novo jeito' de ser Igreja e vão até onde o povo está<sup>41</sup>.

É a opção pelos pobres que está se realizando. A presença de um bispo aberto a esse diálogo, com a Arquidiocese de João Pessoa, favoreceu essa tomada de decisão, que conforme lembram-se bem os leitores católicos, esse processo teve lugar em muitos outros municípios e regiões do Estado.

Novos atores aparecem nesse palco, são os sindicatos de Trabalhadores Rurais que antes restringiam suas práticas à assistência médica e dentária. Chegam também as mulheres que procuram explorar as várias portas que iam se abrindo e, neste contexto, vão lutando por um reconhecimento. Criam a Associação de Empregadas Domésticas que foi, inicialmente, acompanhada por uma religiosa e mais tarde, essa organização culmina no Movimento de Mulheres Trabalhadoras (o MMT).

É no contexto citado que a Diocese de Guarabira, coroada pelos grupos de Pastorais específicos, comunidades de base, grupos de renovação sindical, e serviços de assessoria, junto às demais associações específicas vão compondo o cenário das organizações populares na região. É só em meados da década de '80, que os campos de atuação, específica a cada ator, vão se redefinindo em meio a uma convivência de harmonia e conflitos que, não obstante, vai contribuindo para uma aprendizagem constante.

---

41- Conforme fez a irmã Maria que, saindo do convento, colocou sua vida a serviço das camadas menos favorecidas, principalmente, cabeceiros, mendigos, bêbados, que quando necessitavam ajuda não se intimidavam em bater à sua porta. Irmã Maria morreu em 1989, momento que continuava residindo entre esse povo na periferia da cidade.

## CAPÍTULO II

### TACIMA: UM CASO EXEMPLAR

#### 2.1 - Nota Introdutória sobre o Município

Falar das organizações camponesas e das suas formas de representação, atualmente, no município de Tacima, não é muito diferente da situação, em geral, das iniciativas organizacionais de trabalhadores da região do Brejo e do Estado da Paraíba, em geral. Entretanto, tais formas organizativas e/ou representativas, em Tacima, relacionando-as às experiências vivenciadas, cotidianamente, pelos trabalhadores rurais desse município, suscitam uma atenção particular.

O município de Tacima traz consigo grandes marcas deixadas pelas transformações ocorridas nestes últimos anos (mudanças nas relações de trabalho, extensão do latifúndio, etc.). Sabe-se que, no passado, Tacima abastecia outros municípios da região com a produção de feijão, milho, fava, além de outras culturas de subsistência. No presente, constatamos que a produção alimentar cedeu lugar à produção da ração animal e da criação do animal bovino, em grande escala.

O homem ou o boi? A clássica indagação desperta uma certa percepção. Na realidade, estamos falando da disputa pela ocupação de um mesmo espaço físico onde, lutando pela sobrevivência, o homem se depara com situações que, em determinados momentos, se converte até e simplesmente no ato de buscar formas de partilha, do próprio espaço, com o boi. É óbvio que tal relação de

partilha não ocorre por simples defesa à vida animal, mas, sim, por um ato de prevenção às ameaças, por parte dos proprietários da região; faz parte da própria estratégia de sobrevivência da vida no campo.

A maioria dos trabalhadores com quem conversamos nasceu e foi criada na região, no interior das fazendas, trabalhando na condição de arrendatários. Poucos são os que foram proprietários de uma parcela de terra. Tanto os ex-arrendatários como os ex-pequenos proprietários expressam grandes saudades do passado e uma certa insatisfação com o tipo de trabalho do momento e com as condições de vida que enfrentam<sup>42</sup>.

Costumeiramente, cultivar dois hectares de terra é a medida estabelecida ou a quantidade disponível para cada família que trabalha no sistema do "destocamento". A maioria dos entrevistados afirma que não paga nada para trabalhar: "O patrão dá terra, dá água e dá lenha."

Num primeiro momento, a afirmação "trabalhar de graça" motivou a investigação, a fundo, do seu significado, dado a constante frequência nos depoimentos. A investigação não foi difícil. Na verdade, há uma certa contradição por parte dos informantes, mas há também revelação de uma verdade que não aparece de forma explícita nos depoimentos, mas se lê, facilmente, nas entrelinhas de cada fala.

Não se pode esquecer que, durante muito tempo, a única forma de acesso ao roçado, na propriedade do patrão, dava-se mediante a pagamento do foro, em espécie ou em dinheiro. O período do contrato era fixado entre

---

42- O acesso ao roçado se dá através do "destocamento" da área para o proprietário excluindo o pagamento do "foro" em espécie. O período de permanência na terra varia de proprietário para proprietário, num prazo de um a dois anos. Lygia Sigaud já tratou da "idealização do passado", em situações de mudanças sociais. (Cf. Sigaud, 1971:119).

dois ou três anos. Nos dias atuais, a não transparência do pagamento em espécie, dinheiro, serviço, confunde a própria relação que se estabelece entre o trabalhador e o proprietário. Por outro lado, há trabalhadores que fazem outro tipo de leitura dessa situação e chegam a afirmar que praticam uma relação de troca com o proprietário: ganham um roçado e em troca, entregam a área pronta para o plantio do capim e/ou para a criação de gado.

O fato é percebido de forma diferente pelos antigos moradores que ainda vivem no interior das fazendas. Para estes, morar na fazenda, ter água, lenha e ainda terra para trabalhar é o bastante que os patrões podem lhes oferecer. Tal condição de subordinação reflete a própria condição de morador que a cultura tradicional dominante lhes impôs. Na verdade, são trabalhadores que tiveram todo seu aprendizado no interior das fazendas. Nestes termos, a lealdade, o respeito ao patrão... são sinônimos de relações e se constituem laços que se legitimaram socialmente e são, por isso, difíceis de questionar.

Os depoimentos colhidos em entrevistas, embora fragmentados, apresentam, por um lado, afirmações obscuras e mesmo contraditórias em relação às formas de pagamento, pelo uso da terra; por outro lado, vão explicando, pouco a pouco, esta expressão do trabalhar de graça. Senão vejamos:

*"Ele deu terra pra gente trabalhar. A gente não paga dez tões... tem água, tem lenha tudo que a gente precisa."*

*"A gente vem trabalhando sem pagar nada. É só para descobrir o cercado."*

*"Eu sou renteiro, agora a situação aqui não tá boa não, porque já vem fazendo dois anos que se bota um roçado e no final do ano ele toma."*

*"Trabalho em terra não rendada. Faz 3 ou 4 anos que eles não arrendam pra ninguém... então, um roçado para destocar, tem trabalho dois anos, às vezes até três anos e quando termina... aí eles trocam por outro sendo da mesma propriedade, do mesmo patrão, mas não paga nada."(arrendatário, Bola - Tacima)*

Para outros arrendatários a relação estabelecida com os proprietários, no ato da produção, é uma relação muito clara: recebe-se uma área para o cultivo da agricultura, mas em troca entregar-se-á esta mesma área em condições perfeitas para a criação do gado; em muitos casos, a própria lavoura é sacrificada antes da época prevista para a colheita.

*"Tá faltando terra, os homens não arranjam as terras. Quando arranjam, aqui, acolá, é um pouquinho e por dois anos, mais, a condição de plantar capim, criação de gado."*

mais adiante:

*"Peguei um roçado pequenininho, né? A metade de um hectare. A autorização do patrão é que a gente plante milho, feijão e então uma rama de fava. Alguns algodão eles não quer que plante, que é para a entrada do gado ser mais cedo." (arrendatário - Tacima)*

A expressão "trabalhar de graça", na linguagem popular, significa trabalhar isento de pagamentos, ou seja, de uma contrapartida explícita pelo uso da terra, seja monetária, em produto ou em trabalho. Todos os trabalhadores daquele município trabalham em sistema de desmatamento de uma determinada área, que é, em si, um pagamento pelo uso da terra e cujo saldo destina-se ao proprietário, em virtude das condições de melhoramento da área trabalhada; posteriormente, esta área é utilizada para a criação de animais bovinos e naturalmente para a plantação de ração. Na verdade, tornou-se mais vantajoso para os proprietários essa forma de trabalho, uma vez que os priva de contrair outras despesas com o assalariamento temporário e podem usufruir do terreno mesmo antes do término do prazo estabelecido no acordo.

É comum escutar-se algum trabalhador afirmar: "trabalhei numa terra e antes de completar um ano o patrão pediu que eu saísse." (rendeiro, Bola - Tacima). Trata-se de uma complexidade das relações de dominação essa

questão deve ser analisada levando em consideração o palco de relações sociais, em que se baseiam tais formas de trabalho, que constituem a relação trabalhador e proprietário da terra.

Novaes (1987:07), citando Leite Lopes (1986:06), afirma que a reprodução da dominação entre moradores e patrões não se faz exclusivamente pela força contida na expressão "lei da chibata". A adesão e o consentimento dos dominados são imprescindíveis: permite a internalização de regras de dominação. Há uma contribuição dos dominados, quer queiram quer não, quer saibam ou não do exercício da dominação. Em Tacima, pode-se observar que os trabalhadores rurais têm internalizado concepções sobre a terra, que demonstram uma certa contribuição com as formas de dominação tradicional, praticadas na região. No extremo, tal contribuição dá-se pela necessidade de legitimar novas regras, que lhes são impostas pelos patrões, para não perderem o acesso à terra, ou, na maioria dos casos, atualizarem-se de práticas que foram apreendidas, socialmente, ao longo de uma história que passou de pai para filhos.

A internalização das regras de dominação é parte do processo e se verifica não só na relação que os camponeses estabelecem com a terra, mas com outros aspectos da relação cidade x campo, atingindo, sobretudo, o campo da política, da saúde e das demais práticas sociais.

Não se quer afirmar que tal condição seja comum a todos os camponeses, nem que esta seja uma característica inata do homem do campo, impossível de ser quebrada; queremos apenas destacar que é uma realidade muito comum entre a categoria "morador de fazenda".

Por outro lado, nestas circunstâncias, nas cidadezinhas do interior do Nordeste, observa-se a prática da política de favores entre trabalhadores e

patrões ou políticos locais. São, geralmente, os atendimentos no campo da saúde que apesar de ser uma prática típica de épocas eleitoreiras, há sempre aqueles que mantêm relação desse tipo, dentro dessa lógica própria da dominação tradicional. O uso da violência física é também uma arma que, em muitos casos, age concomitantemente com a dominação ideológica. "O vaqueiro dele tirou o gado do cercado, saiu espancando na rua e gritava: o manso apanha de macaca; o bravo, troca-se bala". - palavras que uma senhora entrevistada guarda na memória.

Na aceitação dessa situação de violência, verifica-se também que determinados princípios de lealdade, gratidão, respeito pelo outro, são comuns entre o homem de cultura camponesa, e, principalmente, entre aqueles de religião católica. A própria Igreja tem e teve grande influência ideológica na forma de pensar do homem do campo, e quando a sua atuação passou a ser entendida numa versão diferente, por intermédio da Teologia da Libertação, essa mesma Igreja assume papel relevante na quebra de certos valores e regras internalizadas na cultura camponesa<sup>43</sup>.

De qualquer modo, deve-se notar que, no caso analisado, tais regras já não se apresentam com a mesma intensidade para todos os camponeses. Há casos em que o sindicato e a própria Igreja, ou mesmo, pessoas ligadas a estas entidades têm desempenhado grandes contribuições em atividades que vão de encontro a tais regras. Noutros casos, a rigidez dos patrões, negando certas "regalias" ao trabalhador, rompendo com determinados padrões tradicionais da

---

43- Referimo-nos uma vez mais ao papel da atual Igreja Católica exercido nesta região. (Ver Capítulo III deste trabalho).



relação de subordinação, e, quando mais grave, negando-lhes o acesso à terra tem levado muitos trabalhadores a um enfrentamento com os proprietários. Prova disso é que o município de Tacima, mesmo sendo relativamente pequeno, apresenta uma estrutura fundiária bastante desigual, que coloca de um lado, a grande massa de trabalhadores rurais, residentes, em maioria, na periferia da cidade, sob a condição de arrendatários, categoria que vem sendo afetada pelo difícil acesso à terra.

A pesquisa demonstrou que, nestes últimos anos, a expansão do latifúndio, conseqüentemente, a escassez de terra disponível ao homem do campo, tem provocado uma série de conflitos pela posse e uso da terra, nesse município e nos municípios adjacentes.

Araruna, cidade vizinha de Tacima e município onde os trabalhadores de Tacima vão fazer suas roças, reúne quatro grandes conflitos: Baxio, Varelo de Cima, Varelo de Baixo e Cerra Verde, conflitos que foram vividos e enfrentados por trabalhadores dos dois locais<sup>44</sup>.

A título de exemplo e para fins de resgatarmos papéis e atribuições vividas pelos líderes no contexto, tratar-se-á, a seguir, em específico, de aspectos relacionados à luta pela terra na Fazenda Vazante, situada no município de Tacima, agrupando trabalhadores dos povoados circunvizinhos: Bola, Braga e Cachoeirinha.

Só se tem a reconhecer que a luta pela terra na região do Brejo, e em particular nos municípios citados, pode ser analisada e avaliada a partir de distintos ângulos. Por um lado, são lutas que vão de encontro a uma situação

---

44- Cf. Arquivos da Comissão Pastoral da Terra.

política, social, econômica<sup>45</sup> que, tradicionalmente, dentro dos padrões de uma cultura de submissão e desigualdade social, concedeu o direito de aparecer no cenário político social apenas às elites tradicionais: antigos coronéis que, entre outros, disputavam a posse da terra segundo seus métodos. Noutra nível, a luta pela terra, acaba sendo também a luta pela própria preservação de uma cultura camponesa. Viver no campo, tem um sentido particular que a vida na cidade não oferece.

Para o arrendatário, permanecer fazendo um roçado no campo, mesmo residindo na cidade ou povoados, é, além de buscar meios para sua própria sobrevivência e a sobrevivência da família, um meio de manter um laço de ligação com a terra assegurando-lhe uma identificação como trabalhador rural. São sentimentos que extrapolam o significado 'terra - fonte de alimentos'. Manter vínculos com o campo é, sobretudo, uma referência, um reconhecimento como ser social, uma identidade. Os ex-pequenos proprietários e os descendentes demonstram os mesmos sentimentos:

*P: O Sr. sempre morou aqui?*

*R: Eu morava num lugar chamado Torrões, que naquele tempo era meu. (...) é uma coisa que dói na minha consciência ter feito isso, às vezes tem caso que... Hoje é do Dr. Sé Moura. Era... ao redor de todas as propriedades maiores, o sítio ficava no meio dela. (faz o desenho no chão com um pedaço de pau). O meu trabalho aqui é com agricultura planto feijão, fava, quando posso plantar planto caroço de algodão, sempre meu trabalho é esse.*

Com a prevaência de conflitos em torno da terra, percebemos que ocorre uma disputa por dois sujeitos distintos. De um lado, os que têm a terra como próprio meio de subsistência, de outro, os que querem a terra para inves-

---

45- Cf. Tosi. Op, cit. 1988.

timento próprio, seja para criação de animais (gado, por exemplo), seja como simples aquisição de imóvel.

Essa situação faz remeter a Musumeci (1988:27) "terra do negócio em oposição a terra da vida. A terra do negócio valerá pelo investimento e a terra do trabalho pela própria reprodução e sustento da família camponesa".

Seria curioso à análise se os posseiros, encontrando-se em situação que ameaça a perda da "terra-vida" não tentassem uma brecha, como saída para tal problema.

Os posseiros da Fazenda Vazante representam, entre tantos outros da região, um grupo que se posicionou contrário à situação que ameaçava a perda da "terra vida". Na nossa análise, são esses posseiros que ilustram esse trabalho pondo em evidência práticas sociais diversas que constituem explicação ao objeto de estudo: a relação entre lideranças e liderados com suas distintas trajetórias.

## **2.2 - O Conflito de Terra na Fazenda Vazante: a constituição de dois Grupos**

Resgatando a memória social dos posseiros, e dos representantes destes, na Fazenda Vazante situada no município de Tacima, resgatando também traços dessa história presente nos documentos, arquivos de pessoas e instituições que acompanharam o processo<sup>46</sup>, nos deparamos com uma série

---

46- Referimo-nos às instituições tais como: Igreja - CPT (Comissão Pastoral da Terra); CODH (Centro de Orientação e Defesa dos Direitos Humanos); SEDUP (Serviço de Educação Popular) e pessoas: padres, advogados, agentes de Pastoral, que acompanharam o conflito.

de elementos importantes e explicativos que possibilitam um entendimento mais eficaz das concepções e das relações que se estabelecem entre líderes de trajetórias distintas e destes com os agentes externos.

Em geral, como tem ocorrido nos conflitos pela posse e uso da terra no Nordeste e em todo o Brasil, os posseiros da Fazenda Vazante tiveram que enfrentar grandes problemas com os proprietários e todo um aparato de repressão que significou enfrentar capangas, pistoleiros armados, ao redor da fazenda, ou mesmo, acampados na área.

A Fazenda Vazante corresponde a uma área de 533ha, agrupando atualmente 42 famílias, 23 residindo na área, somando-se um total de 345 pessoas trabalhando na propriedade<sup>47</sup>. As famílias que não residem no interior da propriedade pertencem aos povoados de Braga e Cachoeirinha. Vale lembrar, que os atuais moradores, exceto um (ex-administrador que aliou-se aos posseiros), eram rendeiros na área, alguns com residência fixa em municípios vizinhos. Com a venda da propriedade, esses rendeiros não puderam ter acesso ao trabalho, foram proibidos de trabalhar na área e, conseqüentemente, ocorre uma série de acontecimentos que dificultaram o acesso à terra.

O fato do novo propietário<sup>48</sup> não aceitar mais a presença dos rendeiros na área, provocou uma alteração consubstancial na vida dos trabalhadores. Com a sobrevivência posta em risco inaugurou-se um processo de luta e organização que reúne também trabalhadores de outras áreas de conflito de

---

47- Constituíram base para a informação: os depoimentos colhidos e informações por parte dos arquivos de CPT.

48- Sr. Humberto Soares de Oliveira, latifundiário e industrial, possuidor de 50% das terras do município de Tacima e Belém, estendendo-se ao Estado do Rio Grande do Norte, segundo depoimento do advogado da FETAG no Jornal O Norte / 30 de Abril de 1985.

terra, da região. Reúne ainda, entidades e órgãos representativos da classe, e, posteriormente, se efetua uma série de denúncias e buscas de soluções mediante setores públicos<sup>49</sup>.

Em 30 de Abril de 1985, uma comissão representando o grupo de reideiros procura a Federação dos trabalhadores na agricultura (FETAG - PB) e denuncia ameaças de despejos e ocupação da propriedade com 400 rezes. Ameaças oriundas da parte do proprietário.

Em Março de 1987, os reideiros continuam exigindo a agilização do processo e denunciam a destruição da lavoura pelo proprietário. O proprietário apresenta notificação de despejo, concedida pelo juiz da comarca de Araruna, reideiros apelam para o Governo Federal, no sentido de agilizar a desapropriação, mas - o que ocorre dois dias depois - os jornais divulgam a entrada de proprietários na área, com dois tratores e grupos de homens armados, montados a cavalo, com uma notificação concedida pelo mesmo juiz, da mesma comarca, acima citado. Tal notificação destinava-se aos "invasores" da propriedade, mas não constava indicação de um nome ou nomes específicos, logo, os trabalhadores ignoraram porque em Maio de 1985, em acordo com a FETAG, os proprietários permitiram aos posseiros o acesso à propriedade reconhecendo a categoria enquanto arrendatários.

Ainda se percebe, nos arquivos documentais que, no momento em que os proprietários acusam trabalhadores de invasores, apenas 65 posseiros estavam trabalhando, intensamente na área e ocupavam cerca de 150 ha (sem apoio ou financiamento bancário de órgãos ou entidades públicas), o restante,

---

49- Cf. anexos sobre as buscas nos ministérios e demais órgãos públicos. De números 7 e 8.

ou seja, 383 ha estavam sob a responsabilidade do proprietário, no momento ociosas e improdutivas.

A forma como os trabalhadores enfrentaram a luta pela terra na Fazenda Vazante mobilizou a própria FETAG, e provocou seu interesse pelo caso, colocando-a na obrigação de aproveitar os canais públicos para denunciar as ameaças que os trabalhadores enfrentavam naquele momento. O fato se verifica quando, ainda em 1987, o presidente em exercício, Sr. Alvaro Diniz, denuncia as ameaças de morte dos posseiros e essa denúncia exigia a interferência do Governo do Estado, solicitando uma tomada de posição junto ao Presidente da República<sup>50</sup>.

Mesmo contando, constantemente, com denúncias de ameaças ou atentados contra trabalhadores, o desenrolar do processo anda a passos lentos e a terra não é desapropriada, continuando o clima de tensão e conflito entre posseiros e proprietários. Por um lado, os proprietários contratam homens munidos de armas de fogo que ocuparam a área e, em dezembro de 1989, ocorre um grande tiroteio no interior da fazenda, no local de trabalho dos posseiros, que durou 05 horas, segundo depoimentos em entrevista. Para os trabalhadores, foi momento decisivo para rediscutir e redimensionar a forma de luta pela conquista da terra.

*"(...) o patrão colocou pistoleiro aqui na fazenda para ameaçar o pessoal que trabalhava na área e era tudo armado aqui dentro da área, eles bebiam e atiravam na gente, assutava todo mundo."*

*"(...) alguns tiveram medo e ficaram de fora, mas quase todos participaram."  
(atual posseiro da fazenda)*

Acontecimentos trágicos como esses foram traçando as linhas do processo de luta, nesta área. Enfrentando proprietários, armas de fogo,

---

50- Cf. artigos de jornal, em anexo - nº 9.

dificuldades financeiras, os apoios externos favoreceram a continuidade da luta.

Entre os grupos externos de apoio<sup>51</sup>, identificamos: a Comissão Pastoral da Terra (CPT), Centro de Orientação e Direitos Humanos (CODH), Serviço de Educação Popular (SEDUP) ligados à Diocese de Guarabira, na fase inicial da eclosão do conflito. Identificamos ainda, entidades representativas da categoria e movimentos populares. Em destaque a FETAG (Federação dos Trabalhadores na Agricultura) e, posteriormente, a CUT (Central Unica dos Trabalhadores), como também o MMT (Movimento de Mulheres Trabalhadoras).

O sonho da posse da terra coroava-se e era marcado por momentos fortes de aproximação dos posseiros, na realização de trabalhos comunitários: mutirões, visitas, reuniões de casa-em-casa, e por momentos celebrativos em conjunto. Nessas situações, a terra não prometida pelos patrões-proprietários começa a se aproximar, tornando realidade o sonho e a luta dos posseiros, indicando que uma estação de tranquilidade se aproximava.

O calendário marca 27 de Abril, os jornais noticiam que, em Decreto de nº 94.280, o Presidente da República confirma a Desapropriação do Imóvel. Felizes com a notícia os trabalhadores comemoram, realizando uma grande festa, culminando numa celebração em que se reuniu um considerável público católico da região.

Embora sem ter, em mãos, a emissão de Posse, os camponeses de-

---

51- Externos no sentido de não compor a comunidade local. Deve-se perceber que embora "externos", a prática desempenhada por estes atores não favorece uma classificação rígida na relação externo x interno.

monstravam uma certa realização de satisfação com o andamento do processo. O fato de poder botar seus roçados" com maior liberdade foi motivo de comemoração.

Antes da desapropriação e mesmo depois dela, essa área reunia outros trabalhadores que não residiam no local, mas trabalhavam no sistema de arrendamento, e com a desapropriação que outras casas são construídas e que alguns dos antigos rendeiros passam a ser posseiros.

A casa grande da fazenda já havia sido ocupada, e teria se dado preferência a um dos líderes para ocupá-la, com sua família. Chegando a residir na área, esse líder trouxe consigo algumas cabeças de gado, conforme a linguagem comum. O gado do referido líder destruiu a roça de um posseiro, não havendo acordo entre as partes, o referido posseiro dirigiu-se ao Sindicato, que estava, no momento, sob a direção de um trabalhador, posseiro, residente da mesma área, presta queixa do caso e consegue apoio do sindicato que encaminha a questão, convidando o responsável dos animais para discussão.

O caso repercute na "comunidade" e forja interpretações variadas, tanto a respeito do sindicato como do posseiro acusado.

O grupo divide-se. De um lado, colocam-se os trabalhadores que defendem o líder proprietário do gado; de outro, os que defendem o sindicato por estar cumprindo o seu papel de defesa dos trabalhadores. Formam-se então dois grupos, com outra denominação: "O Grupo do Homem", "O Grupo da Mulher" e o posseiro "Bronqueiro"<sup>52</sup>.

---

52- O trabalhador que prestou depoimento da destruição passou a ser chamado pelos defensores do líder, de trabalhador "bronqueiro". E como o sindicato encontrava-se sob direção de uma mulher, não se falava em sindicato, mas na mulher.



As opiniões sobre o caso cresciam de forma caótica, mas na opinião dos envolvidos, a saída estava se construía pelo canal da divisão que se fortalecia a cada dia.

Ora, parte dos posseiros compreendia que a terra devia ser dividida, impedindo que um viesse a se apoderar das melhores áreas e outro das partes mais sacrificadas. Inicialmente, junto à CPT havia-se feito uma préviadivisão, separando as mediações para trabalho comunitário, casa para reuniões... mas parecia que tudo passava por um processo de redefinição.

Além do incidente com a destruição das lavouras, outros desafios apareceram: alguns trabalhadores se posicionavam insastifeitos pela ocupação da casa grande da fazenda, um espaço que, na opinião de uma parte dos trabalhadores, teria que ser reservado para encontros e celebrações.

Para outros, não: "Aquele que lutou mais, merece a casa melhor."<sup>53</sup> E o cotidiano vai sofrendo a interferência de uma série de sentimentos, em geral, desentendimentos, impossibilitando uma convivência comunitária conforme ocorria anteriormente. Seriam os dois grupos as instâncias para discussão das partes, de todo o gerenciamento da área teria que passar por estas duas instâncias, que, em desencontros, buscariam uma resolução para o caso.

Neste processo de desencontros e poucos acertos, acabar com as divergências tornou-se tarefa tão difícil quanto foi o enfrentamento dos capangas na área, mas opiniões sobre o caso não cessaram. As críticas, por parte dos posseiros, centralizavam-se na esfera pessoal das ações dos líderes. Os servi-

---

53- O referido ocupante da casa grande era pra ele próprio e pra alguns do "seu grupo" a pessoa que havia lutado mais no ato do conflito, como recompensa a posse da melhor casa da fazenda.

ços de apoio, embora desejassem avaliar a questão noutro ângulo, citando falhas metodológicas do trabalho, reavaliando-as no processo da luta, entre outros, caíram também na linha das acusações pessoais.

É evidente que, em qualquer processo de luta e organização popular, não se deve reduzir as conquistas obtidas a uma ação individual que parta do líder ou do assessor, pelas suas capacidades e maiores disponibilidades para tarefas cotidianas. O estar sempre disposto a toda e qualquer tarefa nem sempre é sinal de fazê-lo bem, mas, sobretudo, motivo para perguntarmos: por que os outros não participam? E se participam por que não são reconhecidos?

Conforme reconhecem os próprios posseiros, nos momentos fortes da luta, houve participação muito variada, não esquecendo a participação das mulheres e das crianças. Entretanto, o nível e a escala de valores em que se coloca o elemento participação é o indicador máximo com que se qualifica a intervenção.

Conforme se deu aqui, a questão não foge aos parâmetros das tradicionais formas com que se identifica a política tradicional brasileira - as pessoas isoladas, ao se tornarem figuras reconhecidas socialmente por intermediação de suas funções, reúnem qualidades e poderes que, muitas vezes, anulam as demais iniciativas presentes no mesmo espaço, e ganham por isso, recompensas no plano pessoal.

### **2.2.1- Presenças das Lideranças: Semelhanças e Diferenças**

Os fatos corriqueiros do cotidiano que envolvem posseiros, líderes e até assessores com suas entidades, de apoio e assessorias, constroem um

emaranhado que, para o leitor, não se percebe o começo nem o fim. Onde estariam as explicações mais aproximadas para o caso ?

Remeter a análise ao alcance das especificidades das práticas dessas lideranças foi permitido identificarr que não se estavam diante de uma situação de semelhanças, mas de muitas diferenças.

Detectou-se dois tipos de lideranças. Uma, voltada exclusivamente para questões específicas da terra; outra, voltada para questões diversas do cotidiano, demonstrando qualidades de uma liderança mais eclética. Esta segunda, talvez pelo fato de ser mulher, interessada por questões não só da terra mas de questões que envolvem a vida na terra: organização de grupos de mulheres, participação no sindicato, nas CEBs e na própria área de conflito, pelo próprio caráter das tarefas, incluindo atividades que extrapolam os limites do município.

Embora os dois tipos citados constituíssem os principais atores, no momento, os posseiros sempre incluíam outro nome: "o filho de um posseiro de área". Geralmente, uma referência acompanhada com rejeição por não perceberem neste um compromisso com os problemas da área. Segundo os posseiros, esse referido trabalhador 'representante sindical' levava a maioria do tempo em reuniões fora do local, para eles, um indivíduo remunerado pela CUT, para fazer o que outros faziam sem tamanha remuneração.

De modo geral, as preferências ficariam no primeiro tipo de líder. Para eles, pessoa que esteve sempre presente nas questões da terra. Diziam: "ele tem bondade", "capacidade", "boas idéias", "sabe falar", "ele fala nossa linguagem":

*"Ele começou andando na casa do povo e aí organizou o povo, explicava, o povo não entendia bem a coisa... ele foi declarando: "e a gente que nasceu e*

*se criou trabalhando então a gente cultivava a terra e não vê nenhum caroço... um pessoal que nasceu e se criou aqui e pra ponta da rua, morrer de fome?" ... e o povo foi colocando isto na cabeça, e ele está aí."*

*"Eu acho que quando a pessoa é mais desenvolvida né? conhece mais o trabalho de fato, né? é que pode ser um líder, é uma pessoa que tem mais conhecimento das coisas."*

*Ele foi o que sofreu bastante e hoje o pessoal quer que ele coma o que o povo der a ele.*

*Agora ele comanda a turma, ele pegou o grupo e deu força ele é o chefe.  
(atual morador da área)*

Observou-se que, para os defensores do primeiro tipo, estaria ausente qualquer suspeita ou crítica. Em alguns trechos de conversa eles percebiam a atuação desse líder como o tio ideal, chegando a momentos de reconhecer o trabalho desenvolvido como sofrimento. Diziam: "ele merece ser o chefe porque sofreu".

### **2.2.2 - A Liderança Masculina, uma Referência Oficializada**

Homem simples, camponês, dirigente sindical ou um atípico agente de pastoral? As informações indicam que o referido trabalhador tem uma origem rural, filho de posseiro que, na idade de 05 anos, foi expulso da terra, junto a outros irmãos menores e seus pais, a mesma fazenda que voltara agora, na condição de líder.

Foi com a expulsão da referida fazenda que, passando a residir noutra município, cresce e se envolve com os movimentos ligados à Igreja Católica, tornando-se um "quadro" atuante no campo da Pastoral Rural da região.

Relatando sua história de vida, o informante retrata que as marcas de um passado, contornado pela opressão, seriam os principais motivadores de um envolvimento que o colocasse numa posição de destaque, legitimando sua

posição de defensor dos direitos à terra aos que dela sobrevivem. Sua compreensão de luta, embora falando abstratamente, abrangeria as dimensões da economia, da política, da cultura, motivo pelo qual, a luta pela terra era, no momento, prioridade, levando-se a se auto-identificar como agente disponível na colaboração das atividades de luta pela terra.

O mesmo faz questão de resgatar que foi a Igreja Católica o espaço de destaque para sua participação:

*"Com 05 anos de idade, meu pai foi expulso da terra né, com todos os filhos, sofreu muito né? ... aqui a gente nasceu e criou-se. Essa terra foi tomada na época de "36-40 pelos coronéis, né? então eu fazendo parte da Igreja a Igreja me ajudou, deu uma abertura à Pastoral Rural, pra envolver a gente no campo, aí nessa, eu engressei com maior entusiasmo, pra me vingar um pouco do que a gente e os outros, várias famílias... que também a terra foi tomada".*

Referindo-se ao seu processo de formação, ele destaca:

*"(...) até recebi um diploma e aí quando cheguei já formado na luta pela terra, apesar de não ter nem um grau de estudo, não estudei. Estudei à primeira e a segunda série talvez; mas, é que naquele tempo que a gente estudava quem tivesse a segunda já tinha um bocado né?"*

*"(...) pra mim, o que me ajudou foi os cursos de formação que eu participei, além daqui, no Estado. Até o Sedup deu vários, participei de vários cursos de formação na Paraíba né? e também cursos que eu participei fora do Estado, no Sul, lá em São Paulo, né? Aonde ficamos semanas trancados lá com 20 pessoas e com os melhores assessores do país, onde eles deram muita matéria pra gente responder. Então a gente se viu assim com um conhecimento nacional e internacional, quer dizer: arranjamos conhecimentos em todos os Estados do país, e também pessoas de vários países. Então a gente trocou experiência. Não foi só local, porque eu não tinha chegado aonde eu cheguei.*

*(Chiquinho, Fazenda Vazante - Tacima)*

Weber (1986:137) ao tratar do reconhecimento do líder destacou:

"Porque para nós o decisivo é se forem considerados e se atuarem como tal, vale dizer, se encontrarem ou não o reconhecimento, o pressuposto indispensável para isso é "fazer-se acreditar". Ou seja, nestes termos, em qualquer situação em que se encontre o fator da liderança, o líder precisa do

grupo, no caso, fragmentos de uma trajetória social coloca aquele que se destaca, como por natureza, membro nato da situação, conforme o caso citado. Por outro lado, "fazer-se acreditar" passou pelo crivo de um povo que respeita o aspecto do "testemunho à causa" enfrentada e que já é, em si, um indicador que motiva a legitimação. Não importa se, em determinados momentos, esse sujeito não agrade ao conjunto dos envolvidos, de alguma forma, ele se sustenta. Até mesmo se para tal sustentação, o indivíduo lança mãos de práticas que, em geral, fazem parte das estratégias da política dominante.

Percebe-se que os trabalhadores dão crédito particular às práticas corriqueiras do dia-a-dia, na relação que mantêm com seus representantes: uma visita de casa-em-casa, um aconselhamento em momentos difíceis, um convite pessoal para reuniões, a forma de falar, e até mesmo a cachaça no pé-da-bodega, no sábado à tarde ou no domingo, são, no conjunto, elementos significativos para alimentar-se determinadas preferências.

Faz-se necessário chamar a atenção também para o fenômeno da intervenção externa. Determinadas interferências, na formação de um sujeito, pode favorecer a criação de 'certos vícios' e deformações, na própria dinâmica interna de um sujeito com seu grupo. falhas desta natureza acontecem, principalmente, quando a interferência na formação se dá distante da prática das pessoas envolvidas. Convive-se com novos códigos de linguagem que podem tanto constituir bases para a aceitação de um representante, como a própria rejeição. Como há caso, em que a pessoa atingida se reduz a mero legitimador de determinada instituição.

Quando isto ocorre, é a legitimação da instituição que está em jogo, e não o trabalho de um tal representante, é a instituição que, através de um

determinado sujeito está sendo legitimada, e não o grupo que está sendo representado. Encarar a representação nestes termos é para os representados, tarefa de difícil acesso, uma vez que o processo de legitimação se dera externo ao próprio grupo de origem.

De qualquer maneira, não se pode deixar de lado, que através da relação com os "externos", tais indivíduos constroem canais de acesso a determinadas informações nem sempre traduzidas em retorno para o coletivo, mas tem sua eficácia no conjunto do movimento a que cada um está ligado, desde que os objetivos sejam reconhecidos pelo coletivo.

### 2.2.3-Particularidades e Desafios na Representação Feminina

*"Elas estão chegando  
Pelas portas e janelas  
Avenidas e vielas  
Elas estão chegando*

*Chegando como vento forte  
Chegando como vida e morte  
Chegando para questionar  
Chegando para mudar  
Chegando sempre com doçura  
Chegando com muita cintura  
Chegando para encantar  
Chegando para mudar.<sup>54</sup>*

As mulheres trabalhadoras rurais sempre tiveram participação nas lutas do campo: na resistência dos posseiros, nas revoltas dos escravos, na luta dos assalariados rurais, na conquista da terra, etc. Mas é a partir do início de 80, que elas começam a se agrupar como segmento específico, constituindo o movimento das mulheres, buscando a participação nas esferas sindicais, no

---

54- Música de Valdomiro, Manos, Xico, n. Livro de Cantos do Curso de Inverno. Pag. 36., 1991.

movimento Sem Terra, provocando, ao mesmo tempo, mudanças nas propostas contra a exploração do trabalhador em geral, como também, demandas específicas enquanto mulheres trabalhadoras.<sup>55</sup>

Em vários cantos do Brasil vai, se tornando evidente a participação das mulheres nas esferas dos movimentos que, até o momento, estariam sobre a responsabilidade do grupo masculino. Na região do Brejo da Paraíba, diante das possibilidades e desafios, as mulheres vão, muitas vezes, em disputa com os homens, fazendo-se reconhecer, e, pouco a pouco, tornando palco comum, um palco que antes era basicamente restrito à participação masculina<sup>56</sup>.

Entretanto, a entrada das mulheres na esfera dos movimentos sociais populares vem acorbertada por uma série de particularidades que numa dada região, conforme a analisada, as mulheres vão, com seus modos simples, enfrentando duplas realidades, seja com a sociedade, seja com a casa.<sup>57</sup>

*"A minha entrada no movimento foi a partir do ano de 82. Eu já tinha engajamento na comunidade como animadora, atuava na evangelização, eu ficava só sabendo que esse movimento de mulheres, mas até aí eu não participava. E a partir de '83, através do padre Cristiano eu recebi um convite para participar desse setor de mulheres, mas meu esposo era muito machista, machista, machão e não aceitava de jeito nenhum que eu participasse de nada.*

*(...) Eu ainda continuo no movimento porque foi no movimento que eu descobri o valor da mulher o relacionamento entre homem e mulher,*

---

55- Cf. Gênero e Classe: um novo desafio para o Movimento Sindical, I Revista: Construindo a unidade da Diversidade, CUT, 1991.

56- Referimo-nos ao próprio agrupamento das mulheres na composição do MMT - Movimento de Mulheres Trabalhadoras. Que no início da década de 80 a participação das mulheres ainda era restrita. Salvo a interferência de uma Margarida ou outra que naquele cenário fazia-se reconhecer em meio ao público masculino das oposições sindicais. O que não seria análogo na esfera das comunidades Eclesiais de Base em que as mulheres foram sempre em maioria.

57- Com a sociedade enfrentando muitas vezes a política de trabalho baseada na exploração e subordinação do trabalho. Cf. Elizabeth Lobo (1990:196). No caso, quando ao deparar-se com a sociedade externa, encontra-se sob crivo de obter permissão do marido, embate que dar-se geralmente pelo conflito.



*também as soluções para que a gente caminha em busca de outras companheiras, que tão aí inconscientes e que abra seus olhos e vejam também a realidade da força da mulher, né?*

*(Bebé, Fazenda Vazante, Tacima)*

No caso das mulheres simples da roça que, vencendo os obstáculos da esfera do lar, ao contato com a sociedade, obtendo um cargo de destaque, indica um processo que requer qualidades particulares no tipo de prática a ser desenvolvida. ora, mesmo no âmbito dos movimentos, não escapará das peias de uma relação baseada, muitas vezes, em princípios da masculinidade, constituindo um próprio desafio para que sejam considerados práticas de igual para igual. Desafios que necessitam, enfrentamento entre as duas partes, seja por parte dos homens que formam o movimento, seja por parte das mulheres que se integram também, ao mesmo movimento.

Não se deve esquecer que, mesmo entre as camadas femininas, essas questões têm sentidos e significados diferentes, e, com base na história de vida de cada uma delas, pode-se perceber que, por conta de um processo de formação, baseado em critérios de inferioridade na sociedade, e na relação com os homens, as mulheres passam a assimilar determinados preconceitos que ocupam grande espaço nas suas vidas, constituindo razões para motivar ou retardar suas entradas na esfera dos movimentos populares, conforme elas próprias relembram:

*"Pra mim foi importante porque eu tinha nascido crescendo sem saber o valor da mulher, né? sempre eu escutava minha mãe dizer que mulher não era gente que mulher não tinha valor, eu ficava muito chateada. Com essa coisa, ... e, homem podia fazer tudo e a mulher não podia... era muito revoltada por ser mulher.*

*(...) Comecei a gostar de mim mesmo certo, por que até então eu não gostava de ser mulher tinha horror, comecei levando a conscientização pra meu esposo, né? através do diálogo porque dava conscientização como a gente fazer para conscientizar os filhos, marido...*

*Fiquei preocupada em reunir outras mulheres lá na minha comunidade pra falar só sobre a questão da mulher e aí a gente foi crescendo, como trabalhadora, como animadora também como mulher...*

*A partir daí a gente começamos a participar dos atos públicos... comemorar o aniversário de morte de margarida, o 08 de março, a gente foi desenvolvendo..."*

*(Bebé, Fazenda Vazante, Tacima)*

A mesma informante acrescentou: "Tudo que a gente ia fazendo assim de ação, a gente contava com a maior força das mulheres..." não se nega que, quando as mulheres assumem tarefas sociais, elas não se retraem do palco. Entre os desafios da sociedade, do lar, da família em geral, elas dão sempre um jeitinho de levar em frente as atividades, talvez seja isto mais uma particularidade das práticas femininas. No âmbito da representação talvez, também para enfrentar a própria sociedade machista, elas apresentam maior capacidade de reunir outras pessoas em suas atividades.

Talvez por serem, socialmente, tidas como menos importantes na esfera pública, elas agem mais coletivamente. É por isso que há casos em que nunca vão sozinhas a uma reunião, fazendo com que no âmbito das representações estejam em maior nível, predispostas a não se destacarem sozinhas.

Essa qualidade confere ao grupo feminino rural um sentido diferente da representação. É como se estivesse em rumos de uma liderança que seria exercida coletivamente, ultrapassando os limites da representação fixada na pessoa do líder, figura do chefe, "que manda e os que lhes obedecem."

Voltando ao "Caso Vazante", em que se tem diante da análise uma divisão que, embora tendo por base princípios abrangentes da vida dos trabalhadores rurais, incluindo particularidades da formação, princípios de fidelidades, compromissos..., o fato de estar-se tratando de uma história que ocorre entre dois gêneros distintos, abre-se uma porta na discussão que traz ao

cenário social não só as vantagens, mas os limites e desafios que dois gêneros diferentes encontram numa relação de liderança.

Sem a pretensão de aprofundar a análise, no campo da subordinação, do trabalho da mulher na sociedade, quer-se apenas destacar como fatores desta área têm, de certa forma, repercutido nas práticas sociais e demais atividades assumidas por este gênero. Conforme lembrou Elisabeth Lobo (1990:195) "coloca-se a questão quase consensual de que é um falso problema buscar uma causa original da subordinação das mulheres. Isso significa o abandono de uma lógica causal fundada numa estrutura fatalmente determinante, por uma análise compreensiva que constrói significações. Trata-se, pois, de pesquisar como a subordinação das mulheres se construiu historicamente nas práticas, nas culturas, nas instituições."

E poder-se-ia acrescentar quais as conseqüências destas situações para a questão da liderança. É óbvio que as práticas sociais e o contato com as instituições não definem o tipo nem a metodologia do trabalho de uma liderança, mas, agindo em conjunto, podem repercutir quando impõem um lado mais coletivo no trabalho da liderança feminina, principalmente, quando se refere ao trabalho de base, um trabalho que a mulher sempre soube fazer<sup>58</sup>.

#### **2.2.4 Revelando a Outra Face**

Falava-se que no trabalho de uma representação feminina, fazem-se presentes determinadas qualidades, particularidades que nem sempre são comuns ao conjunto das lideranças masculinas. Geralmente, tais particularida-

---

58- Ver as análises sobre a mulher e a religião. Cf. Os Escolhidos de Deus. Novaes, 1985.

des agem em conjunto com uma série de outros fatores que colocam a mulher em escala de distinção na prática social, quando relacionada às camadas masculinas. É preciso colocar a seguir alguns fatores para fertilizar a reflexão, tentando uma compreensão das particularidades que, de alguma forma, são visualizadas no outro lado, ou seja, no campo da atuação masculina.

Não se pode esconder que há, em geral, entre o homem da sociedade brasileira o pensamento de que "homem tem que demonstrar força", para legitimar sua masculinidade. Consegue-se ganhar "na lei ou na marra". Agir de tal forma concede ao ser masculino o ingresso de entrada na sociedade, com destaque. Entre os movimentos sociais populares, essas são características que repercutem, de certa forma, na compreensão do papel do líder em relação à prática da liderança mulher. O próprio terreno dos movimentos sociais populares acaba sendo fértil para a relação.

Como exigir que a tarefa de luta de uma mulher seja reconhecida e legitimada "a pé de igualdade" com o homem, quando o caso em questão é de briga, de luta constante? E poderia sê-lo, desde que na prática do dia-a-dia esta não tivesse, ao seu lado, um sujeito que é, a todo momento apresentado, tanto pelos trabalhadores do seu grupo, como por pessoas de instituições de apoios e direção como o responsável pela tarefa em questão. São espaços para se fortalecerem os aspectos que destacam o homem, como "ser valente", forte, o que pode matar para salvar a honra ou alguém. Enfim, o próprio contexto social em que acontece a luta dos trabalhadores reforça um trabalho baseado numa metodologia de "resultados".

Remetendo a análise para fins de aprofundamento do caso da divisão entre os dois tipos de representação, visíveis na Fazenda Vazante, detectou-se

que as situações são distintas, não unicamente pelo fato de se tratar de uma representação baseada em gêneros distintos, mas por ocasião de traços distintos das referidas trajetórias. O fato é curioso e, por isso, deve ser analisado de forma que explique as similaridades e as diferenças que uma base comum, numa trajetória, pode oferecer.

O fato de ambos possuírem uma mesma origem, em trajetória marcada por iniciativas da Igreja Católica, não corresponde a uma forma análoga na inserção nos movimentos. O nível de envolvimento, as condições sociais em que se desenvolveram tais trajetórias, oferecem elementos distintos, para a compreensão das especificidades de uma liderança. Essas especificidades situam-se não só nas particularidades de seus envolvimento, nas suas visões de mundo, como também no desenrolar de seus papéis específicos.

Neste sentido, a divisão efetuada entre líderes pode ser analisada também pela ótica do lugar social que ocupa. No sindicato, em que se tem a representação sindical formal, a eleição é o critério base para a escolha do representante, e o Movimento, lugar em que o reconhecimento é mais difuso, exige uma maior capacidade para se fazer reconhecer.

Contudo, tratou-se de especificidades que não se explicam por si sozinhas, mas em conjunto às questões citadas que vão, de alguma forma, ao encontro de uma relação de gênero, como bases históricas fundamentadas na subordinação de um gênero ao outro. Ao mesmo tempo, é momento de considerar-se as especificidades na formação dos diferentes líderes envolvidos; as relações com instâncias externas aos seus cotidianos; relações internas; enfim, dar lugar a um processo de encontros, marcado por alcances e limites, no dia-a-dia de uma representação.

Quando perguntou-se aos informantes suas opiniões sobre o trabalho de uma representação feminina eles responderam:

"Vejo a atuação da mulher como uma presença confortável, é melhor, ela pelo menos é carinhosa, qualquer dificuldade de trabalhar... é melhor que ser homem e não ser competente".

(Seu Irineu. STR de Tacima)

Confirma-se de fato que a mulher possui especificidades nas suas práticas, e isso não põe em cheque a competência, mas assumir tarefa externa ao lar, sem a compreensão do marido, significa administrar um dulo conflito.

No caso masculino, quando ele se sente "atraído" pela tarefa que lhe é apresentada, ele não vai pedir permissão à mulher para assegurar sua entrada no mundo dos movimentos, o mundo em si já faz parte da vida.

Perguntou-se ao representante masculino, na Fazenda Vazante, como ele conciliaria a prática externa com a prática da família. Ele respondeu:

*"Ah! as dificuldades são muitas: primeiro porque eu tenho sete filhos e uma mulher e isso dificulta muito.*

*P: Porque o fato de ser casado e ter sete filhos, mulher, dificulta a sua vida enquanto líder?*

*"R. " O líder, ele precisa ser livre. Se eu fosse solteiro era um pouco melhor. Porque eu mesmo sinto uma dificuldade muito grande porque eu tenho mulher e filhos, e é difícil pra ela acompanhar esse processo; pra mim, que tive uma oportunidade que avancei, mas pra ela que não participou nem no Estado, fica difícil né? dificulta muito a gente conviver com essa história né? se a gente fosse solteiro..."*

*(Chiquinho, Fazenda Vazante, Tacima)*

Nota-se bem que, na posição do referido representante, não se trata de "conscientizar" a mulher para obter dela o apoio ou a participação na luta, mas de reconhecer que nesta área não teria lugar reservado ao seu trabalho.

Analisando esta postura, em contraponto com o caso da liderança feminina, pode-se dizer, se o fato fosse ser solteira para obter maior disponibilidade e permissão para o trabalho de liderança, talvez o caso não

fosse o mesmo, pois sabe-se que é comum, também entre as mulheres solteiras, encontrarem-se com o poder dos pais que, dependendo das situações, não estão sempre aptos a permitirem o envolvimento das suas filhas com tarefas externas ao ambiente doméstico.

Livrar-se de acusação moral, faz com que as mulheres tomem a religião como possibilidade de legitimar a saída. Ao mesmo tempo, o fato de ter sobre si um mundo de exigências, "permissão" e "não permissão", provoca-lhes a necessidade de ampliarem a dimensão de suas lutas, e ao mesmo tempo, ampliando também suas visões acerca do papel da liderança em geral:

*"(...) o mais importante da liderança não é ele ser a frenteira da luta, mas tem que ter o cuidado de conscientizar os trabalhadores de mostrar os seus direitos e que eles mesmos possam buscar encaminhar as coisas, né?"*

*"(...) o ideal seria onde todo mundo fosse líder né? onde não se precisasse destacar um líder (...) acredito que uma liderança, que ela seja humilde e consciente, não fica só ela no grupo, mas se destacava várias lideranças."*

*"(...) muitas vezes como liderança, corre o risco de ficar egoísta, de querer mostrar..., é uma coisa que não é porque a liderança quer, mas, muitas vezes tá correndo o risco de chegar a esse ponto né?"*

*(Bebé, Fazenda Vazante, Tacima)*

Há por parte das próprias lideranças uma necessidade de mudança no 'ser líder', até se sonha com a liderança coletiva. Mas a realidade social provoca determinadas situações em que se tende, também, a preferir o líder que se destaca sozinho, mesmo que, muitas vezes, sua postura possa resultar na figura de alguém insubstituível que, por reunir sobre si uma série de valores aparentemente inacessíveis a outros trabalhadores, se contituem num tipo diferente e, ao mesmo tempo, num tipo preferido.

A situação criada na Fazenda Vazante, propõe elementos que se aproximam das duas preferências: o líder pessoa - no singular; e a liderança - no plural.

Para as instâncias que ainda atuam na área, prevalece a idéia de que há, na Vazante, dois tipos de lideranças específicos: de um lado, um líder popular que não perdeu os códigos de linguagem do seu grupo, um líder nato, que sabe argumentar e propor "vantagens" para os liderados. Essas capacidades lhes asseguram uma condição para se manter liderado. Por outro lado, as outras lideranças que priorizam a prática política com fins políticos, apresentando, segundo as mesmas informações, uma linguagem em que o conjunto dos trabalhadores não se reconhecem mais.

Vale considerar que os aspectos levantados e analisados aqui: particularidades na formação, relações de gênero no trabalho, relações com grupos, entidades, pessoas mediadoras... compõem o processo e definem o momento em que cada liderança se destacou. Sugerem explicações ou provocações para pensarmos profundamente sobre a questão da divisão que foi gerada entre os posseiros, com suas lideranças, no momento de luta pela posse da terra.

Vale lembrar ainda, que embora exista divergência no interior da Fazenda não se vive momentos de choque entre as lideranças.

A Comissão Pastoral da Terra que acompanha o conflito desde o início, abril de 1985, continua presente na área, pois dela é a responsabilidade de tanto investir na organização social do grupo, como de dirigir as celebrações eucarísticas e demais atividades no âmbito religioso.



As famílias que se dividem entre os grupos, procuram, em "silêncio", desenvolverem suas atividades, sem interferir no espaço dos outros. Não temos conhecimento da continuidade de reuniões entre posseiros, entidades de apoio e assessorias em conjunto com o Bispo buscando soluções para o problema. Cada grupo procura a solução em seus lugares e entre si. Porém, em alguns momentos, esta mesma situação provoca acontecimentos que, por si, devem ser coletivos. São encontros que acontecem em momentos de celebrações religiosas e nos momentos de discussões conjuntas sobre o andamento do processo de desapropriação, exigindo o título de posse de referida área.

Tacima se constituiu num "caso exemplar" não pela empiria em si, mas pela problemática que ela demonstrou. O mesmo conflito produziu dois recortes de mediadores e dois recortes de lideranças.

Os recortes de lideranças destacam elementos importantes sobre o papel de uma liderança. Trazem à análise situações que demonstram existir disputa entre as lideranças pois embora tenham marcas de uma mesma trajetória, mesma tarefa a cumprir, há elementos diferenciais entre o trabalho da liderança masculina e da liderança feminina.

Em geral, podemos dizer que as lideranças recebem conduções diferentes de acordo com o lugar em que elas estão. São essas conduções que vão individualizando ou aproximando cada liderança, como também caracterizando suas próprias práticas.

A seguir, vejamos como o trabalho de liderança é percebido nos ambientes característicos da Igreja Católica.

## CAPÍTULO III

### LIDERANÇAS E COMUNIDADE: O PARADOXO DA DIFERENÇA E IGUALDADE

#### 3.1 - O Animador: Ser Igreja na Base

A prática social desenvolvida pelas Igrejas que formam a Diocese de Guarabira vêm denominando as chamadas "Igrejas Populares". Do ponto de vista de seus defensores, esta experiência se fez ultrapassando denominações que reduziriam a Igreja a simples ou monstruosos prédios, monumentais, históricos, revelando uma Igreja que se fez "povo" e habitou entre os seus".

*"A Igreja é compreendida como espaço físico ou como instituição. Num certo contexto de luta pelos direitos é entendida como instituição onde seu caráter religioso passa sem realce e o que aparece é o que está ao lado da pobreza lutando pelos direitos desta. Fora disso, a palavra Igreja é associada unicamente a espaço físico, arquitetônico (capela; etc.) ou edifício religioso. (Candido, 1991).*

Procurando estar sempre presente aos acontecimentos do cotidiano dos grupos populares da região, essa Igreja preocupou-se em encontrar, no próprio dia-a-dia, um sentido e justificativas de suas práticas que a definiria como "Igreja Viva", logrando seus objetivos a partir dos testemunhos dados. Novaes (1992:267) analisa aspectos desta situação, expressando-se nesses termos: "Em Guarabira no episódio que procuramos analisar, a "Igreja Viva" logrou seus objetivos justamente, "dando o testemunho máximo", se contrapôs ao costumeiro templo de "portas abertas" causando surpresa e estranhamento aos

fiéis dos serviços religiosos e às autoridades civis que foram, por esta via, chamados a se posicionar<sup>59</sup>.

É perceptível que, pelas histórias particulares resultantes também de uma colonização de 500 anos, a Igreja do Brejo não esconde seus bens construídos templos, representando modelos arquitetônicos e atraentes aos olhares dos interessados<sup>60</sup>. Mas, o que aparece em destaque significando rosto e corpo dessa Igreja, não são os prédios, as imagens bem moldadas, aparece um outro corpo que, juntando templos, imagens, pessoas entoam, no interior dessa Igreja, uma vida nova que desabrochou a partir dos seus primeiros anos de "renascimento" em que se destaca como Igreja popular.

Não excluídos o sentido, nem o significado que, independente do tipo de mensagem que pregue uma Igreja, ela possa representar para os seus seguidores, mas queremos apenas reforçar que é essa mensagem que pode, em determinados momentos, definir o caráter da participação, porque, de certa forma, é a mensagem que anuncia a prática.

Pondo em foco a referida Diocese, observamos que é ainda nos tratos de 1974, que algo de novo ocorre nesta região: a nova mensagem anunciada interfere, de certa forma, na vivência das pessoas, alterando uma dinâmica e prática que se reduzia ao culto de celebrações e demais iniciativas religiosas.

---

59- A autora se refere a forma de ao construir a catolicidade de uma Igreja que ao mesmo tempo se quer de todo e universal e faz opção por uma parte (os pobres). O evento pode ser compreendido como o "ato máximo" da Diocese de Guarabira, quando em 1985, "fechou suas portas" por um período de uma semana, retirando-se para uma semana de orações em Araruna (cidade que se inclina à área Pastoral dessa Diocese), para juntos: Igreja, posseiros, sindicalistas, exigirem a libertação do Agricultor Tota, líder sindical membro da Pastoral Rural, que no momento encontrava-se preso.

60- Porém é ainda na década de 80 que outros templos (pequenas Igrejas e Capelas) são construídas, sem deixar de lado beleza e apreciável arquitetura em moldes da modernidade.

Essa nova mensagem anunciada pela Igreja suscita diferentes interpretações, bem como as formas com que se expressam tal mensagem. Há, sem dúvida, uma mudança característica: os altares que até então estavam localizados, separados e cercados, colocando de um lado o padre, no alto, o "coro" e do outro, os católicos participantes. O coro desce e passa a ser composto por um público simples e, muitas vezes, semi-analfabeto; o acesso às leituras bíblicas não se reduz às moças de apreciável sintonia vocal mas àquelas que têm a competência de fazê-las, independente do nível social a que pertençam. Nas reflexões do evangelho, o padre fala da vida, não teme o contato com o povo de quem fala. O público de classe média, desconfiado, inquieta-se, teme a mudança suspeitando do início de um comunismo no Brejo, para estes, o padre seria um "comunista"<sup>61</sup>.

Consciente de seu papel, e motivado pelo grande apoio recebido, principalmente pelo público rural, não hesita, seguindo adiante, logo, se destaca numa paróquia que, antes simplória, sem brilho, adquire uma nova cor, movimento, e prossegue como se possuísse vida própria. Não se pode esconder: o trabalho mudou. Os termos utilizados nas celebrações eucarísticas não são os mesmos. O povo também mudou. Fala-se de reunião, encontros, caminhadas, e não demora, um tipo novo é introduzido: o animador<sup>62</sup>.

---

61- Esta mesma acusação sofreu também Dom Marcelo, quando acompanhou D. José, enquanto bispo auxiliar na região. (Novaes:1992:246) reconhece: "(...) a chegada de novo Bispo suscitou, pelo menos, dois tipos de reação. Um grupo de grandes proprietários de terra encarregou-se de espalhar que "tratava-se de "um Bispo Comunista". As "comunidades" (grupos de agricultores distinguíveis pela adesão explícita à "Igreja dos Pobres e Oprimidos") coube enviar cartas e dar depoimentos de apoio ao novo Bispo".

62- É claro que essa nova forma de fazer Igreja, não corresponde à ação isolada de um vigário ou outro. Conforme se sabe, "A ênfase nas Pastorais "como realização da Igreja nas condições reais do tempo" (Arns,1980), deve ser compreendida como reflexo das resoluções da II Conferência dos Bispos Latino-Americanos, que se realizou na Colômbia, em Medellin,

A paróquia vai adquirindo um cenário tal, exigindo que algumas medidas sejam tomadas. Afinal, são instaladas bases carentes de um certo reforço para se firmarem com maior eficácia. É na esfera dos animadores que se dão os primeiros cuidados. Lembra-se bem<sup>63</sup> que as primeiras preocupações por parte das pessoas, que naquele momento coordenavam o trabalho de mediação, foi em torno das principais dificuldades no trabalho dos chamados animadores, e o principal ponto a ser encaminhado, estava no "como fazer uma reunião de base" de forma mais dinâmica e atrativa; como "ensinar" os cantos novos? O povo estava acostumado a cantar cantos antigos e a própria celebração não conferia mais o lugar de destaque.

Cantar, talvez fosse naquele momento, uma atividade para reunir os animadores e provocar uma reflexão em torno de suas práticas embora em fase embrionária. Além de que, o canto tinha a grande tarefa de tornar as reuniões menos cansativas.

Preocupado em dar uma resposta eficiente ao público envolvido, o padre local pensou logo na melhor maneira de promover um curso de canto para animadores de comunidades. Foram esses cursos que, já na própria Igreja, proporcionaram uma melhor entoação das vozes, representando um certo "progresso" na paróquia.

---

no mês de outubro de 1968. Segundo BELLA CAVA (1986:16) Medellín representou um esforço monumental para traduzir os ensinamentos do Concílio Vaticano II em termos de realidade desta parte do III mundo". A Arquidiocese da Paraíba estava desde 1966, a cargo de D. José Maria Pires. Também conhecido como Dom Pelé, em alusão à exceção que a sua pele negra constituía no conjunto da hierarquia eclesial brasileira. Foi no Nordeste que Dom José se converteu à Igreja Povo-de-Deus". A exemplo ver o Documento dos Bispos e Superiores do Nordeste, divulgado em maio de 73, "EU OUVI OS CLAMORES DO MEU POVO", SEDOC, no, 6. Novembro de 1973. Cf. NOVAES, 1987:215.

63- Na época, ainda adolescente, a pesquisadora freqüentava a referida paróquia. Lugar onde iniciou seu envolvimento e teve "as primeiras lições" do entendimento e trato dos movimentos populares.

Aqui, também não se tem dúvida, embora os animadores tenham desabrochado entre seus meios, inicia-se nessa paróquia, um processo de formação de animadores. Poder-se-ia chamar tal processo de uma formação de lideranças religiosas?

Não se pode negar que lideranças religiosas sempre existiram, mesmo nessa paróquia, desde épocas remotas. Guardam-se as lembranças de Padre Epitácio, Luís, Assis... que lideraram, ao modo deles e não se apagaram nas memórias coletivas. Não excluindo as demais iniciativas nesta direção, podemos dizer que, por vias da paróquia de Pirpirituba, a Diocese está experimentando os caminhos que a levariam rumo à construção de um processo de formação de lideranças não só religiosas, mas de lideranças que, mais tarde, ocupariam espaços nas esferas políticas e sindicais<sup>64</sup>.

É, no entanto, sob o título de ANIMADOR que se esconde e se revela a categoria liderança na esfera religiosa. A opção dá-se pelo próprio significado que cada termo carrega consigo mesmo. Animar não significa diretamente liderar, mas se inclui na linguagem que a Igreja prefere utilizar, por entender liderar como sinônimo de dominar. "Animador de Comunidade" pode se constituir no tipo ideal para que se desenvolva um trabalho participativo. Independente da feição, tipo físico, nível de escolaridade, forma de expressão, é o animador que o "público igrejeiro" consagrou, sabendo recebê-lo ou rejeitá-lo, dependendo das situações.

*"Preferimos falar em animadores que animam os outros, cada um nas suas tarefas, do que em líderes, porque a palavra líder na boca dos políticos, tem significado de chefe, que pensa, decide e age por própria conta, para o*

---

64- C. capítulo II deste Trabalho.

*povo e não pelo povo, como deveria ser o trabalho de um bom animador. Animador é aquele que tira o povo da passividade, faz o povo celebrar os acontecimentos e confrontá-los com a palavra de Deus".*

*"Um animador é respeitado quando realmente consegue animar o povo, criar uma nova consciência de "povo de Deus", onde todos, principalmente os mais pequenos, tem vez e voz, quando ele (ela) mostra consciência entre o que fala e vive. Tem animadores(as) analfabetos, não casados na Igreja, mães solteiras e até ex. prostitutas. O povo percebe logo, se uma pessoa se dedica sem ambiguidades, se realmente se identifica com os pobres ou se quer se promover à custa deles"<sup>65</sup>.*

Assim sendo, identificamos a presença do animador, indivíduo via de regra que sai do "povo", se destaca e passa a ser o elemento principal na prática maior a que se propõe a Igreja: dar "VOZ AO QUE NÃO TEM VOZ". Ele age como intermediador da Própria Igreja, reside numa determinada comunidade, mas sua tarefa está, sobretudo, em edificar a ponte entre a tal comunidade e a paróquia, que situada na cidade, pressupõe o contato também do animador com a rede de relações sociais da sua comunidade, fazendo com que, pouco a pouco, ele vá sendo destaque para os contatos noutras esferas sociais.

Conforme podemos observar, é a paróquia de Pirpirituba que se torna, no Brejo, a pioneira de um trabalho de formação de animadores. Esse Processo deu-se ainda pelo fato de ter sido essa paróquia que, em 1974, recebe um padre de origem alemã que já havia experimentado um processo parecido em Petrolina, no interior da Pernambuco. Em Pirpirituba, torna-se porta-voz da experiência, que nessa época já vinha se destacando também noutros lugares, e a ele já havia sido motivo de choque quando passara a ter os primeiros contatos com a nova forma de ser Igreja. Diz ele: "Lembro bem que foi um certo choque para mim, quando fiquei sabendo, num encontro de coordenadores de Pastoral no Recife, que na América Latina, quem deveria fazer a teologia,

---

65- Trechos extraídos de um depoimento fornecido pelo padre Cristiano à nossa pesquisa, em abril de '91; o referido material foi escrito pelo autor.

seriam as comunidades de Base e não os que tradicionalmente são chamados a fazer, que para mim eram os teólogos da Europa". Embora sobre o impacto, mas atraído pelo prazer de "dividir teologia" com animadores de base, é neste aspecto que vai sendo destaque sua atuação. Enfatizou o mesmo informante:

*"Minha atuação em Pirpirituba começou em 1974 tempo de repressão, em que os espaços de encontro do povo eram impedidos. (Lembro que as irmãs de Jacaraú, um certo dia, resolveram fazer um encontro com outras irmãs e escolheram Pirpirituba por ser um pouco central. (...) o encontro foi debaixo de uma mangueira, num sítio perto da cidade. A tardinha do mesmo dia recebi uma visita do padre Geraldo, de Guarabira e do ex. padre de Pirpirituba que muito preocupados, me avisaram que o secretário de segurança já tinha sido avisado sobre um encontro de pessoas estranhas, certamente subversivas e comunistas, em Pirpirituba".*

O processo de incorporação das pessoas simples à Igreja prosseguiu, embora ainda sem uma atribuição específica ao chamado animador. As tarefas iniciais eram denominadas de reuniões de sítios, (por ser a maioria um público rural), e o animador era convocado também como representante de sítio.

O processo parece fluir com rapidez, mas, na prática, o ritmo do trabalho esteve correspondente ao ritmo de cada sítio, ou comunidade (termo geral)<sup>66</sup>. Uns vão sendo destaque por 'andarem' mais rápido e demonstrarem assim maior eficiência do animador. Deve-se salientar os sítios que se destacavam na época: Várzea comprida; Serraria, Boa Ventura, Ladeira de Pedra e Aldeia,...enfim, uma nova roupagem envolve aquela paróquia.

Pressões e acusações corriqueiras, nesse momento fazem-se presentes entre animadores a caminho de se tornarem agentes de pastoral, não são circunscritos ao padre e a algumas irmãs, porém mesmo entre pressões e acusações, o processo segue seu curso e é ampliado. Em sua proposta de

---

66- Comunidade - termo geral CEB (Comunidade Eclesial de Base).



Igreja/Povo-de-Deus este setor da Igreja subverte certos valores socialmente sedimentados.

*"Percebi logo que eu era considerado pelos políticos padre subversivo e comunista. Tentei pôr em prática o que é "valorizar o saber dos pobres". Chamei uma jovem de Cacimba de Dentro, analfabeta, membro da ACR (Animação dos Cristãos no Meio Rural) para ensinar o povo dos sítios como se "reunir em torno do Evangelho e iniciar uma caminhada de comunidade. A partir dos desenhos da Bíblia na Língua de Hoje ela fazia o povo refletir o Evangelho. Permanecia numa comunidade mais ou menos uma semana. Fez isto em 15 comunidades e conseguiu que outras pessoas de base se animassem a utilizar sua vez e voz na Igreja".*

*"Intercâmbio, viagens, treinamentos e cursos de formação, com curta, média e longa duração, são frutos de planejamento da Diocese ou de um conjunto de Diocese".*

*(Padre Muffler, ex. vigário de Pirpirituba).*

É no planejamento geral da Diocese, em décadas de 1980, que esse trabalho se acentua e é, de certa forma incluído, numa outra sistemática.

### **3.1.1 - Nova Diocese: prioridade para a formação de animador**

Foi notadamente com a presença de D. Marcelo como Bispo oficial da referida Diocese, que esse processo de formação de animadores foi ampliado e, de certa forma, passou a fazer parte da dinâmica maior da Igreja. Embora D. Marcelo já estivesse residindo nessa área desde os anos '70 e sendo apoio ao trabalho que se desenvolvia na Paróquia de Pirpirituba, como noutras paróquias, é a partir de 1981 que esse fato se torna prioridade no trabalho pastoral da região. Momento em que a Diocese vai procurar expressar sua prioridade absoluta aos pobres e oprimidos.

Os depoimentos revelam certo paradoxo de expectativa e tratamento com o denominado "animador". De um lado, os responsáveis pela formação tais como: padres, agentes de pastoral..., preocupavam-se em fornecerem meios e informações que resultassem em "crescimento" para o animador. Mas,

justamente pelo fato de serem a maioria, oriundos de camadas populares, todo cuidado seria pouco para não distanciá-lo da base:

*(...) "Tivemos um cuidado de não elitizar os Líderes, tendo até certo receio de levá-los a cursos fora do seu ambiente natural temos exemplos de animadores que se distanciarem da base". (grifos meus).*

(Padre Muffler)

"Formar", nos termos citados, se aproxima do tornar alguém diferente do que é, mas, ao mesmo tempo, o desafio estaria em manter determinados valores da origem.

Era a Comunidade, a "base", o ambiente formador e, ao mesmo tempo, formado pelo animador. Pela dela, ele emerge e a ela tem que demonstrar testemunho nas suas tarefas do cotidiano. De certa forma, os agentes externos, responsáveis por parte da formação desses sujeitos, reforçaram a existência de um animador arquetipo, modelo exemplar diferente e igual, que faz a opção e propagação do espírito de pobreza, inspirados numa prática de Teologia da libertação. Neste sentido, a Igreja "Povo de Deus" atraía, e, ao mesmo tempo assustava. Havia clareza de que deveriam ser os animadores os responsáveis diretos pelo trabalho, mas não estava evidente que os rumos desse trabalho a eles pertenciam. Nem tão pouco, que outros espaços viessem favorecer ao processo de formação. O próprio informante reconhece que, num primeiro momento, se evitou tirar os animadores "da base", mas uma vez instalado o processo, foi necessário extrapolar certos limites, buscando-se cursos específicos.

Na opinião dos fiéis: católicos, pastores, irmãs, agentes de pastoral, reforçaram a idéia de que foi com D. Marcelo que deu corpo a essas iniciativas.

*"A chegada de D. Marcelo em Guarabira, ainda como bispo auxiliar de João Pessoa, como também de outros agentes de Pastoral, sobretudo das irmãs, bem orientadas pelas reciclagens da Arquidiocese e depois da Região e futura Diocese do Brejo, na linha de uma Igreja Renovada, confirmaram esta caminhada iniciada"<sup>67</sup>.*

"Homem limpo, um homem democrata, (...) homem livre"<sup>68</sup> este homem certamente só teria que reforçar as experiências que havia e abrir espaços para que outras desabrochassem. Como "a linha da Diocese é a linha do Bispo"<sup>69</sup> é D. Marcelo que torna esta Diocese um canal de expressão dos movimentos Populares em que outros animadores são formados. O próprio D. Marcelo afirmou:

*"A Igreja tem uma grande dívida que é insolúvel com Cristo, com o Evangelho, com o povo. Ela ainda está sempre aquém daquilo que deveria fazer"<sup>70</sup>.*

Reconhecendo que a Igreja tem uma dívida para com o povo, com os trabalhadores, Dom Marcelo entende que canais deveriam ser abertos para que a formação das pessoas fosse, de certa forma, atendida nos planos da Igreja visando a uma mudança social. afirmou ele: "Parece que a relação da Igreja com a sociedade é mais fácil quando se trata dos segmentos da sociedade voltados para uma mudança social"<sup>71</sup>.

Para ele, hoje, a Igreja estabelece uma relação com a sociedade e com o Estado, porém é mais simples e compreensível com a primeira,

---

67- Entrevista concedida pelo Padre Cristiano. Grifos meus.

68- Frase de uma religiosa em entrevista concedida em julho, '91.

69- In Novaes. Op. cit. 250.

70- Entrevista concedida, em 1987, para fins de monografia de graduação.

71- Cf. Cardoso, 1987: 49.

principalmente, por se tratar de segmentos sociais, ou seja: trabalhadores pobres, ou até mesmo grupos mais esclarecidos, como os intelectuais liberais voltados para um modelo diferente de sociedade. Nesta preocupação, a Igreja se identifica com a proposta dos trabalhadores e desempenha um papel de "formadora" de consciência dos trabalhadores.

A dívida que a Igreja guardava para com os pobres é entendida por vários ângulos e um deles, provalmente, deu-se no tipo de tratamento a eles concedido:

*"Antes de Medellin, Agentes de Pastoral consideravam o povo como objeto da Pastoral que só tinha condições de ouvir, aprender e receber orientações. Depois de Medellin e Puebla, fomos descobrindo uma nova metodologia, ou melhor, não era só o método que mudou, mas "eixo" da reflexão e da prática: o pobre deve ser sujeito da sua história e libertação. Seguindo o exemplo de Jesus Cristo que se encarnou no meio dos pobres e valorizou os marginalizados da sociedade, tentamos valorizar o saber e a cultura dos trabalhadores".*

*(Padre Muffler)*

Outros religiosos também reconhecem que a Igreja mudou e deu um novo lugar aos pobres:

*"A Igreja de Hoje, de 20 anos pra cá (...) O povo não pode ser passivo na Igreja, não pode ser um povo que senta e diz sim, e não tem condição de discutir e discordar. (...) o povo de Deus é um conceito dinâmico, não é um conceito estático, então para que o povo de Deus seja dinâmico ele tem que ser formado".*

*(Pe. Bosco: atual vigário de Pirpirituba)*

Foi a preocupação de seguir rigorosamente as deliberações de Medellin-Puebla, que levou a Diocese de Guarabira, entre outras, a descobrir um novo jeito de trabalhar no meio dos trabalhadores pobres. A preocupação em tornar "o outro", sujeito da história, explicitando a prática de um conceito dinâmico da Igreja "povo de Deus", fez surgir no interior desta Diocese, uma série de

animadores com outras denominações, agora bem especificadas, tais como: animadores de comunidade, de Batismo, de Saúde, de crisma, etc.

Tal iniciativa vai fazendo com que, na prática religiosa, se realizem as palavras de 1Cor. 7:7 em que a Igreja torna-se "um corpo possuindo muitas funções". Nela todos possuem o seu carisma, um de uma forma, outro de outra forma.

Atualmente, o animador é também reconhecido sob denominação de monitor. Termo comumente utilizado para aqueles que se responsabilizam pela preparação para os sacramentos, cuja maioria trabalha quase sempre numa única comunidade. Há casos em que são esses animadores também os responsáveis por tarefas nas pastorais específicas: operária, da terra, da criança. No geral, são pessoas que sempre se colocam à disposição para o trabalho pastoral, para o qual nem sempre recebem gratificações, a não ser os que assumem tarefas específicas que exigem dedicação exclusiva.

Preocupados em descobrir como se dá a passagem de monitor de batismo para um coordenador de pastoral, por exemplo, perguntou-se a uma religiosa:

*"Quando se pode dizer que uma pessoa está pronta para ser animador?"*

Logo ela interfere:

*- "não, não diz estar pronta. É com o pessoal com quem já trabalham: fazem celebração, outros já rezam o terço, e do terço vão atualizando seu trabalho.*

*"A maneira de fazer vai entrar na política, nas lutas, caminhadas, ... Quando deixar de pensar em si é quando está Pronto.*

Continuou:

*"A gente não chega a pensar que é só a gente, é todo um contexto, tinha os padres, tinha programa de rádio, reunião da CPT, houve um curso*

*que o SEDUP fez para organizadores, foi um curso muito bom, formou muita gente então saíram desse curso alguns animadores*<sup>72</sup>.

Seguindo os depoimentos concedidos a esta pesquisa, pode-se concluir que o processo de formação de um animador resulta de todo contexto de experiência em que se envolvem: público de uma comunidade, que o reconheceu, animadores (gente do povo), intermediadores (clero ou agentes de pastorais). Nesta relação se encontram múltiplos cotidianos expressos nos distritos locais a partir dos quais esses sujeitos se relacionam. A formação pode ser múltipla ou especializada. As tarefas dependem dos acontecimentos de cada comunidade em que estão inseridos, dependem em particular também do ritmo de cada paróquia ou Diocese de que façam parte.

### **3.1.2 - Os Animadores Militantes Sindicais**

Há ainda no linguajar da própria Igreja Católica a evidência de um outro termo em destaque: "militante", cujo sentido aproxima-se fortemente do que sociologicamente é designado como lideranças.

A Igreja Católica investiu também nesse tipo, demonstrando o peso e o grau da atenção depositada aos movimentos sociais e demais experimentos neste âmbito. Atingir as esferas religiosas, sindicais e políticas, fazia parte da proposta maior da Igreja.

Como justificativa ao caráter desse tipo de extensão do trabalho, o padre Muffler se expressa:

*"Chegamos a dizer e ensinar às comunidades que devemos estar apoiados num "tripé" formado por paus santos". **COMUNIDADE ECLESIAL DE BASE, SINDICATO, E PARTIDO POLÍTICO.** A Comunidade Eclesial*

---

72- Entrevista coletiva com as Irmãs: Socorro e Tereza. Julho de 1991.

*para fortificar nossa fé, por que a fé bem orientada, alimentada, é base de nossa existência e de todas as lutas, nos sustenta nas derrotas e vitórias". O Sindicato para dar forças aos pequenos, nos conflitos constantes com os grandes. O Sindicato que defende os direitos dos trabalhadores, a política Agrária mais justa, evitando assim a expulsão dos trabalhadores do campo e o aumento da miséria nas periferias da cidade. O Partido para enfrentar questões mais amplas que o sindicato não consegue resolver".*

**Outros padres avaliaram que a atenção ao trabalho Social esteve presente na prática da Igreja:**

*"A Igreja sempre fez o seu trabalho, ela tem dois níveis de trabalho:(...) toda atividade que é milenar dos religiosos, do sacramento, da oração, da celebração, e isso sempre a Igreja fez.(...) depois a Igreja desperta... o trabalho mais social, político, formativo, nível do trabalho de consciência (...) acentuou a questão sindical...*

*(Padre João Bosco, Pirpirituba.)*

Conforme evidenciam os depoimentos, com certeza não esteve ausente a atenção aos sacramentos e a toda prática espiritual da Igreja, mas o trabalho social se destacou de tal forma que, ficou reconhecido como impulsionador das campanhas de oposição sindical, chegando em alguns momentos a considerar como vitória a eleição de líderes rurais para o trabalho sindical, sendo este fato motivo de celebração e agradecimentos, expressos em momentos fortes da religiosidade: sextas-feiras santas, sábados-santos, entre outros.

*"(...) Posso dizer que nos dez anos que passei em Pirpirituba, houve um certo crescimento na fé e também na consciência política do povo. Conseguimos, nas celebrações, unir fé e Vida. Apareciam nas dramatizações, por exemplo da Sexta-feira Santa, as lutas e o sofrimento do povo e as pequenas vitórias das comunidades (no sábado santo). Com muita paciência e sofrendo às vezes decepções, conseguia mobilizar alguns membros de comunidade (não o povo em geral) a participar de viagens de solidariedade em casos de conflitos de terra em outros municípios. A maior vitória foi a virada do Sindicato dos Trabalhadores Rurais contra a investida massiva dos políticos aliados aos proprietários. Para mim foi a prova de que o povo tinha entendido um pouco daquilo que a gente vinha ensinando anos e anos: "Eu acredito que o mundo será melhor quando o menor que padece acreditar no menor". O povo mostrou que não queria ficar apenas no aspecto religioso.*

*(Entrevista concedida pelo Padre Muffler)*

**O fato de ter sido o sindicato de Pirpirituba, naquele momento**

a experiência modelo para a região, dizia-se que "contávamos com a primeira de uma série de outras vitórias"; uma vez que a partir de Pirpirituba outras cidades seguiram o exemplo e iniciaram oposições sindicais. "Mas, logo se percebeu que pouquíssimas diretorias sindicais, com personalidades fortes, conseguiram resistir às pressões de uma estrutura já feita e arquitetada de propósito para enquadrar os sindicatos no esquema do poder".

Queixas não deiram de aparecer. Por um lado, católicos "formadores, os representantes católicos queixam-se que enquanto os militantes sindicais estavam na composição das oposições, em fase de campanhas, sabiam lutar e defender os companheiros, depois com a tomada do sindicato, as coisas caíam de pique a favor dos necessitados". Parece haver gerado-se uma outra necessidade que não aquela em que viveria a maioria do público associado àquela instituição. Explicitamente, este Padre, que preferiu não ser identificado, nos informou:

*"As lideranças que assumiram o sindicato aqui no Brejo eram pessoas acompanhadas e apresentadas pela Igreja(...) esse pessoal decepcionou, quer dizer:(...) a Igreja apostava e acreditava que eram pessoas assim. prometiam mais. mas, tem aquela história, uma coisa é ontem e outra é depois. (...)A gente sente que alguns, até de certa forma foram traidores se acomodaram já na direção do poder, dizem que corrompe quando chega lá, já não tiveram mais o pique pra lutar, pra defesa do trabalhador como se esperava, alguns até depois ficaram acostumados à Igreja, ficaram contra e chegaram lá por causa do apoio. A Igreja usa as influências que tem pra colocar a serviço, o sujeito ganhou então em algum caso desses a Igreja colocou a sua influência, apostou, o sujeito ganhou e depois deu um ponta-pé na Igreja.*

Nota-se bem, e é reluzente, o processo de investimento da Igreja Popular do Brejo na formação de animadores.

Uma análise coerente não pode deixar de considerar a existência de variados sentimentos sobre determinados frutos desse trabalho. Se por um lado,



celebrou-se louvor a Deus, em momentos fortes da celebração, não há unanimidade na avaliação que trata das missões específicas da Igreja. Motivos como estes levaram muitos a se posicionarem contrários ao investimento e a uma prática similar ao longo da experiência popular de apoio às lutas sociais. As opiniões se evidenciam das seguintes formas:

*"Houve um tempo em que a Igreja se envolveu muito na questão sindical, sobretudo nas mudanças das presidências... ver que hoje os sindicalistas se distanciaram."*

*"A Igreja deu a mão investiu de realmente ter formado muitos quadros novos e simplesmente continuou fazendo seu trabalho que é secular..."*

*(Padre Bosco, Pirpirituba).*

Outros dizem que desde o início percebiam que o trabalho de formação de um animador traria em si o grande desafio da dialética entre diferença e igualdade.

*"Penso que é difícil "formar" um animador. Quem tem tendência natural para ser ditador e monopolizador, por mais formação que receba sempre vai atrapalhar a comunidade."*

*(Padre Muffler)*

Hoje, após a mudança de conjuntura internacional do Vaticano e com seus efeitos sobre o clero brasileiro, ainda vale ressaltar que entre avanços e recuos, a Igreja Popular do Brejo Paraibano não se retirou do cenário em que atua, apoiando os movimentos sociais populares. É claro, que o cenário não é mais o mesmo do início da década de 80, nem visualizamos a Igreja interferindo com a mesma intensidade. Se por um lado os movimentos estão "construindo seus próprios canais de reconhecimento, e espaços para a formação de militantes, a igreja que mesmo ainda sendo parte desses canais, procura investir, de certa forma, em atividades que reforçam a religiosidade, espiritualidade, reelaborando, de certa forma, seu discurso e sua forma de intervenção social.

## 3.2 - As Lutas Sociais no Campo e a Presença dos Agentes

### Externos

Uma reflexão sobre a temática aqui proposta exige que reflitamos sobre o movimento histórico em que se inserem as lutas sociais populares no Brasil. Sem pretensões de realizar uma análise nos trilhos de uma história secular, propô-se uma volta ao Brasil, em períodos de enfraquecimento de regime militar, e a fase de "redemocratização brasileira."

Fim dos anos '60, início da década de '70. Período consagrado como o do auge de endurecimento do regime militar, coincide com marco que vem sendo oficializado como inaugurado, a era da "opção preferencial pelos pobres" da Igreja Católica, onde as pastorais populares e organizações comunitárias de todo tipo colocaram na cena política do país novos atores e novas práticas sociais. As CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) são apenas a face mais visível de toda uma multiplicidade de grupos reativados ou criados, por toda parte, com caráter e finalidades diversas, ligados de forma diferente à estrutura hierárquica eclesial, junto a setores do campesinato e de camadas empobrecidas da grande cidade<sup>73</sup>.

São iniciativas tais como: "clubes de mães", "círculos bíblicos", "grupos de jovens", "grupos de reflexão", "associações" para atividades de cunho econômico localizadas como meios de "compra e venda", "caixas coletivas" e as "roças comunitárias".

Essa época ficou fortemente marcada pelas "levas renovadas de agentes saídos das classes médias (religiosos, leigos, não católicos) que passam a se

---

73- Sobre este assunto recorrer a Leilah Landim (1988:24) ISER.

empenhar, mais uma vez, no movimento de ida ao povo, agora sob a égide da Igreja, transformados em "assessores-animadores dentro de um espírito de compromisso, serviço a ser conquistado e, ao mesmo tempo, mantido, colocado como exemplo, no espaço das comunidades".

É em fins dos anos 70 - com o processo de abertura política - "processo de transição democrática" - que se ampliam os espaços de participação política e coincide também com um processo de liberdade e volta do exílio, período marcado pelo fim da repressão. Como não poderia ser diferente, o movimento popular foi se consolidando de forma progressiva. Sindicatos, associações de categorias profissionais, associações de moradores, iniciativas de luta pela terra, crescem e vão se tornando atores, cada vez mais visíveis, na sociedade civil.

Paralelamente, nota-se que uma crise econômica e social aprofunda-se fazendo com que os sujeitos sociais atingidos busquem soluções viáveis. É no bojo destes acontecimentos que nasceu e se multiplicou um conjunto de entidades de assessorias numa perspectiva de transformação social. Transformar as estruturas sociais é a grande meta da época, entendia-se que só atingindo as estruturas sociais, se atingiria uma mudança na sociedade.

Como vimos anteriormente, na região do Brejo da Paraíba não ocorre diferente do resto do Nordeste, nem do país. O nascimento dos Centros de Educação Popular, conhecidos também pela denominação de Centros ou Entidades de Assessoria, ainda, mais tarde, entendidos pela terminologia de ONG (Organizações não Governamental)<sup>74</sup>, ainda ditos "os intermediadores" ou

---

74- Termo que ficou reconhecido e oficializado mundialmente na Conferência realizada em Agosto de 1990, no Rio de Janeiro, momento em que se reuniu grande parte das Organizações "não governamentais" ONGs, Nacionais e Internacionais. Conferência na qual me fiz presente em função de representar uma das entidades ali presente no momento: O SEDUP.

"agentes externos", é um processo forjado pelo período que aqui foi descrito, como também pelas condições sociais que, de certa forma, foram favoráveis ao tal surgimento. Conforme já se introduziu neste trabalho, foi através do canal construído pela Diocese de Guarabira que "veio à luz" uma série de grupos cuja finalidade se incluía numa proposta maior de luta pela libertação dos oprimidos marginalizados, sem vez, voz, conforme declaram os informantes<sup>75</sup>.

É inspirada na Teologia da Libertação e defendendo uma igreja engajada no apoio às lutas do povo, fiel, também, às deliberações da conferência de Medellín (1986) que, nesse momento, era motivo para a igreja no Brasil iniciar uma profunda revisão de sua prática, de sua pregação junto ao povo, reagindo contra a violência econômica e política, que abatia a humanidade e toda sociedade civil, como também a própria instituição eclesial. A Diocese de Guarabira cria serviços específicos para atender às necessidades mais urgentes, vividas indicadas pelas camadas sociais, consideradas público prioritário da Diocese que estava prestes a ser formada.

Vale salientar que em 1974, D. Marcelo permitiu que se realizasse uma pesquisa junto aos setores mais pobres da cidade de Guarabira, cujo objetivo objetivo estava em perguntar-lhes: Quais são os seus principais problemas e, dentre eles, qual o que mais gostariam que fosse resolvido? Em outras palavras - que tipo de ajuda o povo gostaria de receber? Surpreendentemente, embora tudo fosse, aos olhos dos agentes, (terra, casa, comida, trabalho, migração, salário...), "ESTUDO pros filhos" foi a necessidade que mais se destacou<sup>76</sup>.

Cria-se o Projeto Educativo do Menor (PEM). Esse projeto constitui a

---

76- Cf. Barbosa Silva (1992:39).

primeira iniciativa, oficialmente reconhecida, como serviço para atender às necessidades específicas apresentadas: o analfabetismo. Inicialmente, a experiência deu-se, na maioria com menores, porém mais tarde amplia-se o trabalho para a alfabetização de adultos<sup>77</sup>.

O método foi baseado em Paulo Freire. E todo processo de desenvolvimento da experiência dava-se em forma de mutirão. Professores eram denominados de "animadores" e as escolas foram batizadas de "canteiros". Os nomes para os canteiros foram escolhidos por um conjunto de animadores juntos aos seus alunos<sup>78</sup>.

Muitas escolinhas tinham o nome de um Santo ou mesmo reconhecidos por um nome que representasse, simbolicamente, o tipo da escola. Elas funcionavam nos mais variados lugares, geralmente, naqueles que a comunidade colocava à disposição, não se esquecendo uma dessas, que funcionou no "galinheiro" de uma casa paroquial.

O Projeto Educativo do Menor se instalou e logo multiplicou-se. Cresceu surpreendentemente: havia uma escolinha aqui, outra lá e não faltava solicitação de um padre, de uma religiosa, que se dizia estar trazendo uma solicitação de sua comunidade.

O Projeto recebeu uma ajuda financeira do Comitê II da Holanda e, desde o início, assumiu as despesas gerais da escola. Os animadores recebiam um salário-gratificação e tinham para isso uma carteira assinada. Embora num período inicial tenha-se, de certa forma, deixado fluir naturalmente as iniciativas

---

77- Cf. Barbosa Silva. Op. cit. 39.

78- Por exemplo. Escola da Esperança, "Canteiro" do Barro Vermelho; do Vém-Vem, da Cx. D'água, etc.

de "escolinhas comunitárias", no meio do caminho, sentiu-se a necessidade de repensar o trabalho e replanejar a forma de intervenção, tarefa que não ocorreu, facilmente, em função do nível de pobreza que as crianças envolvidas apresentavam. Dizer: "essa escola não pode ser aceita" por não se ter condições de acompanhamento, parecia que, naquele momento o trabalho tinha que ser, de fato, repensado mais em termos de metodologia, em se detectar uma forma de ampliar, incluindo a própria participação dos animadores na coordenação do trabalho e foi a partir daí que de acordo com as áreas pastorais, da Diocese: Guarabira, Pirpirituba, Belém e Solânea, incluindo os municípios correspondentes, elegeu-se um coordenador de área para o trabalho prosseguir com maior segurança.

Hoje o PEM é denominado PROCEP (Projeto Comunitário de Educação Popular), oficialmente entidade com CGC próprio, com uma prática mais ampla que inclui o apoio e assessoria não só na área da alfabetização de crianças ou adultos, mas às iniciativas produtivas no âmbito da pequena produção agrícola e artesanal, sobretudo, na criação de pequenos animais<sup>79</sup>.

Por outro lado, multiplicavam-se os casos de desrespeito aos direitos humanos e quase sempre o povo estava deixando de recorrer aos políticos para procurar o Bispo. Cria-se o segundo Serviço Diocesano: Centro de Orientação e Defesa dos Direitos Humanos (CODH). Instala-se um setor próprio para apoio às questões que fossem cabíveis a esta organização.

---

79- Vale lembrar que no momento em que o PEM foi criado Guarabira ainda não era sede da Diocese, dependia de João Pessoa tendo D. Marcelo como Bispo auxiliar de Dom José, porém, a criação do PEM representa as primeiras vindas de profissionais liberais à área, por "permissão" do referido Bispo. Com a presença de uma pessoa tão aberta, considerada progressista, o povo também sentia que sua casa era parte deles, pra isso não temiam em buscar sempre o Bispo para pedir, ajudas, buscar orientações. Sobre o assunto, ver também Barbosa, 1992:41.

*"(...) em seu início composto por um médico, uma nutricionista de Direito e um secretário. O CADH tinha como objetivo não o de defender causas jurídicas, mas o de orientar as pessoas a se dirigirem aos órgãos competentes (sindicatos, Delegacia Regional do Trabalho) ou fundarem associações por categoria profissionais."*

*(Barbosa, 1992:41)*

Posteriormente, este Centro passou a atuar de fato e junto aos sindicatos rurais e a CPT, passou a defender os trabalhadores nos Fóruns e demais Juntas Trabalhistas.

PROCEP e CODH constituem então os dois primeiros serviços criados pela referida Diocese de Guarabira. A atuação desses serviços coincide também com a própria atuação dos grupos denominados CEBs que iam, pouco a pouco, tomando corpo na Diocese de Guarabira; as CEBs estiveram, praticamente, sob a responsabilidade das irmãs. Não excluindo a participação e apoio dos padres e do próprio Bispo. As irmãs que dinamizaram a existência das CEBs, lembrando que elas estiveram presentes também na formação de alguns serviços e das próprias pastorais.

Os trabalhadores falam sobre o trabalho das irmãs nos termos seguintes:

*"Papel das irmãs é ajudando, é lendo o evangelho, é fazendo dramas, passando filmes, fazendo multirão, fazendo feira praquele que tava desempregado, que não pode lutar na roça, fazendo reunião com mulheres.. e dizendo a nós que a Igreja falada não é a Igreja, nós que éramos a Igreja, e justamente nisso nós pegamos a se concentrar que nós éramos a Igreja."*  
*(Seu Lourival, animador de comunidade e membro do conselho fiscal do Sindicato de Tacima).*

Percebe-se que são também as CEBs que dinamizam a articulação com as lutas populares, reforçando um novo aspecto que se fazia presente, nos rumos da Igreja local, oferecendo e representando um novo modo vida, vivência da fé e da comunicação dessa fé. "Cristãos que se inserem no mundo dos movimentos populares". Sendo "modelo" e representando uma caminhada com

o povo, conforme analisou Carmem Cinira, 1992:21, "emerge no cotidiano uma noção que atravessa a vida das CEBs: caminhada. Acredita-se que, tanto quanto o sol nasce a leste e morre a oeste, todos os dias, o povo de Deus tem uma trajetória a seguir, que deve levá-lo do extremo de carência à plenitude da realização do Reino de Deus na Terra. Essa trajetória leva tempo, é preciso que todos caminhem. Isso, às vezes retarda os grupos, forçados a constantes paradas para absorver novos caminhantes que chegam. A noção de caminhada envolve todos. Cada um e o conjunto coletivo".

Percebe-se que a forma de inserção das pessoas em grupos denominados CEBs indica diferentes níveis de participação, mas não deixa de ser tratado como caminhada, que tem um ponto de chegada onde se localiza a CEB almejada: missionárias e perseguidas.

*"(...) Há CEBs que se reúnem até para rezar, fazer novenas ou cantar ladainhas. Outras espalhadas pelos sítios ou capelas, já se contituem grupo de reflexão que buscam, através da Bíblia fazer uma ligação entre a palavra e a vida. E, se algumas a partir desta "reflexão" apenas identificam os problemas locais e partem para uma ação do tipo assistencialista, ou seja, multirões ajuda mútua entre as famílias, outras chegam a ações reivindicatórias e passam a se mobilizar em termos de exigir serviços públicos como estradas, água, eletricidade, escolas. Quando porém já "passam a colocar questões estruturais como terra, "salário" são comunidades cuja ação é libertadora. Existem ainda CEBs que se transformam em comunidades missionárias, são aquelas que independentemente de atuação de agentes de pastorais, saem de sua própria e participam da formação de outra comunidade. E existe, por fim, a comunidade perseguida. "aquela que sofre perseguição porque busca justiça."*

*(Novaes, 1988:232)*

As pastorais populares também surgem dentro de um contexto histórico bastante favorável. Durante o regime militar a Igreja Católica, como coloca Paiva (1985), era a única instituição que tinha legitimidade para o contato com todas as classes sociais. De certa forma, o sucesso das CEBs e Pastorais deve ser



relacionado também ao cerceamento das liberdades políticas e dependências do movimento sindical.

Embora já estivessem em fase embrionária, é em 1979, e início dos anos "80, que D. Marcelo apóia a criação da CPT (Comissão Pastoral da Terra) cujo objetivo principal estava em apoiar a luta pela terra. A CPT antes chamada Pastoral Rural, abrangeria a área caracterizada de atuação da Diocese e extrapolaria os limites geográficos da região do Brejo.

Inicialmente, esta pastoral foi composta pelos ex-integrantes do MER (Movimento de Evangelização Rural), e pelos ex-integrantes da ACR (Animação dos Cristãos no Meio Rural). Com a proposta específica de apoio à luta pela terra, o campo de atuação parece restrito, mas por outro lado, muito amplo, não diferindo daquele em que se situam os sindicatos pelegos e em sua maioria, entre estes, alguns já motivados pelo impacto das transformações sócio-políticas-religiosas da região, em processo de renovação sindical. Este cenário dinamiza o campo de atuação da CPT "que vai, pouco a pouco, sendo entendido como instância de representação de luta pela terra, naquela região." (Tosi. 1989:1).

Atuando num ambiente desta natureza, sem dúvida, rapidamente membros da equipe da CPT assumem a direção de sindicatos e passam a desempenhar tarefas de apoio à renovação sindical, da mesma região, formando o pólo de renovação sindical do Brejo Paraibano.

É em 1981, com a já então consagrada implantação da Diocese que ocorre a criação do SEDUP (Serviço de Educação Popular).

O SEDUP surge, principalmente, com o intuito de responder as solicitações apresentadas pelo público dos grupos de base, pastorais, CEBs

que conquistavam lentamente seus espaços, na cena política social da região. A partir de um processo de longas discussões, agentes de pastorais, junto ao Bispo, dão vida ao então SEDUP. Inicialmente, parece formar-se duas instituições numa só: O SEDUP Social, e o SEDUP pastoral. Como o próprio nome sugere, o SEDUP social se responsabilizaria em atender às solicitações na linha das questões sociais, reuniões de base, palestras, preparação de materiais, informativos e formativos, enfim, reforçar o trabalho social na região. Já o SEDUP pastoral teria a tarefa de auxiliar as atividades situadas, exclusivamente, no âmbito pastoral: uma reunião bíblica, preparação para os sacramentos, como também produzir materiais de reforço neste aspecto. Pelo pouco que se sabe, o SEDUP pastoral logo se dissolveu, estando um único SEDUP sem especificação da prática social ou pastoral, apenas se fazendo reconhecer como Serviço de Educação. Uma vez criado o SEDUP, instalado com sede e as primeiras invenções de infraestrutura, a equipe tentou a sua forma de inserção no meio social.

Segundo arquivos da instituição, no início, o SEDUP não elaborou um programa de atividades para oferecer a um público determinado. Toda a prática desta entidade era planejada de acordo com as necessidades que o "movimento ia apresentando, dentro das questões que a própria conjuntura local indicava. Num específico trabalho sobre esta entidade, Barbosa (1992:59) destacou bem as questões que o SEDUP enfrentava nos seus primeiros passos de sua existência:

- "a) Ausência de representantes no movimento sindical;*
- b) falta de consenso, entre os próprios camponeses, do modo como deveria ser conduzida a luta pela posse da terra;*
- c) Migração sobretudo da população jovem do meio rural para o sul do país;*
- d) Incentivo da SUDENE para a criação de gado e para o plantio de capim nas propriedades agrícolas da região, em substituição ao cultivo de lavouras;*

*e) Presença do Pró-Alcool, que incentivando o plantio de cana-de-açúcar, acarretou a expulsão do campo centenas de agricultores."*

O Movimento Popular vai ganhando terreno na esfera social da região, mas apresenta uma certa fragilidade pela sua pouca representatividade. Não era um conjunto de trabalhadores que, automaticamente, optou por uma nova forma de organização social. Eram pequenas iniciativas que embora fossem se multiplicando, não traziam consigo respostas às suas dificuldades.

Neste contexto, vai se configurando uma demanda específica para o SEDUP. Demandas que se traduziam em: orientação para atrair a comunidade para as reuniões de base; apoio aos grupos que se organizavam em oposições sindicais, palestras proferidas sobre um determinado tema para um determinado grupo; em geral, as palestras localizavam-se no plano das análises sócio-política e econômica, destacando-se, entre outros, o uso de slides com temas específicos.

Produção de slide, cartazes, constituíram práticas comuns nos primeiros dias de vida do Sedup. Em síntese, a entidade procurou, num primeiro momento, seguir passo-a-passo do cotidiano dos grupos com quem considerava estabelecer uma relação de parceria.

Foi em 1981 que, junto a outras organizações de assessoria presentes nesta área, esta recém-formada entidade se engajou numa ação conjunta que consistia numa sistemática de reuniões de base, cujo objetivo consistia em juntos; SEDUP, CODH e CPT, promoverem uma semana sindical. Todas as comunidades situadas no local, onde ocorreria a referida semana, se incluíam no plano comum de atividades. Não importava, neste momento, o nível de organização, importava a disponibilidade para fortalecer o movimento.

Divulgou-se muito, nesta época, o slogan: "Trabalhador Unido É Sindicato Forte!".

Mas o próprio cotidiano dos grupos levava o Sedup a replanejar sua ação. Enfim: "estava a serviço", mas o "serviço" devia ser prestado por um grupo competente, para responder ao nível das perguntas elaboradas no momento. E não demorou, a situação exigiu que o Sedup passasse a dar um acompanhamento sistemático aos grupos envolvidos. Tornou-se bandeira do movimento determinadas palavras-chaves que o público não tinha comum acesso nas suas práticas do dia-a-dia.

O vocabulário impôs-se: Lutar Pelos Direitos! "Defender os Direitos", classe social, "organização da classe trabalhadora", união, "comunidade". Esta série de palavras introduzidas pelos intermediadores passam a ter sentido prático e interfere na própria dinâmica do movimento proporcionando o acesso, da maioria dos envolvidos, a uma nova linguagem. Notadamente, falava-se muito em lideranças do movimento e base do movimento e foram essas "duas instâncias" que, de certa forma, levaram o Sedup a pensar uma proposta sistemática para o trabalho com esses dois seguimentos do movimento. Momento em que o Sedup elabora duas propostas de formação: Cursos de Formação de base; Cursos de Formação para Lideranças.

Os Cursos de Formação de base: constituíram-se uma proposta de formação para a chamada base do movimento, mas, de fato, eram destinados à trabalhadores que já estavam engajados num processo de organização social: seja nas oposições sindicais, seja em áreas de luta pela terra, pois seus conteúdos destinavam-se ao público, na maioria, rural.

Os referidos conteúdos abrangeriam dois aspectos distintos: sindicalismo, Leis e Direitos, vistos enquanto etapas. Cada etapa dividia-se em unidades: acompanhadas de um roteiro base e material ilustrativo, em forma de desenhos relativos ao tema estudado. O roteiro foi elaborado com base em perguntas cujas respostas se devia buscar no falar dos participantes. A prática, era a prioridade no desenrolar da reflexão de qualquer tema proposta naquele roteiro. Após o término de uma unidade, o participante levava consigo um exemplar da miniatura dos desenhos utilizados no curso. O Sedup viveu essa experiência por um período extenso e considerado o ritmo em que andavam os cursos, passou a "formar monitores para o trabalho em seus municípios, até o período de 1987", quando, em agosto, cria-se a Cut Regional, daí esse trabalho vai, pouco a pouco, sendo assumido pelo público "da CUT" que, esporadicamente, solicitava assessoria da entidade.

Antes da criação da CUT regional, que atendendo a uma solicitação da CUT Estadual, o Sedup elabora uma proposta de Formação para Lideranças, ou como se falava: Formação para Dirigentes sindicais. Este curso, também ocorreu na base de etapas. Somando-se três etapas de estudo.

A primeira, elaborada com objetivo de analisar o Estado Capitalista; a segunda, chamada História das Sociedades: primitiva, escravista, capitalista e socialista. E a terceira intitulada: Organização Social (Cf. Cardoso, 1986:50).

Em geral, participavam dos cursos os líderes "4 estrelas" do movimento, escolhidos pelo público que promovia o curso: Cut e Sedup. Na primeira experiência, toda equipe do Sedup fez o curso junto com os dirigentes. Esta etapa foi assessorada por alguns professores da Universidade Federal que mantinha vínculos de assessoria com o referido movimento. Mas toda a

dinâmica inclusive a preparação metodológica do conteúdo foi preparada pela equipe do Sedup que, a partir dessa primeira experiência conjunta, passou a realizar o curso com outros trabalhadores. Na avaliação dos trabalhadores pesquisados, esses cursos deram formas às suas práticas e possibilitaram um nível de conhecimento bem maior.

*"Através dos cursos, através de todo mundo, a gente aprendeu como foi que e como é hoje a vida dos escravos. Não há mais gente acorrentada pelo pé mais há gente explorada, trabalhando de graça para o patrão. Aprendemos como passa a riqueza do trabalho para o patrão".*

*(assalariado rural em Pirpirituba)*

*"A gente sabia que tinha direito mas não sabia por onde começar: nos cursos a gente aprende e a gente ensina.*

*Ajudou a perceber as divergências com quem a classe trabalhadora pode fazer coligação, com quem pode".*

*(Pequeno produtor sem terra própria).*

A história revela que o movimento dos trabalhadores rurais, no Brejo, passou por momentos que exigiram não só uma reunião para se promover uma semana sindical, mas de um contato maior objetivando expressar o apoio à luta que, ultrapassando os limites dos "quintais" de suas casas, atinge as esferas do palácio do governo<sup>80</sup>, na capital do Estado. Apoio as Formas de luta pela posse da terra, traço tão constante no cotidiano dos trabalhadores, nestas últimas décadas<sup>81</sup>.

Geralmente, percebeu-se que todos os agentes citados, de alguma forma, se envolveram com questões de apoio à luta pela terra, na região. Num primeiro momento, parece que tudo acontecia de acordo com as especificidades de cada agente e viria a sua contribuição no momento oportuno. Foi, no entanto, o

---

80- Tornou-se prática comum "acampar" em praças públicas para apressar o processo de desapropriação.

81- Sobre Conflitos de Terra no Brejo ver Tosi. 1988.

Conflito de Terra da Fazenda Vazante que forjou, por parte das entidades de apoio, um replanejamento do trabalho no local<sup>82</sup>.

Durante a pesquisa pôde-se perceber que no momento em que expandiu o referido conflito de terra, reuniu-se, em seguida, um contingente de pessoas representantes de diferentes organismos, tanto por parte da Igreja católica, como, por exemplo, os serviços que no momento ainda mantinham-se a ela ligados<sup>83</sup>, como também entidades consideradas de "representação da Categoria rural: FETAG, CUT, entre outros.

Há um destaque na forma de participação da Cut, do Sindicato rural local e da CPT. A Cut, pelo que indicam os depoimentos, naquele momento ainda não tinha se formado na região; e o sindicato, coincide com a existência de uma diretoria classificada com "Pelega" que, pouco tempo depois, enfrentaria uma campanha de oposição sindical, envolvendo os próprios posseiros e não a direção principal da área.

Por outro lado, destaca-se a CPT que, pela sua própria característica de pastoral específica de apoio e acompanhamento à luta pela terra, esteve presente de forma intensa, desde os primeiros momentos até o desenrolar do processo, mantendo-se até a fase atual.

Para os representantes da Comissão Pastoral da Terra, o apoio à luta pela terra possui um significado amplo que se insere no plano da Luta pela vida.

---

82- Caso descrito e analisado no capítulo II. Deste trabalho.

83- Pois comprova-se atualmente que grande parte dos serviços criados pela Diocese são hoje autônomos, com estatutos próprios.

Lutar pela terra, dom de Deus, terra vida "Lutar pela terra é lutar por educação é lutar por saúde é lutar por moradia, salário justo!"<sup>84</sup>.

A defesa da terra, nestes termos, corresponde a uma tomada de decisão que possibilita a unificação do discurso entre hierarquia e a base da Igreja Católica, pondo em prática a conquista e o poder, a permissão de poderem oficializar a existência de uma pastoral específica, que apoiando às lutas concretas dos trabalhadores, vão de encontro à estrutura social dominação e centralização da terra, entre pequenos grupos rurais.

Confirma-se também que, entre os agentes externos que mantiveram contato com a referida área em conflito, foi a CPT que sempre gozou de hegemonia, no apoio local. Foi de início e fim aceita e preferida pela maioria dos posseiros, nos momentos em que pareceu que o conflito voltou-se para a esfera interna do cotidiano dos posseiros, percebia-se que havia uma aceitação maior pela intervenção da CPT e não da CUT que no momento, já estava intervindo no local. Instala-se um desafio. Questões surgem, e pensa-se em saídas... Seria possível, não só reunir grupos, mas desenvolver um trabalho em comum acordo? Qual seria a solução? Retirar-se desse cenário?

A experiência demonstrou que, no desenrolar da década de '80, a relação entre os agentes externos foi se tornando complexa, difícil e, em alguns momentos, confusa. O espaço tornou-se pequeno e foram se constituindo em cenários de aplausos e disputas.

---

84- Frases de um Padre, atual responsável pela CPT na Diocese.



Dizia-se que a CPT conquistou a hegemonia no interior do grupo, e isso lhe conferiu um lugar de destaque, no acompanhamento do cotidiano do grupo. Não se nega isso, embora, em fins de linha, a relação tenha se tornado de difícil acesso até para a CPT que não brilhava mais como antes, ao apresentar ou apoiar uma proposta. Mas o que se percebe, como fator explicativo da referida hegemonia, são os investimentos pelos próprios dispositivos históricos, pessoais e financeiros que ela pôde proporcionar. Fator que não era comum, por exemplo, à CUT ou às demais entidades ligadas, diretamente, às esferas sociais, estas consideradas as de maior dificuldades na relação.

Por outro lado, apesar de ser apenas uma comissão, em alguns momentos representado pelo padre responsável ou por um agente de pastoral, a CPT representava também a palavra do Bispo, sua legitimação era oficialmente reconhecida, ocorrendo momentos em que o próprio Bispo era freqüentemente procurado nas ações dos líderes locais que a CPT acompanhava<sup>85</sup>.

Por outro lado, o fato da CPT ter sido criada em 1980, no momento em que o próprio campo sindical passava por um processo de renovação e a CUT regional ainda não existia, motivou o sentimento e a compreensão de uma pastoral entendida como instância de representação. O reconhecimento da CUT regional, como instância representativa, não se daria num curto prazo.

---

85- Não se estranha o fato de se recorrer ao Poder do Bispo para questões de impasses, na luta. De certa forma, o Bispo foi sempre, também, a extensão do poder decisivo gozando de uma certa autoridade para apaziguar conflitos não só no interior da Igreja, mas, constituindo-se instância para o diálogo com a sociedade.

Entretanto, apesar da relação entre os demais agentes não ser perfeita, o conflito maior centralizava-se entre CUT x CPT, os que "sobravam" eram, em alguns momentos, identificados como do "lado da CUT" ou do "lado da CPT".

Talvez, pela especificidade dos papéis, entre a CPT e os demais agentes, a relação não foi tão complexa como se deu na relação CPT e CUT.

Apesar de um trabalho, marcado por encontros e desencontros, essas entidades, eram apoiadas pela Diocese. Na assembléia Diocesana em novembro de '90, destaca-se no planejamento da Diocese, uma proposta de reuniões entre os órgãos atuantes nas áreas de conflitos; os Serviços e as Pastorais. É em fevereiro de 1991, que acontece no Colégio da Luz, a primeira reunião<sup>86</sup>. O objetivo principal resumiu-se em promover reflexões conjuntas sobre as diferentes práticas desenvolvidas por cada órgão. Num primeiro momento, faz-se uma listagem das áreas de trabalho de cada entidade: coincidiu que uma mesma área era campo de trabalho comum. Lista-se também as áreas consideradas "em conflito de terra" e a Fazenda Vazante destaca-se, por estar num grau de maior carência. A partir de então, constitui-se a pauta das reuniões seguintes.

No segundo momento, reúnem-se outros agentes, dessa vez os atuantes a nível de Estado: CPT Estadual, CUT Estadual, Departamento rural da CUT, e os agentes locais acompanhados de um grupo de posseiros da região.

Terceiro momento: dá-se continuidade aos debates entre as próprias entidades locais, incluindo as mais interessadas.

No conjunto desses momentos, discussões e avaliações são constantes

---

86- Cf. Relatório em arquivo Sedup.

porém, muitas vezes, atropeladas pela próprios acontecimentos na diários que desviaram a atenção desses sujeitos para outras atividades. Por outro lado, esses encontros tornaram-se pouco motivados pelas próprias iniciativas frustradas em função do caso Vazante.

Em geral, os agentes mediadores procuravam a raiz do problema, mas os próprios posseiros pareciam não ter esperanças em soluções coletivas. Recorriam, constantemente, aos conselhos pastorais, assembleias diocesanas, etc., buscando outro tipo de intervenção externa.

Os fatos confirmam que as discussões prevaleceram por um longo período, resumindo, muitas vezes, numa relação tensa, havendo momentos em que os agentes externos chegaram a se perguntar em reunião coletiva: "quem é o pai da luta ? Qual a relação pessoa-instituição ? Quem fica na área e quem sai para outro se destacar ? "A liderança não se formou, a liderança não foi indicada pelo povo". "Cria-se sempre falsas lideranças". Quem são os representantes, dos trabalhadores, nesta região ? A representação deve ser dada em cima de um trabalho concreto. Por que não se tem" ?<sup>87</sup>

Certamente, o cenário em que se situam os referidos agentes no Brejo, não é mais o mesmo. Fins de '80 apresenta um outro aspecto, a necessidade de outro tipo de diálogo entre agentes e público da relação.

O nível em que se formulam as opiniões indicam que um novo debate já ocorre nesta região fazendo com que diferentes agentes se sentem, numa mesma sala, buscando um diálogo comum.

---

87- Trechos extraídos das reuniões entre os agentes externos: SEDUP, CPT, CODH, CUT, PROCEP, CEBs, e POSSEIROS.

Percebe-se que a prática está forjando que se defina os papéis específicos para cada ator social. Papéis que pareciam específicos consagrados a determinado ator social passam a ser prática de acesso aos próprios trabalhadores. Quanto mais explícitos vão sendo os papéis, menos complexa será a relação.

Em momentos cruciais dessa discussão, os representantes da CUT afirmavam:

*'(...) o papel da CUT é da direção sim. A CPT que não é papel dela, sim está dando. A Cut fica sem pernas! A CPT não tem esse papel e ele quem está dando'.*

Não deve causar estranheza o fato de existir uma cobrança na definição de papéis a este nível. Sabe-se que a legitimação, por parte dos trabalhadores, a uma dada instituição dependerá do tipo de prática e nível de intervenção que ela possa demonstrar. A essa altura, a questão maior não seria localizar responsabilidades mas compreender esta dinâmica formal. O momento coloca, os diferentes atores, a tarefa de redefinir papéis, destacando especificidade e/ou generalidades entre si.

A convivência desses atores na região, a relação entre si e destes com os trabalhadores é de uma trajetória em que aspectos comuns e diferentes estão marcados por distinções que vão, pouco a pouco, fazendo com que os grupos se identifiquem e sejam identificados em suas próprias práticas sociais construindo, no contato e na convivência, suas próprias identidades<sup>88</sup>.

É válido destacar que o contexto social em que os agentes externos se destacaram no Brejo, explica que a distinção entre setores deu-se em função das suas especificidades das suas práticas. Coincidindo com uma fase em que

---

88- Sobre o assunto recorrer a Carneiro, (1986:111,112)

os profissionais das instituições não apareciam como sujeito, nem como objeto no trabalho. Toda prática era direcionada para destacar o movimento, as lideranças, e propor, de certa forma, uma "falsa" igualdade de gêneros que não ocorria na prática. Esse comportamento se estende ao caráter assumido pelas próprias entidades de assessoria, de forma que, as próprias organizações não existiam como atores e, sim, como organismos invisíveis. A propósito desta questão Leilah Landim (1992) citando Padron e Fernandes destaca bem:

*"Quem procurar, certamente não vai encontrar um termo universal através do qual essas instituições se autodenominam, desde o seu surgimento. Isto é revelador de uma de suas características, ou seja, tem a ver com o modo através do qual pensam, desde suas origens e na maior parte da sua história, a sua identidade. São instituições que se querem pouco visíveis já que, por sua própria natureza, existiram não em função de si mesmas, mas, "para servir" aos setores carentes e dominados da população. (padron, 1982; Fernandes, 1985).*

*"(...) Os agentes, aqui, devem tornar-se invisíveis, enquanto mero instrumento de iniciativa de um "outro"- povo -, as quais lhes dão sentido de existir enquanto tais. Além disso e conseqüentemente, cada uma se pensa em sua relação direta e individualizada com grupos ou movimentos populares que "apoiam", ou quem "servem", havendo uma tendência a não reconhecer uma identidade institucional específica comum".*

Talvez, a explicação maior para os maiores desencontros entre os agentes e a própria imagem que foi formada destes, por eles mesmos e pelos trabalhadores em seus organismos, ou mesmo isoladamente, deve-se às questões que, em particular, de suas origens. Esses sujeitos têm uma particular trajetória e no momento em que a realidade social provoca um redimensionamento nas suas ações, logo-logo se verifica os limites e as vantagens do redimensionamento. Tanto por parte dos agentes entre si, como por parte destes, com o público em contato. Forja-se uma nova concepção, tanto de povo, como de entidades e, apesar dos limites na presentes nas

mudanças sociais conseguidas, os trabalhadores não são, na realidade, completamente "massas inertes" aos acontecimentos sociais. Entre alcances e limites que os trabalhadores e diferentes organizações vão fazendo e refazendo os conceitos próprios de si e do mundo em que vivem.

Não seria, neste sentido, extemporâneo citar um trecho de um texto clássico de Emile Deukheim:

*"O fenômeno das representações possui uma característica impar em relação aos outros fatos sociais: ele é a manifestação da vida psíquica desse sujeito coletivo que a sociedade e assim o campo privilegiado de observação da forma como a sociologia empírica executa o movimento que desloca o ponto de partida do conhecimento do homem, do indivíduo para a sociedade"*<sup>89</sup>.

No que diz respeito as visões que se elabora das organizações sociais no Brejo, parece-nos estarem diretamente relacionadas às suas vivências particulares. Não distinguindo-se da mesma situação vivida pelo conjunto das demais que povoam o território brasileiro.

Desejou-se por muito tempo, a invisibilidade em favor de construção de novos sujeitos políticos, trabalhando-se em silêncio, na obscuridade e quase na clandestinidade, mas o próprio lugar da Igreja Católica na Sociedade brasileira impôs um reconhecimento maior, por parte da própria sociedade civil e dos organismos públicos: Estaduais, Municipais ou Federais, nacionais ou internacionais. Nas palavras de Herbert de Souza (1991: 140) (...) as ONGs adquirem uma grande notoriedade no plano internacional e um progressivo reconhecimento no plano nacional. Depois de aplicar bilhões de dólares, nos grandes projetos e nos programas de desenvolvimento social, através dos

---

89- In Custódia Selma Serra, (S/D:137).

Estados (na grande maioria ditaduras ou regime autoritários), o Banco Mundial, entre outras tantas instituições internacionais, começou se dar conta de que seus dólares não chegavam aos destinatários e que seus programas se constituíam em rotundos fracassos."

Esse tipo de reconhecimento social, atinge diretamente grande parte de organizações que se encontram diante de fatos e/ou exigindo nova tomada de posição e reflexão de suas práticas.

É na década de '90, que profissionais envolvidos com as denominadas ONGs se reúnem e conseguem formar uma associação de entidades não-governamentais, dando o cargo de presidência para um integrante da FASE - Rio de Janeiro, e, a partir daí, uma série de encontros são provocados nos Estados que se envolveram nessa organização. Em particular, a Paraíba que, naquele momento, participou do processo que elegeu o representante da nova organização de ONGs, procura dar início ao debate, tomando parte na construção de um fórum ONGs locais.

Entre o total de agentes externos existentes no Brejo, apenas um destes, o SEDUP, esteve presente na reunião realizada no Rio de Janeiro. O SEDUP se juntou aos poucos da Paraíba que também participaram desse evento, e convocaram outras entidades para participar do processo. Por outro lado, o fato de já se ter dado início a um "fórum de reuniões locais" a nível de Brejo, em função dos encaminhamentos e reflexões em torno do trabalho, não se constitui obstáculo à participação, mas um reforço. O fórum do Brejo trata de questões específicas das áreas de conflitos e da atuação das entidades no local. "Na calma ou no conflito", buscam uma nova visão de si próprios, e

sobretudo, um novo jeito de dirigir o olhar, uma nova interpretação das piscadelas de olho"<sup>90</sup>.

Finalmente, o nível de convivência, e toda situação social que é também conjuntural, provocou situações em que as diferentes práticas dos diferentes agentes explicitassem, com maior clareza, as suas funções. A própria Igreja que em 1980 se destacava, parece que se retrai. A CUT que exigia seu reconhecimento como direção, abre-se pela avaliação da "direção" tomada ou dada; as Pastorais, mesmo pouco notadas, não se retiram de cena, e os agentes denominados "Não Governamentais" aparecem como se os espaços tivessem passados por um replanejamento que se deixa em liberdade de escolher a própria música e o ritmo a ser seguido.

Não sendo inútil resgatar que "todos são nativos de uma mesma tribo" talvez recaia, sobre cada um dos agentes, o desejo de se auto-conhecerem conhecendo os outros e a realidade em que interferem. Procurando rever o todo que foi considerado, tantas vezes, transparentes. Os alcances e limites de cada sujeito nas suas práticas no contato com o cotidiano dos grupos.

*"Falamos... de algumas pessoas que são transparentes pra nós. Todavia, é importante no tocante a essa observação que um ser humano possa ser um enigma completo para outro ser humano. Aprendemos isso quando chegamos a um país estranho, com tradições inteiramente estranhas e, que mais, que se tenha um domínio total do idioma do país. Nós não compreendemos um povo (e não por não compreender o que eles falam entre si). Não podemos situar entre eles"<sup>91</sup>.*

---

90- Relembrando Gertz (1989:22) analisando a cultura e exemplificando as diferentes formas de comunicação entre indivíduos.

91- Cf. Clifford Geertz, (1989:23).



## CAPÍTULO IV

### O COTIDIANO E AS LUTAS: LIDERANÇAS LOCAIS E A TRAJETÓRIA DE DIRIGENTES SINDICAIS

#### 4.1 - O Cotidiano Produzindo Lideranças Locais

Cotidiano, prática, lideranças, dirigentes... quais significados e lembranças trazem esses termos ao leitor?

O termo cotidiano adquire uma considerável divulgação em décadas de 80, momento em que vai se concretizando uma nova forma de leitura ou releituras da realidade, em que se encontram os distintos grupos sociais. Ou seja, no bojo de preocupação por parte dos analistas, em olhar o campo de trabalho de forma diferente do tradicional, propondo uma metodologia específica. Analisar o cotidiano dos grupos pesquisados foi se entendendo por atentar, acentuadamente, as diferentes práticas sociais que caracterizavam o acontecer diário dos sujeitos em questão.

Coincidem nesta época a verbalização de outros termos ou expressões: "partir da prática", "valorizar a prática", entre outros que, conforme os leitores devem lembrar, na década de 70, estrategicamente, não ocupavam um lugar de destaque no cenário político social. De certa forma, estavam adormecidos pelos frutos da situação política que viveu o país, no período de 1964. Um período que ficou marcado pela repressão política imposta pelo "Golpe Militar".

E é em décadas de 80, que "novos" termos surgem e outros renascem das cinzas, do período turbulento anterior e reocupam no cenário político social, começam a soar nos debates, encontros, reuniões, atos públicos e aflora a consciência popular para a recriação de formas específicas que, de certa forma, dão vida a estes termos e até forjam a existência de outros. Assim sendo, passam a fazer parte da história e da linguagem comum dos diferentes sujeitos envolvidos. Lembra-se bem do fevereiro de 1986, momento em que se reunia um grupo de educadores, profissionais de instituições não governamentais de vários Estados do Brasil, cujo objetivo principal se resumia na Construção de um Taller de Metodologia<sup>92</sup>, do qual também participou a pesquisadora como representante de uma dessas instituições, e num certo momento o encontro foi sintetizado numa música cujo refrão se entoava:

*é, ô, ô partir da prática,  
analisar...  
refletir a prática...*

Provavelmente, é confirmável que em décadas de 70, esses termos não ocupam um lugar tão marcante como meados de 80. atualmente, é o termo "cotidiano" que adquire prioridade e é, diretamente traduzido e materializado na multiplicidade de vivências diárias dos diferentes sujeitos.

Beatriz Costa, 1991:8) chama nossa atenção para o uso do termo entre os grupos populares:

*"A preocupação com o cotidiano no caso, é geralmente entendida como a busca de valorizar o acontecer no dia-a-dia, e não apenas as formas mais estruturadas de luta e de organização por exemplo, sindicatos, partidos,*

---

92- Tal iniciativa era de um conjunto de entidades situadas no campo da educação e assessoria popular, que pretendiam formar uma rede de articulação de entidades afins. Participavam desta "rede" as entidades: CEPIS, SEDUP, CAMPI, CAJOP, entre outros, assessorados pelo sociólogo Oscar Jara, representante do Centro ALFORJA - Costa Rica.

*associações de bairro, greves de categorias ou nacionais, passeatas, ocupação de terra, encontros, congressos, campanha eleitoral, etc.*

*"Mais explicitamente, há uma diversidade de cotidianos. Em cada realidade concreta - cidade ou campo, favela ou povoado do interior, empresa ou roça, etc. O dia-a-dia tem traços próprios."*

Preocupar-se com o cotidiano é, no entanto, buscar, perceber e valorizar cada aspecto da realidade concreta dos grupos, atentando para suas múltiplas formas de expressão. Isto implica fugir-se dos esquemas tradicionais de observação e atentar para os gestos mais minúsculos do contato e da convivência que se realiza entre as pessoas e destas com seus vizinhos amigos, grupos ou pessoas internas e externas às suas relações.

Buscar no cotidiano dos grupos pesquisados, neste trabalho, o entendimento acerca da produção de uma liderança no movimento ou nas lutas específicas dos trabalhadores rurais, foi a maior preocupação.

A observação das relações destes líderes locais com outros não pertencentes à sua localidade também se impôs. É notável que, em cada comunidade, essas relações vão sendo traçadas de acordo com a dinâmica da própria realidade local, ou seja, do próprio acontecer das suas comunidades. É justamente neste aspectos dinâmicos das comunidades que o grupo vai se diferenciando e o próprio movimento social vai colocando as pessoas em situações diferenciadas.

Traduções de termos externos, de certa forma, forjados por este tipo de dinâmica, surgem localmente as lideranças, dirigentes, representantes, pastores ou animadores, conforme se explicita nos campos religiosos.

Portanto, tratar de lideranças, que se relacionam ao movimento de trabalhadores rurais, significa perceber uma relação que se estabelece,

principalmente, entre os grupos ou comunidades locais que, as legitimam e se não legitimarem, não é liderança, lhes atribuindo denominações distintas, papéis específicos, tarefas diferenciadas nos vários momentos dos seus cotidianos. Implica, ainda e principalmente, uma grande atenção a esses grupos pois, percebemos que liderança não é uma categoria dada por si, pronta, acabada, a liderança implica uma legitimação, portanto numa relação entre sujeitos<sup>93</sup>.

É o fator reconhecimento que legitima a existência de um líder ou de uma liderança, num grupo social determinado. Mas o fato de existir um líder, num grupo, não significa que todos tenham o mesmo grau de influência sobre os seus companheiros e nem que a existência de uma mesma liderança tenha igual peso em todas as situações e momentos da história desses sujeitos.

Situações sociais diferentes apontam denominações específicas da referida categoria. Existe um tipo de "líder local", outro de líder externo, este último, muitas vezes reconhecido como pessoa de um da comunidade, na maioria dos casos pertencem a outra localidade, porém inclui-se na rede de relações. Há ainda, o dirigente sindical que, em alguns momentos, é também reconhecido e indicado como líder<sup>94</sup>. Tal especificação não significa excluir-se aqui os casos em que o dirigente sindical é apenas dirigente, à moda tradicional. Focaliza-se a análise nos líderes locais que, de acordo com a

---

93- Cf. Weber: op cit. 1986.

94- Realidade em que o dirigente se torna também um formador extrapolando a esfera burocrática de administração sindical, atinge o espaço do universo dos trabalhadores que é também seu universo. Conforme ocorre em Tacima - Pb, onde a presidente do STR é também representante do grupo de mulheres e liderança de comunidade.

pesquisa, possuem uma certa especificidade no exercer de suas tarefas corriqueiras do cotidiano.

Os líderes locais são aqueles sujeitos que estão no dia-a-dia de uma comunidade de forma mais intensa. Constituem o ponto de referência interna, indicados, na maioria das vezes, para levarem "o recado" ao grupo ou deste aos externos. São, portanto, estes os agentes responsáveis da construção de uma ponte, um elo com outras pessoas e/ou instituições. Muitas vezes, assumem duplas ou triplas funções: são pontos de referência para o sindicato, para a Igreja, e até para os órgãos governamentais. O acúmulo de tarefas ou a realização de diferentes papéis, coloca o indivíduo sob ótica e critérios diferenciados de avaliação e de julgamento.

Há casos em que o acúmulo de funções é percebido como uma necessidade, para cujo papel não há outro indivíduo preparado a não ser essa tal pessoa. Na maioria dos casos, há sempre alguém que parece obter maior disponibilidade e capacidade para a execução de várias atribuições, em uma espécie de círculo vicioso. Nesses casos parece haver, por parte dos liderados, um consenso de modo que todos aceitam, legitimando a prática de polivalência. Porém os ocupantes de vários papéis poderão, ao se colocarem disponíveis a todo o "serviço", estar, ao mesmo tempo, colocando-se como alvo para críticas, por parte de seus companheiros por não oferecerem espaços ou proporcionarem oportunidades de surgimento para outros que desenvolvam suas habilidades. Resta saber que companheiros são esses, socialmente predispostos, a formular crítica.

Resgatando a história de vida dos líderes locais, deparou-se com situações distintas em que se constroem líderes dando sentido diferente à existência de agentes sociais locais.

Os depoimentos fizeram com que se identificasse tipos distintos quanto à relação com o trabalho, e próximos, porque suas histórias se cruzam quando se trata dos objetivos e da atuação, nas suas respectivas comunidades, onde comumente estão realizando suas funções.

São pequenos proprietários ou ex-pequenos proprietários, ex-assalariados, atualmente pertencentes à categoria dos posseiros, em terra de caráter comunitário, rendeiros e moradores de área de engenho ou assalariados, situados numa esfera de idade entre 22 a 61 anos de idade. Todos associados ao sindicato rural, são indivíduos que nasceram e se criaram no local onde atualmente residem. Entre estes, há os que nunca se deslocaram do seu local de origem, o que lhes garante um certo respeito, confiança e apoio dos demais<sup>95</sup>.

*"Nasci aqui, nasci e me criei, não saí para canto nenhum, durante o período de minha vivência sempre aqui. (...) fazem 22, 23 anos!"*

*(Roberto, Engenho Cantinhos - Pilões)*

#### **a) De Morador a Ex-Assalariados à Liberdade também para Liderar**

Em termos analíticos separamos em situações correspondentes a categoria profissionais. Uma primeira situação refere-se aos ex-assalariados, hoje moradores de uma terra comunitária, num município em que é ainda

---

95- Com isso não queremos dizer que a migração não possa ser vista, noutras situações, como um tipo de capital de experiência. Um dirigente sindical relatou sua história assim: "(...) a minha viagem para o Rio ajudou porque aprendi uma profissão, aprendi a me dirigir, normalmente, a luta precisa e é mais fácil" (J. Ferreira, Pirpirituba)

predominante a ocupação com atividade canavieira. Foi aqui que foi mantido contato com um senhor de aproximadamente 62 anos de idade, casado, com filhos e mulher, se considerando um homem livre por ter hoje, a "liberdade" de cultivar uma pequena área com a plantação de lavoura de subsistência e não ser submisso ao patrão, situação que experimentou em períodos que hoje são marcantes em sua vida. Perguntou-se sobre a vida naquele local, ele respondeu: "aqui é livre! Não trabalho pra ninguém, não me sujeito."

Sabe-se que, para o camponês, a terra é antes de tudo um meio de produção do qual ele se apropria pela mediação do trabalho familiar. Conforme lembrou Musumeci (1988: 32), citando Wagner e Mourão (1976: 13):

*"O posseiro não valoriza a terra pela terra: o que tem sentido para ele é ser dono do trabalho que realiza na terra."*<sup>96</sup>

Tal forma de se considerar livre, implicando não estar trabalhando para ninguém, explica que há uma certa lógica e coerência com o sentido de ser livre por estar sendo o dono do seu trabalho, explicitando assim seu conceito de trabalhador liberto.

Isto significa colocar a sua relação com a produção, como fator determinante. Não é só de ter uma terra livre, mas a liberdade que esta terra pode lhes dar, o controle e a escolha sobre o que plantar, seja para subsistência, seja para a pequena comercialização<sup>96</sup>.

---

96- Observamos que na comunidade onde reside este líder é uma prática comum dos posseiros do "Engenho dos Padres" produzir para o sustento da família, mas junto a isto, se costuma também vender algum produto, banana, uma criação quando se tem no terreiro da casa e às vezes a própria cachaça do engenho quando conseguem cultivar também um pedacinho de terra para o plantio de cana-de-açúcar. O quadro de análise nos remete aos estudos realizados por Novaes: (1987); Bertolazzi (1989); Tosi (1988) e Siderski (1989).

Um fato chamou nossa atenção quando em entrevista com este senhor, líder local, que tanto enfatizava o sentido do ser liberto, dando ênfase às relações que se estabeleceram no passado entre trabalhadores rurais e os senhores de engenho lembrando épocas em que trabalhava nessa área. Ficou bastante claro como ele resgata as relações de favores: "o patrão velho, demonstrava maior cuidado com o povo (...) Se um pai tinha um filho e esse queria casar o patrão não o deixava descoberto".

E prossegue:

*"(...) ele tinha maior cuidado com o povo, se eu era solteiro e queria casar eu chegava e falava pra ele: seu Francisco me dê um pedaço de cana? Ele chegava e dava o pedaço de cana. Ele chegava pro empregado e dizia: Vocês trabalhem. Vocês façam alguma coisa pra vocês. E patrão novo não tinha esse cuidado."*

(Seu Breu. Pilões - Pb)

Saudades do passado existem, se o patrão anterior oferecia determinados apoios, em épocas cruciais, hoje seus descendentes não o fazem mais, o discurso dessa tipologia de padrões também ficou diferente, é quando seu Breu relata:

*"depois dessa história de repartidas de terras o discurso do patrão também mudou - cana só dá certo pro dono... e ele tomou todas as partes de cana do povo e ficou só pra ele."*

Por outro lado, o fato de hoje residir numa terra de posse comunitária, "Engenho dos Padres", não significa que automaticamente ao se instalar o engenho comunitário instalaram-se todas as formas de vivência comunitária e de trabalho. O mesmo informante pensa assim:

*"O empregado do bispo tinha sido administrador do engenho; e o outro que não tinha sido administrador sabia como os outros mandavam (...) então ele via os outros mandarem, aí aprendeu!"*



Não se pode aqui aprofundar a discussão acerca das relações de sujeição, quando se refere às "saudades de seu Breu da época do patrão bonzinho", nem tão pouco das implicações de gerência coletiva em terrenos de acesso comunitário; quer-se apenas destacar, neste capítulo, aspectos distintos do cotidiano das lideranças locais.

Nesta linha de raciocínio, continua-se a análise, resgatando explicações do informante que, de certa forma, se reafirma no sentido da afirmação "o povo está mais liberto". Para ele, "o pessoal do tempo atrás era tudo escravo, sofria muito, a única esperança de mudança estava em pedir a Deus que chegasse o momento de fazer parte daquele engenho visando a um benefício mesmo." Dizia: "tenho uma pontinha de terra e o meu sonho era de vir parar neste engenho."

Mas antes de chegar no engenho "dos padres", seu Breu, casou-se com Dona Mocinha<sup>97</sup>. Dona Mocinha, "mulher do povo", teve uma vida reservada à criação dos filhos, nesta época em que o marido já pensava em fazer alguma coisa pelos seus colegas, conformava-se em apoiá-lo, condição que é destaque mesmo hoje, fase em que a maioria dos filhos não reside mais em casa. Ela não sabe, exatamente, sua idade, afirmando que seu registro de nascimento não corresponde à sua verdadeira idade, pois quando seus pais a registraram não lembravam mais data, e hora nem se pergunta. Entretanto, ela traz consigo a

---

97- Queiroz (s/d:36), tratando do individual e coletivo destaca: "o que existe de individual e único numa pessoa é exercido em todos os seus aspectos, por uma infinidade de influências que nela se cruzam e às quais não pode por nenhum meio escapar, de ações que sobre ela se exercem que lhes são inteiramente exteriores. Tudo isto constitui o meio em que vive e pelo qual é moldada; finalmente sua personalidade, aparentemente tão peculiar, é o resultado da interação entre suas especificidades, todo o ambiente, todas as coletividades em que se insere (...) A história de vida é portanto técnica que capta o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social."

toda hora, as lembranças do seu passado. Entrando na conversa, enquanto seu marido era entrevistado ela destacou:

*"(...) Eu nasci no Pernambuco e me criei no Pernambuco, eu saí de lá porque meu pai se entendeu de sair de Pernambuco e morar no Ceará. Fui morar no Juazeiro do Ceará. Voltamos pro Pernambuco, mas no novo Exu. Tinha minha lavoura, trabalhei muito, criei mudas, vendi muitas lavouras, aí meu pai se entendeu de novo de voltar pro Ceará, chegando lá me casei aí apareceram dois meninos, aí morreram, em 64 foi quando apareceu essa embrulhada com ele e nós descemos pra Paraíba, isso foi em 65"*

*"(...) Minha vida lá no Ceará era trabalhando apanhando fava, feijão, plantando algodão, depois que eu me casei com ele, eu não trabalhei mais, quando cheguei aqui era todo ano um filho...então eu começava criar meninos."*

Mãe de treze filhos com quatro destes mortos, Dona Mocinha nunca negou o apoio ao trabalho que seu marido desenvolveu. É ainda no Ceará que seu Breu começa a participar de um grupo que falava em direitos; pelo que conta, as primeiras palavras sobre direitos foram pronunciadas através da interferência de um proprietário que não concordava com o tipo de tratamento que outro proprietário, mais poderoso, segundo o informante na mesma região, dispensava aos seus trabalhadores<sup>98</sup>. Tratava-se de um homem muito poderoso e de família tradicionalmente perigosa. O tipo de maltrato que este senhor dava aos seus trabalhadores provoca uma certa insatisfação, por parte de outros trabalhadores, e é neste contexto que se insere seu Breu, que se lembra muito bem quando se aproximou de outros trabalhadores e perguntava:

*"Mas rapaz, como é que vocês aguentam sofrer tanto assim? Trabalhando dia e noite, isso é um perigo, o povo todo pisando como carga em burro."*

---

98- Seria interessante aprofundar posteriormente em outra pesquisa, os conflitos circunstanciais que surgem no interior dos grupos dominantes e suas repercussões sobre os trabalhadores.

Segundo seu relato, ele não foi um homem "judiado" porque era de fora da região e, naquele local, já tinha uma parenta que lá residia significando apoio e uma certa segurança, mas relembra muito bem que não era tão fácil realizar os encontros onde, se discutiam os problemas mais sérios dos trabalhadores e, geralmente, aconteciam à noite.

*"De noite a gente se juntava aquele arrumado de gente e ia lá falar: rapaz vocês sofrem demais. Quando é que vocês vão sair desse sofrimento? Vivem morrendo de fome, trabalhando só para enriquecer esse homem?"*

Sufrimento, maltrato, judiação teria que desaparecer, mas para isso acontecer, na lógica dos trabalhadores era necessário um certo convencimento por parte do grupo todo. Até que chegou um momento, relata seu Breu, em que inspirados com a iniciativa de um outro morador que é por ele reconhecido como "homem lutador", dá-se um outro rumo à questão:

*"Era um homem que morava lá. Ele era um lutador e muito velho, desde o tempo do padrim padre Cícero, era fugitivo, já tinha andado, um dia esse povo vai ser libertado! (...) ele era um homem de muita fé, só do meu padrim padre Cícero. Ele só falava em defender o povo, tinha eu e um moinho de gente assim. Aí ele falava: nós ainda vamos nos libertar. Ele contava muitas histórias de caboclo quando saíram daquele mundo, deixaram muitas águas escondidas aquela bucha de coco, botava na água fervente quando ia despertar, aí ele dizia: olha, nego, um dia ainda volto pra casa. Esse caboclo ainda volta pra casa dele!"*

O próprio informante fala admirado e afirma que não sabe como aquele seu companheiro aprendia tanta coisa. Ele dizia: "Gente, vamos repartir as terras - e a gente dizia: esse pedaço é meu, aquele acolá é teu..., os donos da terra escutando isso, aí vai lá, vem cá, quando chegou a revolução de 64, tinha dia que morria 6 pessoas à bala... aí entrou a ação pro lado da gente e tome couro, tome couro, e haja morrer gente."

Não se pôde qualificar bem este "lutador do tempo de "Padim Cícero", mas sua presença é marcada pela experiência, pela sabedoria e certo mistério que caracteriza a diferença dos outros, tornando-o, de certa forma, um mediador da experiência.

Como lição de vida, essa experiência no sertão do Ceará provocou, neste homem, um certo desejo de continuar "lutando" como se encontrasse na luta o maior sentido de uma fidelidade, em seguir o exemplo daquele que lhe inspirou e que era inspirado por padre Cícero, a ele homem devoto, de fé, coragem, um merecedor e um exemplo a imitar.

Embora fosse observado em seu Breu muita sensatez em tudo que pronunciava, sentiu-se no seu rosto, as marcas dos períodos difíceis que ele pôde compartilhar nesta etapa de vida, e, talvez esteja presente aí a explicação, motivação e desejo que o impulsionam a enfrentar a velhice que se aproxima, vencendo o medo e se associando ao sindicato uma vez que, por muito tempo, permaneceu no silêncio, temendo por outra vez ser atingido, hoje coloca-se sempre ao serviço, priorizando as atividades na localidade.

#### **b) Pequeno Proprietário: Expulsão / Migração e a Experiências para Socializar**

A segunda situação corresponde àqueles originados de pequenos proprietários. Trata-se, principalmente, daqueles cujas parcelas de terra foram absorvidas pela grande propriedade.

Relatando sua história, um senhor de aproximadamente 50 anos, tomava um pedaço de madeira e, no chão, traçava os contornos de um mapa, situando entre uma atual propriedade e seu sítio. Residente atualmente num pequeno

povoado, após freqüentes viagens para o Sudeste do País, resta-lhe a condição de trabalhador, em terra cedida. Acompanhado de sua mulher, também de origem camponesa, que aos 08 anos de idade começou a trabalhar na roça, hoje se ocupa apenas de atividades complementares à sobrevivência, por conta da idade. Assim como o caso de dona Mocinha, esta senhora também esteve sempre à disposição para apoiar seu marido nas tarefas assumidas por ele, na comunidade. Essas tarefas são específicas das suas relações com o sindicato e com a Igreja. Na realidade, este senhor, "SeuTota", foi apresentado como um responsável pelas atividades do sindicato na localidade. Ocupando-se de promover reuniões locais sobre o sindicato, convidando outros trabalhadores para assembléias mensais, apresenta outros representantes da categoria quando visitam a localidade. Mas, na realidade, este senhor ao lado de uma outra representante da comunidade (animadora - missionária), respnsabiliza-se por atividades exclusivamente religiosas, a ele, a tarefa de "ministro da eucaristia"<sup>99</sup>.

### c) Entre Rendeiros

A terceira situação corresponde àqueles que na maior parte de suas vidas trabalharam sempre em terras arrendadas, situação tão comum no município de Tacima, aqui analisada, especificamente no Capítulo III. Na maioria, entrevistamos aqueles que combinam atividades de trabalho para a subsistência com o trabalho da comunidade, conforme o linguajar comum.

---

99- "Ministro de eucaristia" é uma função específica presente na Igreja Católica, que corresponde ao ato em que o animador distribui a eucaristia aos fiéis, na ausência e mesmo na presença do padre.

Quando se referem a tais atividades, atribuem um certo peso a suas vidas. Por um lado, um trabalho pesado que define a sobrevivência material, por outro, um trabalho em que todos falam com um certo gosto, mas que exige também um esforço geral em função das próprias condições sócio-políticas do local.

Referindo-se ao trabalho material eles destacam:

*"Trabalhar em terra arrendada a vida é tao difficil que parece uma corda onde não temos mais para onde puxá-la. Arrendamos um pedaço de terra por 3 anos e só trabalhados um ano!"*

*(Antônio Dantas - Tacima)*

A esse respeito, uma senhora, solteira, pertencente a uma família de 10 irmãos, atualmente, junto a um irmão e o pai formam uma equipe responsável pela manutenção da casa. Enquanto unidade doméstica, esta mulher se destaca por assumir distintos papéis representante para a articulação das reuniões sindicais; tendo participado numa chapa de oposição em períodos anteriores; missionária, além de ser uma referência para as demais questões que surgem na comunidade no âmbito do trabalho popular. As condições de trabalho não são as melhores, porém dois hectares de terra constituem o marco definidor da produção agrícola. É justamente aí onde se produz o feijão, o milho, a fava. O algodão depende do ano. Na maioria, planta-se para um consumo, dependendo das chuvas, se tem o que consumir realmente, ou não. O algodão seria o produto para ser comercializado mas, conforme se sabe, na guerra entre o algodão e o bicudo, parece que o bicudo conseguiu dominar o espaço.

#### d) Entre Moradores de Novo Tipo...

Finalmente, a quarta situação. Os residentes em terra de engenho experimentando um novo tipo de morador.

Um traço que ocupa um lugar de destaque entre estes líderes, é a forma pela qual se apresentam, não se identificam como moradores, agricultores, pequenos proprietários, ou rendeiros..., a pessoa que fala se coloca como "representante da comunidade".

Um jovem morador, com 22 anos de idade, nascido e criado no Engenho Cantinhos em Pilões, onde reside com sua mãe, e dois irmãos. Entre estes, uma "irmã menor", 9 anos de idade, que o atende como pai ou pessoa responsável por sua orientação e segurança. Ao falar sobre a vida no engenho, procurou levar aos fundos da casa para que se pudesse observar os limites entre a morada e a propriedade. Os limites da morada encontravam-se atingidos pelo plantio da cana-de-açúcar. Preocupados com esta ameaça, eles informou que tentam empurrar a cerca também passo-a-passo, numa espécie de luta silenciosa. Embora se saiba que a legislação garanta dois ha de terra ao morador, essa garantia não ocorre na prática.<sup>100</sup>

---

100- Foi ainda em 1985 quando nesta região estoura a primeira grande greve de canavieiros, incluindo assalariados rurais do Ne. dos Estados de Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Alagoas. Nas pautas de reivindicações, entre um enorme conjunto de solicitações, lá estavam os 2 ha. de terra para o sítio. Embora aprovada tal solicitação, ainda hoje, em décadas de 90, essa reivindicação não acontece na prática da maioria dos canavieiros.

#### 4.1.1 - Santo de Casa Obrará Milagres?

As opiniões dividem-se, as pessoas de referência para o conjunto dos trabalhadores, são de fato, aquelas que se fazem presentes no dia-a-dia desses trabalhadores ? Este tipo de micro representante deve participar dos acontecimentos gerais da localidade ? Qual o verdadeiro mínimo denominador comum para a explicitação de uma liderança?

Notadamente, nas entrevistas, sobre os líderes locais, as opiniões, tanto por parte dos "liderados" como dos líderes, divergem. Há casos em que o micro representante constitui, em si, um verdadeiro arquivo de sabedoria, se coloca sempre à disposição, mas não participa em todos os momentos, o que põe em cheque a total confiança da comunidade. Há os próprios critérios que o líder elege, separando acontecimentos que deve ou não participar, que nem sempre correspondem aos critérios liderados.

Para ilustrar essa discussão, deve-se retomar a situação descrita acima no item a. Ali encontramos um homem de uma história brilhante, dedicado com forte sentimento religioso, talvez seja esta conjugação de características que o legitima como representante local, no entanto ele não escapa às críticas ou insatisfação apresentadas por outros companheiros seus. Mesmo quando ele explicita que seu maior objetivo é pensar na bondade do povo, que se faz presente em todas as reuniões a que é convidado, no sindicato ou na Igreja, e que, com seu jeito tímido, passa de casa em casa e convida amigos e vizinhos para reuniões, ele mesmo reconhece que nem sempre sua "identidade" de representante funciona. No momento da entrevista, ele destacou que não se sente acreditado pelos seus companheiros. Explica essa situação fazendo uma



comparação com um outro representante local que foi trazido, de outro município para assumir o trabalho na comunidade.

Não percebendo outros motivos reais, ele centraliza a explicação em fatores que, no seu universo cultural, poderiam desqualificar ou explicitar uma margem de dúvidas sobre sua competência para legitimar:

*"Eles não acreditam em mim porque eu sou fraco... (...), fraco de cor, fraco em tudo, logo eu não acompanhei a lei das coisas, tem que ser uma pessoa de qualidade que seja branca."*

*(Seu Breu - Pilões)*

Interfere sua esposa:

*"O povo não acredita muito porque ele é preto assim, não anda lorde, anda sujo, aí o povo não tem fé nem acredita nele."*

Ele continuou:

*"Eu não sou desenvolvido. Não sei ler para melhor dizer, eles gostam muito é de muitas farras, eu não gosto. Eles gostam de gente que vá à dança de coco-de-rodas e a outros... são meio distraídos porque são assim mesmo. A minha vida é diferente; desde que eu casei eu só tenho a minha mulher, não sou como eles que tem 4, 5, então eu não sou acreditado neles.*

*(...) Eles só acreditam em pessoas que são de fora, pessoas desconhecidas, eu sou muito conhecido aqui, nasci e me criei aqui... "É como se diz: santo de casa não obra milagre!"*

Referindo-se ao outro companheiro, exclamou:

*"(...) ele foi colocado pelos padres, os companheiros dizem: "não machuquem ele, ele foi botado pelos padres, já se sabe que ele viveu na pastoral..."*

Estes depoimentos levam a reconhecer que há, mesmo por parte dos líderes locais, dimensões distintas de percepção da relação que se estabelece entre as instâncias diferentes na comunidade e do tipo de envolvimento destes

em momentos específicos da comunidade. Este debate merece ser ilustrado com outros depoimentos:

*"Eu estou sempre à disposição realmente, aqui a minha casa é de portas abertas tanto de dia como à noite, quer dizer, em função do meu trabalho para colher todas as pessoas que me procuram. Então eu fico muito agradecido de viver nessa vida, nesse trabalho prestado, para servir aos pobres, servir aos pequenos, principalmente, a acolher sempre aquelas pessoas que me procuram. (...) Tenho um comportamento diante de minha comunidade, diante de meu povo, graças ao meu trabalho o povo confia em mim, também eu confio no povo, e assim a gente vai levando..."*  
(Roberto, Agente de Pastoral, Engenho Cantinhos - Pilões)

Ou ainda:

*"Eu me coloco como ajudante porque eu não sou mesmo líder não. A líder mesmo é Chiquinho assim pra dirigir mais as coisas, né? A gente ajuda, caminha, mas ele é mais assim... o processo pra fora, porque não precisa assim viajar, né?"*

*(...) a gente é mais aqui dentro (...) a gente ajuda muito aqui, ou mesmo, é mais assim só na área e ele participa fora."*  
(Gracinha, Fazenda Vazante - Tacima)

Percebe-se ainda que essa prática de "ser liderança" é fruto não só de um desejo pessoal, mas de uma situação social que vai se gerando no dia-a-dia, legitimando a intervenção como representante de um grupo local<sup>101</sup>.

Tal prática, por acontecer cotidianamente, próxima ao seu grupo de convivência, constrói situações que facilitam a tomada de posições, avaliações mesmo mais constantes que, não obedecendo talvez a um calendário fixo ou padrões reconhecidos gerais de avaliação, é um tipo de prática que está

---

**101-** Com isso não queremos afirmar que a prática das demais lideranças, referindo-me àquelas que de certa forma assumem tarefas externas não adquiram o mesmo teor e não sejam ao mesmo tempo, também, o indicador mais preciso para avaliação por parte dos liderados, o fato é que estes, os chamados líderes locais, trazem na sua própria constituição um teor diferente de prática. Tratamos de pessoas que estão mais e/ou constantemente ligadas aos liderados.

submetida a constantes julgamentos, portanto flexível a aceitação, críticas, ou rejeições, se for o caso.

No entanto, é bom atentar para a não sacralização ou rotinização das práticas desse tipo de liderança, cuidando para não cair no extremo de que sejam os representantes locais os "tipos ideais" para a representação, talvez o sejam, mas não se deve esquecer que os critérios de aceitação ou rejeição não se resumem apenas ao critério de convivência ou de proximidade. Observa-se que os "santos de casa" diferem assim como os momentos em que cada um se destaca. No caso em que o "santo de casa" foi apresentado por "um de fora" e dessa vez não por um de fora qualquer, mas por uma instituição que tradicionalmente se fez legitimar e, naquele local, recebe aplausos e respeito, o fato é diferente.

O grupo ou a pessoa que vem de fora representa a "novidade". Na relação com o grupo, que nem sempre se sente valorizado por pessoas "importantes", é muitas vezes um motivo para um destaque, pondo-se em cheque critérios como novidade x tradição. Ao mesmo tempo em que está se criando possibilidades para um questionamento do fator "submissão" que pode ser fortalecido numa dessas relações.

A interferência do agente externo adquire uma significação e um peso particular quando relacionados à indicação de um representante local. Porém, no geral, é bom atentar que, embora os líderes locais tenham determinadas especificidades em suas práticas, o fato de ser "de dentro" é o ponto de referência recorrente para quase todos os momentos da vida na comunidade, ele é um agente interno com caráter também de intermediador.

Neste sentido talvez se justifiquem as preocupações, por parte de

alguns, em ser exemplo e dar testemunhos de suas práticas em todos os momentos, conforme expressou tão bem o representante de engenho Cantinhos. Uma dupla função talvez caracterize também o tipo e a eficácia do "milagre", e é, ao mesmo tempo, ponto de exigência para um tipo particular do carisma, que, diariamente, requer estar em construção, necessitando de uma base de sustentação eficiente e eficaz, para que se verifique, se legitime, o poder que irá se traduzir nos milagres de tantos "santos esquecidos"...

Weber (1986:128), trilhando suas análises teóricas, afirma que a relação de "dominação costuma apoiar-se em bases jurídicas nas quais se fundamenta a sua legitimidade e o abalo dessa crença na legitimidade, costuma acarretar conseqüências de grande alcance." No momento em que a legitimidade é "abalada", independente do lugar na classificação em que se encontre o líder, seu poder sofre alterações pondo sua prática em julgamento. No dia-a-dia, a relação entre líder local-liderado, parece acontecer independente de qualquer base jurídica, porém é esse dia-a-dia que vai sendo a base que poderá levá-lo a outras tarefas diferenciadas, externas à localidade.

Quando se pergunta aos liderados acerca do tipo preferido de representação, as respostas de certa forma nos chamam a atenção e até impressionam. As qualidades que eles apontam vão de encontro direto as tarefas específicas dos líderes locais. Convém perceber que o mundo de relações dos líderes externos escapam dos seus controles e conhecimentos.

Conforme se percebe, os trabalhadores sentem-se à vontade para falar sobre aqueles que estão nos seus cotidianos e são, por isto, seus tipos preferidos de representação. Quando alguém se destaca num grupo, coordenando, de certa forma, aspecto da vivência coletiva ao mesmo tempo que

vão perdendo o medo e assumindo tarefas de respaldo social amplo, vão simultaneamente expondo seus "jeitos", modos, formas de tratamento para com os outros. Não, necessariamente, precisam saber ler e escrever, mas saber escutar, acompanhar, orientar... eles dizem: "Fulano não sabe ler nem escrever, mas sabe falar."

Analiticamente são referências dessa natureza que vão também colocando-os em patamar de diferenças com relação aos demais:

*"Eu não dou pra esse negócio não. (risadas) Ainda que insistisse, se o povo quisesse, eu não dava pra isso. (...) tem que ter uma cabeça muito boa. Saber conversar, saber "colher" o povo, porque se não saber colher o povo (...) tudo vai de água-a-baixo... não é?"*

Em outras palavras se diz que é a maneira de agir dos líderes locais o instrumento de maior eficácia para avaliar a qualidade de sua ação. Talvez encontre-se implícita, nesta tal maneira, a capacidade do "fazer milagre" como santo da casa. Ou talvez, o fazer milagres corresponda ao simples fato de se encontrar sempre presentes, nos vários momentos que definem o cotidiano do grupo, os mesmos momentos que definem seu cotidiano também. É mutatis mutandis como disseram os compositores Milton Nascimento e Fernando Brant, nos anos 80, na canção "Nos bailes da Vida":

*"Com a roupa encharcada, a alma repleta de chão todo artista tem de ir aonde o povo está; se foi assim, assim será. Cantando me desfaço e não me canso de viver nem de cantar."*

#### 4.1.2 - Na comunidade todo Mundo é Líder

São os papéis assumidos por cada indivíduo, que os coloca em situações privilegiadas entre os demais, definindo ao mesmo tempo em que nível ele é colocado na hierarquia das lideranças, que é construída de acordo com cada realidade particular.

Independente de uma lógica sociológica, com base na qual a literatura se situa e os estudiosos reconheceram ou consagram uma espécie de representante, os representantes locais tendem a ser cautelosos ao se auto-definirem ou ao se refirirem aos outros líderes.

Note-se bem que nesta expressão: "na comunidade todo mundo é líder", (frase de uma representante local do Município de Tacima), esta informante induz, na análise, um certo traço específico que se verifica no exercício da sua liderança. Sente-se que é fortemente presente, na vida desta informante, o sonho do exercício de uma liderança coletiva e uma vez que para algumas pessoas principalmente - aquelas situadas no âmbito da educação popular, proposta por setores de Igreja Católica - a liderança coletiva seria o exemplo ideal, para um grupo social, conforme defende Pontual (1984: 02).

*"A verdadeira liderança não é de uma pessoa, mas, é coletiva. Precisamos sempre descobrir lideranças novas, abrir trabalho, confiar em lideranças que provocam a resposta aos companheiros, que ajudam a crescer, que animam, orientam e respeitam os outros. Uma liderança autêntica sabe aceitar a crítica e sabe fazer a auto-crítica.*

*Portanto, exerce liderança verdadeira aquele que responde às necessidades do povo, não sozinho mas coletivamente. Todos tem possibilidade de exercer a liderança, porque há vários tipos de liderança. Através da prática da vida de grupo, é que vamos descobrir estes líderes".*

Confirma-se tanto por parte de alguns representantes locais, como por teóricos do movimento popular, o desejo de uma prática de liderança coletiva. Não se quer dizer que, em algumas situações sociais, não se torne efetiva a ausência de liderança individual, mas se quer chamar a atenção para as implicações dessa questão. Ela não aparece no geral das citações e nem são todos os teóricos, nos movimentos sociais, que nela apostam como princípio metodológico mais eficaz. Em geral, são mais as pessoas de uma prática de educação popular e movimentos ligados a práticas vinculadas à Igreja Católica



ou a grupos afins que explicitam, com maior ênfase, essa questão, o que talvez perpassasse noutros âmbitos sobre o vocábulo de prática democrática<sup>102</sup>.

Contudo, independentes de qualquer vínculo que se estabeleça entre os líderes locais e os mediadores externos, em geral, aqueles que se auto-definem como "ajudantes", vêm os de fora como aquele que se destacam mais na direção, que assumem a cabeça da luta, etc. O trabalho em função de um coletivo vai sendo, em última instância, o referencial maior para tal definição. Junto a isto, adicionam outros valores do tipo: "bondade", "capacidade", "qualidade de comunicação", "ser mais desenvolvido", "ter mais conhecimento", vão construindo um certo perfil do líder preferido.

Tratando do quadro de valores indicados pelo conjunto dos informantes, vale lembrar que quando se fala em conhecimento não está se falando de um conhecimento genérico, os depoimentos tratam de um conhecimento específico usado no tratamento de causas específicas. A representação sindical é o exemplo mais claro:

*"Antigamente não existia presidente de sindicato, ele não resolvia, resolvia com o patrão perdia ou lucrava pela metade, mas de qualquer maneira, com todo respeito, ele tava lucrando ou de mais ou de menos, agora que estourou a 1 lei do sindicato, não vamos mais resolver com o patrão e sim com o presidente."*

*(José Barbosa - Tacima)*

Nesta lógica ele continuou afirmando: "tem que ser um homem que entenda de leis. Se ele não for entendido, não pode representar trabalhadores."

Reconhecendo o sentido prático do conhecimento a que se referem os trabalhadores percebemos que o conhecimento das leis do sindicato é o

---

102- Sobre o assunto, ver Paiva (1985:52).



principal fator que, em determinado momento, poderá acarretar ganhos para o trabalhador. Porém, é necessário que se junte a este conhecimento uma postura e que, de fato, leve aos representantes a uma prática para demonstrar o grau de combatividade, defendendo os reais interesses do grupo em questão.

Na lógica do depoimento, enfatizando que o verdadeiro representante necessita obter um conhecimento da lei do sindicato explica que, num certo momento da história de luta dos trabalhadores, a ausência de conhecimento tenha facilitado a maior interferência dos patrões nas decisões que são tomadas, contrariamente aos interesses dos trabalhadores em questões cruciais de suas vidas. É, muitas vezes, por intermédio da pessoa presidente submisso que tem se veiculado o poder do patrão.

Os demais Trabalhadores observam que os seus representante têm força em momentos de campanhas salariais entre os canvieiros quando se percebe a coragem que são encaminhadas as questões trabalhistas. São, no entanto, veiculadores de uma conversa diferente:

*"Conversar nós conversa. Mas eles têm medo dos homens pode parar um bocado de trabalhador, mas, os outros ficam trabalhando. Por que eles têm medo de falar. E nós não pode meter o pau e dizer assim: é pra parar... agora, quando o outro diz: é pra parar mesmo, aí a gente para ou de um jeito ou de outro."*

*(Assalariado rural, Sócio do STR de Pirpirituba)*

Perguntando-lhe: por que o outro diz que é pra parar mesmo?, ele responde:

*"Ah! Ele tem mais força (...) é que ele já é do sindicato. Tem mais força que a gente. Outro trabalhador "quenem" a gente vai parar pra ficar com a gente? De jeito nenhum."*

Para além da idealização do trabalho de Igreja, há, portanto, uma certa lógica na concepção dos representantes locais que afirmam: "aqui na comunidade todo mundo é líder", pois quando há as questões externas à comunidade a impotência ou o desenvolvimento dos códigos externos o iguala, o que não ocorre com as "grandes questões" que ficam a cargo dos líderes externos. E talvez sejam dimensões como estas que justificam a eficácia e maior referência que recebem os líderes locais, por parte dos liderados.

#### **4.2 - De Associado que Reivindica a Direção Sindical**

Na pequena cidade de Pilões, cidade marcada pela grande concentração de cana-de-açúcar, um jovem que, com idade de dez anos iniciou sua profissão ingressando no terreno do canavial, acompanhando sua família no trabalho assalariado. Aos doze anos de idade, assume a responsabilidade pela família, quando seu pai perde a visão e os cinco irmãos adultos migram para o sul do país, em busca de trabalho.

Na fase dos dezesseis anos, percebe que poderia tomar conhecimento do sindicato encontrando espaço para se sentir chamado a um contato com aquela instituição. E por iniciativa própria, como ele diz, procura tomar contato com tal órgão:

*"(...) lembro muito em que a companheira Socorro já fazia parte do sindicato, ela teve muita influência na minha chegada ao sindicato. Comecei trabalhando, fazendo a relação trabalho sindicato, ... fazendo também trabalho de delegado de base, me associei aos dezoito anos...*

*(...) a gente ia cobrar o décimo terceiro, o aumento de salário, o patrão era o todo poderoso, era a pessoa de grande influência política e econômica na cidade de uma das famílias mais ricas e também no estado da Paraíba, desfrutava de grandes prestígios, e isso era ruim para a gente, a gente era muito massacrado e para lutar contra essa família tinha que ter sangue de barata.*

*Aí começou a surgir perseguição, eu sendo perseguido, aí tive que recorrer a justiça, fui despedido no final de '84 passei dois anos na justiça para rever meus direitos. Aí nesse processo, terminando o mandato da diretoria que fez transição veio a nova eleição... aí foi formado uma nova chapa e eu estou aí, foi em 87".*

*(Manoel, atual presidente do sindicato de Pilões)*

Distinguindo-se dos demais, que assumem cargo de direção na região, ele não vem de uma trajetória religiosa, é só mais tarde que ele passa a ser apoiado pela Pastoral da Terra, por órgãos ligados à Igreja Católica. Assume a direção do sindicato em conjunto com uma diretoria que já se relacionava com a Pastoral Rural.

Mostrando-se dedicado ao trabalho sindical, o referido representante destaca-se entre os demais trabalhadores da região em questões da própria vivência enquanto líder, e também por constituir um ponto de referência para a comunicação com o poder local. Para ele, o sindicato constitui o verdadeiro caminho de transformação da sociedade diz ele:

*"(...) muito embora a gente esteja dividido em setores diferentes, como dizer, em classes sindicais, cada um em seu devido lugar, eu não acredito muito por ex. numa mudança através da Igreja, do Partido político, eu acredito que o sindicato é o único caminho da mudança da classe trabalhadora.*

*(...) todo mundo é trabalhador, então eu acredito que é o sindicato o único instrumento de luta da classe trabalhadora pode conquistar e uma sociedade melhor pela experiência de países europeus que a luta sindical foi quem levou também o país ao desenvolvimento econômico e social.*

Depositando um crédito considerável na ação sindical, esse diretor, não tem se negado a participação na política, chegando a concorrer ao cargo de prefeito para o município, pelo Partido dos Trabalhadores. Embora não tenha sido eleito, foi considerável a votação que resultou na eleição de um vereador naquele município, no ano de 1992.

No que se refere ao trabalho sindical, há um reconhecimento da importância do trabalho de base em prol da conscientização dos direitos, considerando o grande número de questões encaminhadas na área trabalhista. Para isso, o referido presidente alega ter um desenvolvimento de cursos de informação além das assessorias jurídicas que, naquele momento, estaria sob a responsabilidade do Centro de orientação dos Direitos Humanos, pertencente à Diocese de Guarabira. Nesse sentido, instala-se oficialmente, em Pilões, a relação sindicato e Igreja.

Nota-se que, por um longo período, Pilões teve a presença de um vigário holandês, padre Mateus que, vivendo até os últimos dias de sua vida naquele município, não demonstrou uma prática favorável à inter-relação da Igreja e o sindicato. Dedicou-se, em destaque, ao trabalho religioso, tomando prioridade em serviço. Após a morte do padre Mateus, o seu sucessor o padre Geraldo, também holandês, segue os mesmos trilhos da antiga orientação, mas deixa os espaços livres para quem quisesse se organizar em grupos de pastoral ou catequese. Após o padre Geraldo, que teve morte instantânea em acidente automobilístico nas estradas do sul do país, assume o trabalho da paróquia o padre Leonardo, também holandês, aberto à nova forma de se fazer Igreja, mas o fato de residir noutra cidade, faz com que prevalecesse a idéia e a percepção da Igreja, como meio para fins sacramentais, realizando-se em curtos passos os trabalhos iniciados no âmbito da catequese, das pastorais, tendo o meio rural como espaço fértil a tais iniciativas.

Só em 1992 que o quadro religioso foi alterado com a chegada de um jovem padre recém-ordenado, para residir no local pretendo desenvolver um trabalho de comunidades e pastorais.

Mas, em geral, o ato do sindicato possuir, em seu corpo diretor, uma liderança sem uma trajetória individual marcada por trabalho de Igreja, não significa que a intervenção e relação com os grupos de assessorias pertencentes à Igreja Católica não tenham peso em sua trajetória política. Constata-se que a influência, por parte da Igreja, foi comprovada desde períodos anteriores à gestão do referido presidente.

Segundo informações de alguém que viveu a experiência, desde os primeiros dias da existência desse órgão, seu João Cândido, ou conforme se diz popularmente, seu João de Titara, o sindicato de Pilões foi fundado no dia 19 de maio de 1962. Nesse momento o padre Albano, com residêncnia em João Pessoa, responsabilizou-se pelos primeiros encaminhamentos, chegando a dirigir o sindicato junto aos trabalhadores; dizia o padre:

*"minha gente, é bonito a gente amanhecer um dia de domingo, se vai fazer a feira naquele município todos botam a cesta na mão ou o saco nas costas e chama um pelo outro: fulano, bora! sicrano, bora! chega aquele cordão de gente vai ao sindicato, vai à feira, faz a feira. bota a feira no sindicato, assiste as palestras, as reuniões, depois vai à santa missa. depois pega a bagagem e vai para casa, com isso a gente viu que ia crescendo o número de associados de repente."*

*(Seu João Sítio Titara, Pilões)*

Seguindo a orientação do Padre Albano, Pilões tem seus primeiros presidentes denominados Nani e Manoel Belizário, pequenos produtores, assalariados, residentes no Engenho Santo Antônio. Mas é com a "revolução de 1964 que, segundo seu João, o padre afastou-se do sindicato. Assim como ocorreu com a maioria dos sindicatos rurais. Pilões também teve seu fichário destruído, levado para Serraria, cidade em limites com Pilões. Os diretores foram presos e depois de recomposto, o sindicato passou a funcionar no círculo operário, situada por trás da Igreja matriz.

O segundo presidente, denominado Pedro Victo, inicialmente, prometeu fazer uma boa administração mas não tardou a estabelecer estreitas relações com os proprietários, colocando-se contrário aos interesses dos trabalhadores. Ele cita casos em que uma moradora, com 20 anos de residência e possuindo bens de raízes plantados, foi expulsa pelo proprietário e, recorrendo ao sindicato, recebe apoio, mas poucos dias depois percebe-se que o presidente estabelecia acordos fora da presença dos interessados, com o referido proprietário. Dias depois, procurando saber sobre a questão, o presidente a informou que ela poderia perder a questão. Pelo que se sabe, a questão só não foi perdida totalmente, pela intervenção de um filho dessa senhora que, embora estando sempre bêbado, mas por ser soldado, representando "autoridade" alertou o presidente para a questão o que resultou em um acordo beneficiando a interessada, apenas em parte.

Seu João cita outro caso:

*"Outro caso muito triste foi o que aconteceu com um trabalhador do Engenho Roça do proprietário Antônio Matias. O proprietário arrancou as portas da casa do trabalhador botando ele pra fora, cortou todas as frutas pela raiz e deixou elas à "garateias". Este não tinha sindicato, mas foi aconselhado pelo mesmo Pedro Victor para se associar pra sua questão ir adiante. Ele vendeu a porca e uma criaçãozinha que tinha no terreiro e tirou esse sindicato. O presidente acompanhou, acompanhou depois o proprietário deu um cavalo a ele, aqui todo mundo sabe disso, ele arranjou uma sela velha, andava pra qui, pra colá, e seu João Simão perdeu a questão."*

Nessa época o referido informante era delegado sindical, e os encaminhamentos do sindicato deviam-se recorrer à Federação com sede em João Pessoa. Insatisfeito com a prática do presidente, o referido informante, chegou a procurar a Federação, em vários casos. Neste caso citado, a Federação interviu a favor do trabalhador e o presidente chegou a perder o cargo.

Assume o cargo o secretário que também residia no interior de um Engenho. Diz seu João:

*"Seu Manoel B. morava no Engenho Várzea, eu era limpador de cana, trabalhava com os trabalhadores, sempre via se via ele no meio dos trabalhadores todo rasgadinho todo arremendado, aqui no sindicato ele não vinha como secretário, nem vinha à reunião, ninguém via ele aqui na sede do sindicato, e o cargo foi passado pra ele Manoel Batista, Domingos Bahia e João Cândido Batista (o informante), como tesoureiro e delegado."*

Alega seu João que antes de completar um ano de mandato, um dos membros, Domingos Bahia, renuncia ao cargo e ele termina o mandato junto ao sr. Manoel Batista.

Na eleição seguinte, o informante prefere ficar fora da chapa e o presidente anterior reelege-se, ficando um mandato de cinco anos seguidos no sindicato, somando-se um mandato de 15 anos no poder. De um simples trabalhador assalariado, que pouca disponibilidade tinha pra vir à sede do sindicato, esse homem tornou-se o maior opressor, colocando-se claramente em relações de aliança com os proprietários.

Finalmente, apoiados pelo grupo de Renovação Sindical ligado à Igreja Progressista, Seu João com outros trabalhadores conseguem pensar numa oposição sindical e, em 1983, elegeram um representante que, embora se apresentasse como proposta viável, na prática, não satisfaz aos interesses dos trabalhadores.

Esse presidente compôs uma chapa, juntamente com pessoas que estavam iniciando um processo de interação com a Diocese de Guarabira. Mas segundo o mesmo informante, estes não trabalharam conforme se esperava, razões pelas quais, as próprias pessoas vinculadas à Pastoral, que os tinham

apoiado, não demoraram a reconhecer a importância que devia ser dada no apoio ao próximo diretor que surgisse e tivesse destes a merecida confiança.

Nessa conjuntura, o presidente também tinha uma questão na justiça, resolvendo em forma de acordo, compra uma casa na cidade e larga também o sindicato. A secretária e o tesoureiro foram acusados de incentivarem a prática de acordos e, em assembléia, foram retirados do sindicato.

Essa mesma conjuntura proporcionou a entrada do jovem, do qual falou-se há pouco, ele teria se aproximado do sindicato através de exigências trabalhistas e acaba compondo uma chapa para diretoria provisória, eleita em assembléia<sup>103</sup>.

É essa diretoria que, atuando noutra conjuntura, se destaca pelo número de ações que o sindicato leva à justiça. Para o seu João, Manoel Raimundo é um bom presidente:

*"O Sr. Manoel Raimundo sofria uma dor: ele era trabalhador de engenho Santana e foi expulso e diretamente o proprietário até correu atrás dele pra bater nele, mas ele teve muita força dada por Deus e teve força de ser o presidente do sindicato e sustentar o batente com ele."*

Antigamente, o sindicato destacava-se por ter uma prática marcada pelos acordos que fazia em locais inapropriados: no caminho do roçado, nas estradas, em qualquer local, exceto no sindicato. Foi com essa nova diretoria que os acordos passaram a ser feitos em termos de justiça e acompanhados pelo Centro de Orientação dos Direitos Humanos de Guarabira.

---

103- Compôs essa chapa: Manoel Raimundo (presidente); Antônio Batista (secretário) e Cícero Acelino (tesoureiro e representante da Pastoral Rural).



Nestes termos, para todos a responsabilidade de uma liderança poderia permitir ao sindicato dar uma resposta coerente com as reivindicações de seus associados.

Até o momento da pesquisa, o referido presidente continua no cargo. Embora sejam variadas as avaliações a seu respeito, ele não tem sido acusado de estabelecer laços que comprometam sua postura de defesa aos trabalhadores, mas tem um grupo que não se sentindo satisfeito com sua prática, critica-o alegando que ele não visita as casas dos trabalhadores, nem demonstra-se preocupado com tal questão se ocupando de tarefas, muitas vezes, externas ao sindicato, coloca-se numa situação que o expõe às críticas e poucos elogios.

#### **4.3 - De Trabalho de Igreja à Direção Sindical**

Em 1986, em pesquisa anterior Cardoso, (1987); chegamos a conclusão de que a trajetória das lideranças sindicais percorria três momentos distintos, que em dois desses, se destacava a Igreja exercendo um papel diferenciado em cada um desses momentos.

Um primeiro momento, em décadas pré 64, desempenhando um papel na linha tradicional, que havia destaque a religiosidade popular, juntos aos movimentos rurais, desempenhavam um papel supletivo ao lado dos trabalhadores, na maioria dos casos, estabelecendo laços com o Estado. Em seguida, pós 64, o segundo momento caracterizava-se pela presença maior do Estado sob a regência dos seus organismos ANCAR (Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural); EMATER (Empresa de Assistência Técnica e

Extensão Rural) e IADESIL (Instituto Americano de Desenvolvimento do Sindicalismo Livre). E, finalmente pós 70, momento em que se destacaram os movimentos de Igreja ou a ela vinculados. A título de informação foram citados: MER (Movimento de Evangelização Rural), ACR (Ação Católica Rural), CPT (Comissão Pastoral da Terra)<sup>104</sup>.

Na atual pesquisa (1990-91), a trajetória das lideranças sindicais em análise, inclui-se no quadro referencial do terceiro momento citado ou seja, naquele em que a influência da Igreja Católica se dá na inicia dos movimentos sociais populares a nível local, estadual e mesmo nacional, iniciaram suas experiências, via grupos de Igreja.

Esses trabalhadores pertencem, originariamente, à categoria dos assalariados rurais, ex-moradores de fazenda hoje residentes na cidade, pequenos proprietários rurais e posseiros. A seguir, apresentaremos pequenos recortes de suas histórias de vida que explicarão, com detalhes, as diversas particularidades encontradas.

*(...) sou trabalhador rural, casado, com um alarme de filhos, e moro aqui em Pirpirituba, antes eu morava no sítio, morava em Baixa do Carro, na terra do Dr. Wilson Guedes, chegando qui comecei a trabalhar na agricultura botando roçado e trabalhando no corte da cana, trabalhando no gado, aonde encontrava um dia, dois, pra ganhar."*

*(A. Abdias, dirigente sindical - Pirpirituba)*

Outro depoimento:

*(...) trabalho na agricultura, quando não encontro terreno para cultivar trabalho no canavial, na usina, dou de comer a uma família muito grande, e a condição de vida é muito pouca.*

*(J. Ferreira, atual presidente do STR de Pirpirituba)*

Ao falarem sobre suas entradas no movimento sindical, evidenciou-se a seguinte explicação:

<sup>104</sup>- Cf. Cardoso. (1987:44).

*(...) comecei frequentando os movimentos de Igreja, os movimentos de base, essas reuniões... e aí chegou o padre Cristiano, que tinha muito movimento, muito trabalhador, muito ativo nos trabalhos das comunidades, nas orientações, e chegou o ponto de me conquistar pra começar conversar com o trabalhador e animando, participando de reuniões e continuei participar de encontros em Guarabira, comecei desenvolver, sentindo a vontade de desenvolver, de caminhar junto com outros trabalhadores, daí começamos um pensamento, uma luta que, nosso sindicato aqui em Pirpirituba tinha uma atuação muito péssima, era um pessoal que ficava do lado do patrão e não desenvolvia os direitos dos trabalhadores."*

*(A. Abdias, dirigente sindical - Pirpirituba)*

Nota-se que nessa corrida de tempo entre o campo e a cidade, a entrada no movimento sindical foi motivada pelo envolvimento com grupos de base da Igreja, intermediado pelo chamado de uma pessoa da hierarquia da Igreja, um padre que, conforme ocorre nos casos em que a Igreja se coloca ao lado do povo, se torna prática comum de chamar aqueles que se apresentam dispostos ao trabalho de comunidade. É claro que geralmente esses convites são destinados a todos, mas há sempre aqueles que se destacam e nesses casos, não custa perceber as aptidões e a experiência acaba dando certo. Neste caso, esse tipo de convidado acaba se envolvendo em tarefas maiores, ultrapassando a própria intenção inicial que, nem sempre, seria torná-lo líder sindical com ampla referência. Mas é bom saber que, às vezes, nem sempre os chamados não se sentem atraídos com facilidade. Em conversa com esse informante perguntou-se:

*P: Conte agora pra gente como foi que o Sr. chegou ao movimento sindical.*

*R: Ah! Foi muito difícil porque eu era uma cara contra o sindicato e no partido partidário eu era do PDS, e depois eu me encontrei com uma mulher que gostava de religião, começou a fazer dramatização comigo, a dramatizar alguma coisa da vida daquele povo, e fui me chegando. Quando foi uma noite eu fui uma novena e lá me encontrei com Dé, e o Dé tava pensando em entrar aqui (no sindicato) e fazer uma diretoria, e perguntava ao povo de lá quem era pessoa digna de entrar na diretoria com ele (...) e daí o povo achava que era eu. Votaram tudo comigo. Eu era muito contra. Aí Dé perguntou se eu aceitava; eu digo: bom, o meu povo quer, eu aceito. E daí começou a luta, fomos lutar pra ver se elegia, e aqui tô eu na luta.*

*P: Como foi que a mulher lhe convidou? Quem era essa mulher?*

*R: É a comadre Alice Freire. Convidou pra assistir história de batizado comunitário e pra participar e tal... mas eu era contra demais...*

*P: A dramatização era sobre o quê?*

*R: Era assim: sobre o papel de Saulo, aí eu fui pegando gosto, e através do padre Cristiano, o padre Cristiano botava a mão em cima deu, e vamos seu Zé... e tal... aí eu fui entrando na luta. Depois que eu entrei na luta, que nós chegamos, fazia 43 anos que eu morava na propriedade e o tal proprietário não gostou, e eu... era tio meu, pra não dar desgosto a ele, abandonei a casa, a terra, a roça que eu tinha, tudo pra lá, e vim praqui pra rua. Quer dizer: abracei o sindicato e abandonei tudo quanto tinha.*

*(Zé Ferreira, atual presidente do STR de Pirpirituba)*

A pessoa a que se refere no parágrafo anterior, demonstra claramente que, em momentos anteriores de sua vida, foi em muitas vezes, contra o próprio sindicato, o que quer dizer que fazia parte do grupo daqueles que se encontram distantes, alheios à sua própria organização profissional, no caso, o sindicato.

Por uma parte, a informação apresenta um elemento denominador, quando o informante traz ao cenário da entrevista recortes da sua relação e dos contatos com animadores de grupos de base, "a comadre Alice." Neste caso, visualiza-se uma atuação específica desses grupos de base, cujas trajetórias atingem outras esferas, estropolando os próprios limites de uma atuação restrita a atividades sacramentais, como no caso de uma reunião de preparação para o batismo ao campo sindical.

Conforme viu-se, a partir de uma dramatização de trechos bíblicos (a vida de Saulo) a reflexão da própria vida dos participantes, agindo com efeito, no sentimento dessa liderança, intervindo na dinâmica de sua própria vida, provocando mudanças de comportamento, opção.

Mas, como se sabe, nem todos aqueles que da Igreja chegaram ao sindicato, tiveram o mesmo contato inicial: há aqueles que, ainda na fase de juventude, se sentiram atraídos pelos grupos de Igreja e acabaram ocupando espaços importantes na própria história do movimento sindical:

*"Bom meu nome é J.R.A., categoria que faço parte é de trabalhadores rurais, com origem de pequeno proprietário, lá do alto sertão da Paraíba, atualmente sou dirigente do sindicato, como presidente do sindicato dos*

*trabalhadores rurais de Pirpirituba e participo na Pastoral Rural na Diocese de Guarabira.*

*(...) comecei participar de reuniões, a primeira foi em '67. Tava com 17 anos, reunião convocada pelo padre do lugar (...) tinha alguns políticos espalhando que o padre era comunista, e despertou a minha atenção pra ver o que era. Então jovem, agricultor, havia uma reunião ali perto da minha casa, eu fui participar, e lá gostei dos assuntos que discutiram: problemas dos jovens, questão de juventude, juventude agrária católica. tinha além do padre, tinha um membro de equipe regional da Juventude Agrária Católica, aí entrava o problema do namoro, problema de divertimento, problema de participação dos jovens na sociedade o que é que a vida social nos lugares, então nós num clima mais festivo, e foi por aí que eu fui começando a participar das reuniões e logo, pouco tempo diante, o padre levantou uma discussão para a fundação do sindicato num lugar que não havia sindicato no nosso município, e foi entrando na reunião uma discussão mais ligada a realidade dos trabalhadores rurais. Então comecei de fato, comeceia participar de movimentos por aí. Foi aí em '67 quando começou.*

**Mais adiante:**

*"Então também esse trabalho tinha muita reflexão bíblica, fiz curso bíblico, fazia leitura de reflexão (...) eu também comecei a me inteirar era agricultor agrícola, homem casados, mulher casadas, e começamos a discutir também a bíblia, o evangelho. Cada oito dias, nós reunia uma noite numa casa, no sítio, pra ler o texto do evangelho e discutir."*

*(José Ramundo, Ex- dirigente do STR de Pirpirituba, atual membro da CONTAG)*

O processo de interação dessas lideranças sindicais com o movimento de base da Igreja ou mesmo com as pastorais, não difere, de modo geral, entre as experiências abordadas, mas nota-se uma certa particularidade quando se dá atenção ao tipo de convívio de um determinado indivíduo, grupo ou pessoa, seja esta pessoa alguém que pertence à "base" do movimento ou à sua direção. O caráter dessa relação pode resultar no tipo de envolvimento da liderança.

O pertencimento a uma Pastoral específica, no caso, Juventude Agrária Católica, permite que problemas específicos, relacionados ao homem rural, sejam identificados num percurso mais rápido que entre os demais grupos, cuja tarefa se organiza a partir de uma problemática mais ampla, geralmente, são grupos que assumem tarefas tanto sacramentais como de lutas sociais, como ocorre com as Ceb's. É claro, que esta afirmativa não atua como regra, pois há

também pastorais específicas que não estão preocupadas com a problemática mais direcionada à organização de uma categoria social, neste caso, valendo destacar apenas aquelas pastorais que se destinam, especificamente, ao trabalho com o homem do campo.

As mulheres com quem se conversou se incluem no quadro das lideranças sindicais rurais, também iniciaram seus depoimentos falando de problemas específicos de trabalho/sobrevivência, ao relatarem suas histórias de vida, no movimento sindical no qual estão inseridas. Nas entrelinhas de suas palavras, pode-se perceber, como o processo de participação sindical ocorre, tanto na especificidade feminina, como no pertencimento a um grupo de base ou a um movimento específico.

São diretoras sindicais, que da Igreja chegaram também ao sindicato, mas são também mães, com um elevado número de filhos que, para sobreviver, dividem o tempo entre a militância e as tarefas particulares de auxílio à própria sobrevivência: fazem artesanatos, cultivam a agricultura, são professoras municipais, mas a identificação primeira, dá-se como agricultoras. Essas mulheres enfrentam uma dupla tarefa no campo da militância: conscientizar sua categoria, por um lado, e conscientizar o marido, por outro, objetivando obter "a licença" para participação num movimento maior como o próprio movimento sindical. Apartir de envolvimento com grupos de base, em suas comunidades, via as próprias CEBs, conseguem participar de instâncias maiores nos movimentos populares.

Situações dessa natureza tornaram-se, de certa forma, prática comum no Brejo, nos anos 70 e desenrolar dos anos 80.

Vimos que a Pastoral da Juventude acabou atuando como um ponto

marcante, na trajetória de algumas lideranças rurais, isto se verifica quando comumente ouve-se falar: "a Pastoral forneceu quadros" para outros movimentos ligados ou não à Igreja Católica. Portanto, não é difícil encontrar pessoas que "passaram" pela Pastoral de Juventude e hoje integram grupos ligados ao sindicalismo rural e urbano, Partidos Políticos, Pastorais específicas de Igreja Católica: da Terra, Operária, etc.

Com isso, não se quer afirmar que seja, necessariamente, a Pastoral de Juventude uma via de ingresso às organizações populares e/ou sindicais. Mas queremos lembrar que uma pastoral não se define por si só, define-se a partir da própria composição e da linha de Igreja a qual está vinculada. É bom lembrar também, que não faz parte dos objetivos da Pastoral de Juventude "fornecer quadros" ao movimento popular, mas pela sua dinâmica e pela sua própria prática de unir fé e vida que caracteriza uma Pastoral atípica, atuante num momento especial com participantes especiais, é neste contexto que alguns jovens comprometidos irão se inserir noutras esferas específicas.

Em conversa com uma diretora sindical ela afirmou o seguinte:

*(...) no começo, de início, quando eu tinha 15, 16 anos, eu comecei a participar de grupos de jovens. Tinha um padre na nossa paróquia, e a gente começou a levar gente e fazer leves discussões com os jovens, com os problemas dos jovens, mas isso durou um ano, dois. Logo em seguida a gente começou a reunir-se já com os trabalhadores, com os agricultores mesmo, e a primeira discussão que fez a gente abrir a cabeça sobre o sindicato, porque na nossa cidade não tinha sindicato. Desde aí... já comecei a participar. Agora houve depois de um tempo a gente foi ingressando também no MER. A gente foi se ligando, porque inclusive esse padre fazia parte desse movimento, assessorava acompanhava o pessoal.*

*(Neuzinha, na época da pesquisa, dirigente sindical e liderança do MMTem Pirpirituba - Pb)*

Assim, resgatando a trajetória de lideranças sindicais encontram-se recorrências que se apresentam em determinados momentos comuns entre as diferentes pessoas. Ressalta-se um denominador comum: a interferência da

Igreja Católica, que se deu via os grupos de bases organizados, pessoas ou lideranças religiosas. É importante, mais uma vez, lembrar que se está falando de uma Igreja que difere daquela Igreja fundadora de sindicatos, no período que antecedeu ao golpe militar, no Brasil em 1964. Era linguagem da Igreja, identificando-se com a linguagem que caracterizou o surgimento de pessoas comprometidas com as camadas menos favorecidas da sociedade brasileira.

Nesse primeiro momento da relação, muitos trabalhadores são convocados chegando até a ocorrer ingressos de grupos. Esse ingresso é sempre via um chamado pessoal de um padre, de um amigo, de um animador(a) de comunidade.

É importante notar que as pessoas atraídas ao trabalho de base apresentam, inicialmente, certas qualidades, traduzidas muitas vezes em maior dedicação, freqüentando sempre as reuniões, muitas vezes sabem ler e escrever e, necessariamente, são pessoas bem vistas numa comunidade, apresentando uma certa liderança no Bairro ou Sítio em que residem, constituindo uma espécie de ponte entre o padre e os demais trabalhadores católicos.

Todavia é importante perceber que as próprias pessoas que se sentiram 'chamadas' a este serviço sindical, embora algumas reconheçam a importância e o peso da Igreja na sua formação pessoal e profissional, necessariamente, não permaneceram ligadas a esta mesma Igreja. Isso não se explica por um suposto afastamento por incompatibilidade de linhas ou prioridades de trabalho, mas pode se explicar que, de certa forma, uma dedicação maior à atividade sindical lhes ocupando todo o tempo, oficializa a diferenciação rígida de papéis entre animadores e às lideranças sindicais. Seria interessante aprofundar a questão



procurando analisar de que forma essas pessoas conhecem e vivenciam o fator específico da espiritualidade.

Embora, genericamente, a passagem para o espaço propriamente sindical e justificada pela nova concepção de Deus que liberta. Essas lideranças falam de um "Deus libertador": "O Deus que liberta é exatamente o contrário do Deus que você tem na cabeça. (...) abre um leque para você discutir a realidade, buscar a análise científica da realidade! (...) as pessoas começam a analisar a realidade e enxergar corretamente a realidade voltada também para um plano de ação concreta. Daí então a nossa caminhada, com esse surgimento do sindicato..." (trechos de entrevista realizada em 1986: presidente do STR de Pirpirituba, no ano citado).

A ponte entre o significado de Deus e sua ligação com a realidade concreta, num plano teórico, dá-se facilmente, mas concretamente, todos os entrevistados que hoje ocupam os cargos de diretores sindicais, principalmente os cargos de presidente, dizem não encontrar mais tempo para fazer esta ponte, na prática cotidiana. Em conversa com esse membro da executiva regional da CUT ele nos afirmava o seguinte:

*"De uns tempos pra cá, não foi muito tempo, mas de uns tempos pra cá foi que deixei mais um pouco. Eu sempre vou à missa, mas não é mais que nem de primeiro, de primeiro eu participava de tudo, de tudo, hoje não foi mais, porque a gente pegando o lado certo, a gente vê que o evangelho é prática. Não adianta a gente tá de joelho ralado e na hora de dizer, que tem um bocado de trabalhador ali, despejado de uma terra, que tá sendo ameaçado de tudo, e não ter coragem de chegar."*

*(A. Abdias, dirigente sindical - Pirpirituba)*

O suposto afastamento do terreno religioso não se deu só por uma suposta compreensão prática e ampla do evangelho, ou pela quantidade de compromisso a ser respondido num período de curto prazo. Motivos como mudança de vigários e mudanças nas posições destes com relação ao sindicato

e luta em geral dos trabalhadores, foram também citados como obstáculos para o exercício de novas formas de religiosidade entre as lideranças sindicais que resultaram destas novas formas. Um exemplo.

*P: Como o Sr. explica isso, antes existia apoio do padre, hoje não existe mais?*

*R: Devido a troca de padre, o padre antes era da luta, do movimento, dos conflitos... e o de hoje não é, o de hoje é parado.*

*P: Quer dizer então que não é bem a Igreja, mas depende do padre?*

*R: Perfeitamente. Depende do padre, muita gente acha que a Igreja é o padre, uma parte se movimenta pela atuação do padre, quando elege uma diretoria, elege um proprietário, eles são contra o movimento sindical aí ele não pode atuar (...) a comunidade que participa da Igreja atuando lá para o movimento do lado dos humildes, ao lado sindical, é diferente, por exemplo, tem uma certa parte desse povo que ninguém participa do sindicato.*

*(Zé Ferreira, atual presidente do STR de Pirituba)*

O objetivo aqui não é investigar se a permanência em um grupo de origem é perpetuada por algum laço de amizade, fidelidade, princípio ou coisa similar. Não se trata, aqui também, de investigar qual padre favoreceu ou fortaleceu a luta dos trabalhadores rurais, sabendo que é um indicador de peso, mas é, sobretudo poder perguntar em que essa permanência difere, quando colocamos esses diretores numa trajetória maior em que outras experiências são comparadas.

Foi evidenciado que estas pessoas não mudaram de religião, mas na maioria, se afastaram da prática cotidiana da Igreja ou dos movimentos a que estavam ligados. Entretanto, as explicações se dividem entre as mudanças internas na Igreja e a falta de tempo do líder. No entanto, vale ressaltar que a Igreja do Brejo da Paraíba com sua característica particular de manter-se fiel ao seu compromisso em defesa dos oprimidos, manteve sempre uma prática marcada pela presença constante, nos vários campos onde se situam as lutas

dos trabalhadores. Através dos seus serviços, organismos e demais grupos específicos que, por sua vez estiverem sempre ligados ao trabalho, destacando épocas de apoios explícitos ao sindicalismo rural organizado, estendendo sua atuação aos campos político, sindical, cultural, Essa característica peculiar de ser Igreja, no Brejo, possibilita a realização noutras instâncias e circunstâncias, possibilidades de aproximação quando a conjuntura social exige uma articulação do religioso com o sindical, visando encaminhamentos práticos, como são os casos específicos de luta no meio rural. É aí que o pertencimento de origem a um certo grupo de Igreja, vai diferenciar ou quando não, vai, pelo menos, indicar o jeito especial de "negociar" nesses casos, a relação entre dois ou mais campos, parece ocorrer com maior naturalidade.

É notável entre tais lideranças que o pertencimento a grupos de base da Igreja, em momentos iniciais de suas trajetórias, deixou lições importantes. Falando sobre suas experiências fica bem visível a valorização ao trabalho de formação constituído em momentos anteriores. Conforme observou-se nos depoimentos citados, quase sempre, essas pessoas estão se referindo a alguém, a uma assessoria no campo da formação.

Por outro lado, deve-se notar também, que foram tais pessoas ou assessorias que proporcionaram "caminhos" para que o sindicalismo se renovasse no Brejo, constituindo-se em apoio e/ou serviço.

Uma vez fortalecido, o movimento sindical criou setores e elaborou seus conteúdos de formação, agora já pensados numa ótica maior, considerando a organização sindical, em geral, e não mais uma especificidade de um grupo de oposição, ou mesmo, diretoria local. O sindicato de Pirpirituba, por exemplo, tem

marcos de uma história em que a intervenção religiosa teve peso considerável em sua trajetória de renovação.

Pirpirituba destaca-se. Surge como contraposto ao movimento das Ligas Camponesas. Na sua criação, houve a participação de figuras de destaque, como por exemplo, o padre Luis Lucena, filho natural de Pirpirituba, de família de médios proprietários rurais, pároco de João Câmara, no Rio Grande do Norte. O padre Luis costumava passar suas férias, do meio do ano e do Natal, junto ao seu povo de origem, momento em que celebrava na paróquia de Pirpirituba, eventualmente, na casa dos seus pais, no sítio Dois Irmãos, do mesmo município.

Em 1962, enquanto celebrava, o padre afirmou que as pessoas deviam se reunir para formar o sindicato rural. No fim da missa, os interessados procuraram a sacristia da paróquia, local que, mais tarde, acabou sendo a sede da associação. Oportunamente, em uma conversa com o Sr. Heráclito, homem católico, 1º presidente do referido sindicato, ele declarou: "o sindicato foi fundado em defesa de uma Liga Camponesa que estava se formando naquele momento. Diziam: "essa liga é um Comunismo disfarçado." No mesmo ano, em agosto de 1962, o padre Assis (pároco local e advogado), cuidou do aspecto burocrático, junto ao Ministério do Trabalho.

O Sr. Heráclito foi escolhido enquanto diretoria provisória<sup>105</sup>, nomeado pelo Ministério do Trabalho e orientado pelo então advogado, o padre Assis.

---

105- O Sr. Heráclito, pequeno proprietário, com 4 hectares de terra, 51 anos, assume o cargo de presidente junto a João Pedro do Nascimento (Biluca), 60 anos, também pequeno proprietário, 18 ha. de terra, secretário. O número de sócios é de 40, 50. Em seguida, se delinea o processo de divulgação e formas de atuação para os trabalhadores.

Fica bastante explícito em seus depoimentos que esse sindicato assume um papel diferente: "antigamente quando havia questões dentre trabalhadores e patrões, a tarefa do STR estava em apaziguar."

Em 14 de março de 1964 esta diretoria renuncia ao cargo alegando questões do "malassobro" das Ligas Camponesas. Junto ao Ministério do Trabalho, um representante da FETAG (Federação dos Trabalhadores na Agricultura), ofereceu o cargo ao Sr. Vicente Paulino, que aceita por acreditar no sindicato e na importância da luta. Este também, trabalhador rural, com 31 de idade, vindo de experiências com a construção civil, tendo participado das mobilizações de massa do governo João Goulart, no Rio de Janeiro, onde trabalhou como pedreiro, em migração temporária.

Em 31 de março de 1964, momento em que estoura a "revolução dos Militares", o referido presidente é perseguido e preso por haver suspeita de eventual ligação com as Ligas Camponesas. A prisão dura 48 horas e o sindicato fica fechado por alguns dias. É o Sr. Heli Cantalice, que agora entra em cena, representando o Ministério do Trabalho, reabre as portas do sindicato de Pirpirituba. Em 1965, não se consegue fazer eleições pois há falta de quorum, o Ministério do Trabalho faz outra intervenção, nomeando uma junta governativa. Seguem-se três juntas, a cada vez, nomeadas pelo referido ministério.

Em 1968, consegue-se realizar uma eleição com apenas 100 sócios em dia. Setenta (70) deles votaram, disputando um lugar entre Vicente Paulino e o Sr. Odilon acompanhados do Sr. Francisco Herculano, secretário e Ciro Campina, tesoureiro.

No mesmo ano, o Sr. Odilon assume o cargo de tesoureiro na FETAG e Francisco Herculano que corresponde ao 4º presidente do STR. Este permanece no cargo até morrer. É no ano de 1980 que se desencadeia a campanha de oposição sindical apoiada pelo vigário local, o padre Cristiano Muffler, contando com o respaldo de trabalhadores que tinham uma ligação com o trabalho de base da igreja. Jose Raimundo de Andrade é eleito em 1983 e reeleito em 1986. A partir de então, a existência de um sindicato divulgado e destacado, entre outros na região, pelo período em que se colocava como articulador de outras campanhas de oposições sindicais na região. Assessorado pelo SEDUP este sindicato desenvolve trabalho de formação de base, criando projetos específicos: projeto de beneficiamento agrícola, projeto açafração, entre outros.

Há, entre os dirigentes sindicais, uma necessidade de formação que é evidente e percebida entre a própria categoria. Os mais antigos foram formados em momentos anteriores, mas a maioria já se encontra em cargos maiores no Estado, no País, que resultou num esvaziamento de lideranças locais, podendo dar margem para se gerar ou se voltar ao quadro dos diretores, que chegaram a passar vários mandatos num mesmo sindicato, dando origem ao "peleguismo." Talvez seja por sentir esta problemática, que os atuais diretores sentem muita falta dos apoios oferecidos pelas assessorias, nos moldes passados e não sentem muita força no próprio planejamento da CUT.

Não se quer dizer que as assessorias desapareceram, mas uma vez que foram criados setores específicos do próprio movimento sindical, é claro que, necessariamente, ocorreu também uma redefinição nos papéis desses atores, que, obviamente, procuram se colocar mais, enquanto organismo, a serviço do

movimento popular, em geral e não especificamente, do campo sindical, como ocorreu num primeiro momento. Um depoimento de um diretor sindical confirma a importância destas assessorias, no processo de formação dos diretores sindicais:

*(...) antes se o camarada me perguntasse como é que foi a vida do povo, dos escravos, (vamos pegar os escravos), o povo trabalhava acorrentado, amarrado pelo pé, se o povo me perguntasse como era, como foi o passado, eu não sabia dizer nada daquilo que foi passado e como foi começado a vida no Brasil. Mas através dos cursos, através de tudo no mundo, a gente aprendeu como é que foi, como é que é hoje, como é que ainda existe escravidão hoje; porque a gente vê não é mais gente amarrada pelo pé, mas há gente explorada, trabalhando de graça ainda para um patrão.*

*(...) Hoje a gente já também sabe mais ou menos, como é que passa o capital, como é que passa do trabalhador para o patrão, a gente (...) vê como é que passa o suor, o trabalho, a mão-de-obra do trabalhador, como é que a riqueza contribui pro que tá livre, e a gente fica na mesma, continua na mesma, a gente sabe conversar com uma pessoa.*

*(A. Abdias, dirigente sindical - Pirpirituba)*

Entre os diretores sindicais, são poucos aqueles "letrados" e a informação se faz necessária para o bom desempenho do trabalho. Conhecer as leis trabalhistas, conhecer a própria história tornou-se quase que uma obrigação, em função da demanda na região.

Nas suas trajetórias, o aspecto da formação, da informação foi sempre determinante, principalmente num primeiro momento em que iniciavam suas experiências. Esse marco é determinado tanto no âmbito de suprir carências na formação pessoal, como peça importante para o planejamento das ações em geral. A formação ultrapassa o plano da alfabetização e passa a ser entendida e necessitada como uma estratégia para a própria ação sindical e política. Ela aparece como determinante, na qualidade do trabalho, com uma parceria constante com a luta concreta.

Como está se tratando de pessoas que são oriundas de grupos de Igreja, a maioria possui determinados conceitos sobre a formação. Alguns entendem a formação como instrumento para melhor fazer a ação, pois desde cedo, puderam experimentar um processo de "sistematização da ação". Resgatam momentos em que se discutia uma teoria sobre o capitalismo, a partir das próprias experiências locais. A formação aparece interligada com a ação. Entendendo a formação por esta ótica este diretor expressou-se assim:

*"Quer dizer que se não tiver os cursos ou a discussão de formação, nós vamos fazer trabalho sempre capenga por aí, a gente faz sempre a comparação: o lado prático e o lado teórico, o lado da discussão mais teórica, têm que andar junto como se fosse um "galão". um "galão" só é galão quando tem as duas latas; uma de um lado; outra de outro. E também é assim um trabalho de politização dos trabalhadores deve estar com as duas coisas concretas: um lado na luta concreta, outro lado também a discussão teórica que vai inclusive, apontar melhor os caminhos das lutas concretas dos trabalhadores."*  
(José Raimundo, Ex-presidente do STR de Pirpirituba)

Outras carências são percebidas: carências que se traduzem em limites do próprio cotidiano dos sindicatos numa conjuntura pouco favorável. Se num primeiro momento, os sindicatos contavam com variados apoios externos: pessoas, instituições, indivíduos... e, de certa forma, esses apoios favoreceram à própria dinâmica dos representantes sindicais. Depara-se então, com outro momento histórico, em que esses apoios foram minimizados e tem repercutido, qualitativamente, no trabalho dos sindicatos. Mas por outro lado, é o momento em que as instâncias de representação de trabalhadores iniciam ou reforçam seus próprios papéis particulares.

Os atuais dirigentes reclamam que os anteriores (que assumiram o sindicato na época da retomada das oposições), recebiam remuneração externa uma vez que eram vinculados a um serviço, ou pastoral específica. O fato de



possuírem remuneração extra, favorecia a maior dedicação ao trabalho no sindicato. Fortalecer a Central Sindical (CUT) é objetivo desses diretores, mas para estes, a CUT não pode ser o único veículo capaz de requisitar ou administrar os recursos sindicais para o conjunto dos sindicatos porque não está, satisfatoriamente, presente para atender às necessidades de cada dia-a-dia dos sindicatos.

#### **a) Categoria de Trabalhadores Rurais e Ajudas Externas: Repercussão no Trabalho Sindical**

Quando o diretor sindical possui um certo meio de vida: um pequeno salário, ajuda de custo, ou rendimentos de sua própria roça, ele apresenta-se mais disponível para enfrentar as atividades sindicais, mas quando este pertence a uma categoria muito carente, sua disponibilidade varria porque ele precisa dar conta de atividades diárias para subsistência da própria família. Esse tipo de dificuldade é mais freqüente entre os assalariados. Há casos em que, mesmo quando a diretoria não dispõe de recursos mais recebe ajudas financeiras através de organismos não governamentais, o trabalho sindical tem sido facilitado, conforme ocorreu com o Pólo de Renovação Sindical, do Brejo, que na época de "tomada dos sindicatos da mão do pelego", esse pólo recebia ajudas financeiras de entidades de apoios que possibilitaram uma melhor realização do trabalho, uma vez que, em casos de difícil locomoção das lideranças, o projeto do pólo podia cobrir as despesas de viagens, bem como, oferecer ajudas de custos aos mais carentes.

Esta situação ocorreu também nas Pastorais que encontraram um meio de oferecer gratificações fixas às pessoas que ofereciam dedicação quase

exclusiva, à Pastoral. Muitas vezes, o trabalho da pastoral foi combinado ao trabalho sindical o que resultava na quebra das dificuldades mais freqüentes, entre as pessoas responsáveis pela organização sindical. Se no início de 1990 esse quadro foi alterado e a maioria das organizações enfrentaram problemas, que impediram a continuidade de "ajudas" aos líderes sindicais e, por outro lado, a existência oficial de uma Central Sindical deveria ser este o veículo para aquisição de meios para o próprio trabalho sindical. Isso provocou determinadas mudanças características pela própria característica particular dessa central e a carência geral da região.

Poder-se-ia perguntar se esses sindicatos, junto com uma Central sindical, não se apresentam em condições de auto-financiamento e, com as contribuições mensais, solucionarem suas próprias carências ? Os entrevistados ajudam a entender essa situação:

*"Existia uma Renovação Sindical que era um apoio da Diocese que dava condição financeira ao sindicato chamava-se Apoio à Renovação Sindical; e depois que a CUT foi eleita a CUT regional pra cá, aí acabou essa renovação, não veio para o sindicato fica até a CUT regional. Tem também o pólo sindical do Brejo são dez sindicatos unificados, que também tinha um projeto que vinha uma finança para o sindicato isso depois da CUT, se vem ajuda fica tudo lá... ela fica pagando o apoio jurídico e no momento da gente fazer um trabalho, aí chega e diz que não tem condição."*

*(J. Ferreira, atual presidente do STR de Pirpirituba)*

Por um lado, é a CUT Regional que constitui o órgão principal na administração dos recursos para sua própria dinâmica interna e externa. Mas pelo que se apresenta não é a simples existência de uma central que vai definir a qualidade da sua prática. Por outro lado, essa CUT Regional vai se defrontar com um quadro amplo de atividades, que vai lhe exigir uma atuação específica em cada área e, não mais, uma atuação restrita em um ou dois sindicatos.

Há um outro aspecto a ser destacado: os diretores da CUT Regional tentam combinar o trabalho da CUT, enquanto Central, com o trabalho dos sindicatos. Esta combinação nem sempre funciona sistematicamente. Acaba repercutindo na qualidade do trabalho do sindicato e abrindo espaços para compreensões distintas, por parte dos próprios diretores, tanto sobre o sindicato, como sobre a liderança.

No pensamento desse dirigente, o grau de preferência por parte das "bases" mede-se por um critério de proximidade. Diz ele:

*"O grau de preferência por parte de "suas bases" é a seguinte: um bom líder é aquele que o povo acha que está sempre cumprindo com os deveres junto com eles."*

*(Dirigente sindical - Pirpirituba)<sup>106</sup>*

Cumprir com os deveres junto as bases, requer uma atenção particular às necessidades do público vinculado aos sindicatos e, muitas vezes, essa atenção não se realiza por vários motivos, entre estes, o envolvimento com atividades de caráter estadual ou nacional. O pertencimento a esses grupos maiores (Estado ou País), é avaliado por óticas distintas, apresentando uma certa ambigüidade: de um lado, reforçando-se a necessidade de extensão e articulação do trabalho e, por outro, falando-se de certo "abandono das bases." Essa ambigüidade, ou dupla percepção, favorece a existência de um conflito que parece se acentuar pela ausência de uma dinâmica que venha favorecer a

---

106- A afirmação em si é importante. Mas vale ressaltar que nem sempre o "sujeito preferido por suas bases" precisa trabalhar sempre junto às bases. Sylvain Maresca (s/d) já tratou dessa questão quando analisou que a representação supõe diferença e quebra de isolamento.

relação liderança-liderados, que provoca não um descompasso mas um equilíbrio e possibilite, ao mesmo tempo, o surgimento de novas lideranças, num processo de inter-relação contínua.

Verifica-se também que esta situação conflitante estendeu-se das lideranças às assessorias que, ao se deslocarem, deslocaram-se também os recursos econômicos que ela possibilitava.

Na verdade, foi apenas parte desta assessoria que saiu para concentrar energias na própria constituição da CUT, como na criação de outros grupos específicos, conforme ocorreu com a participação na criação da Escola de Formação Quilombo dos Palmares, com sede em Recife.

No entanto, descentralizar a condução do movimento e olhar ao redor o que "sobrou", observa-se que tanto o trabalho sindical, como o de assessoria, não caiu numa crise, mas passou por uma redefinição das relações liderança-liderados, da compreensão da assessoria, como também, queira-se ou não, gerou-se um espaço para redefinir o próprio termo liderança atentando para suas várias dimensões.

## CAPÍTULO V

### NOTAS CONCLUSIVAS

*(...) A troca não é um edifício complexo construído a partir das obrigações de dar, de receber e de retribuir, com o auxílio de um cimento afetivo e místico. É uma síntese imediatamente dada e pelo pensamento simbólico, que, na troca como em toda outra forma de comunicação, supera a contradição que lhe é inerente de perceber as coisas como são os elementos do diálogo, simultaneamente sob a relação de si e de outro e destinadas por natureza a passar de um para o outro.*

*(Mauss, 1974.32)*

Tratar da relação entre lideranças e seus liderados, no movimento dos trabalhadores rurais, nas décadas de 70 e 80, foi uma preocupação que inspirou este trabalho. Os passos, etapas, entre paixões e riscos, desta pesquisa procuram meios de dar conta desta relação.

As preocupações iniciais exigiam análise das situações e diferentes práticas sociais vividas pelos trabalhadores rurais que mantivessem, ou não, vínculos com os denominados movimentos populares. O objetivo principal situou-se em perceber os aspectos explicativos da representação política, procurando observar como surge, se fortalece, se renova ou entra em declínio a legitimidade de um líder. Decidiu-se também considerar a pesquisa pela ótica dos representados, porém percebeu-se que a própria existência do termo liderança não parte do linguajar cotidiano dos representados, exceto no universo dos "representantes de comunidades". Entre estes, o termo corria fluentemente, não lhes parecendo estranho, embora eles próprios encontrassem

uma identificação maior com outras categorias designativas, se auto-identificando como animadores, agentes organizadores, representantes de comunidade, ajudantes, não se identificando diretamente, no sentido da terminologia "liderança", atribuindo a ela mesma um sentido pejorativo.

Seguindo esta mesma linha de raciocínio, percebeu-se que, sob o mesmo alicerce, constrói-se o termo "comunidade". Utilizado com maior freqüência, tornando-se comum entre o cotidiano das pessoas. O termo comunidade é comumente utilizado para demarcar espaços de atuação ou representação, envolvendo diferentes instâncias do movimento popular, e não necessariamente, por constituir uma comunidade no sentido da palavra<sup>107</sup>.

Seguindo esta trilha de reflexão, a pesquisa pode indicar que a existência de "LIDERANÇAS", no sentido sociológico do termo, em situações sociais distintas e específicas, surgem numa determinada conjuntura social, colocando em destaque indivíduos que, desempenham papéis de representação, pois são chamados a falar pelo grupo que os legitima para tal. São, em geral, conjunturas de crise de relações sociais que justificam e dão respaldo aos denominados representantes. Por exemplo, num caso de conflito de terra, seja pelo envolvimento com questões específicos de caráter econômico, político, administrativo num movimento social.

Contudo, observou-se que existem lideranças de instâncias de representação e em níveis variados:

---

107- Em geral, o termo Comunidade pressupõe qualidade ou estado do que é comum; comunhão de uma mesma crença ou ideal, submetida a uma mesma regra, integrado e uniforme. Na antropologia, "num sentido genérico, o termo comunidade é atribuído a um grupo social formado por famílias mutuamente dependentes, cujos membros têm bens e interesses em comum e vivem geralmente juntos". (Cf. Panoff e Perrin. Dicionário de Etnologia).

Um primeiro nível corresponde à atuação do "líder local";

O segundo correspondente ao típico animador de comunidade;

O Terceiro é aquele que é denominado e reconhecido líder com atuação que extrapola o local de origem, atingindo esferas do municipal, estadual e até esferas nacionais;

O quarto nível, mais associado às situações em que entram em cena os grupos sociais, com atuação interna/externa às comunidades. (Igreja, Sindicalismo, Cut).

Não se quer dizer que esta seja a ordem básica em que se situa de fato a representação, nem que seja esta a hierarquia que se segue. A ordem apresentada corresponde e tem um sentido explicativo das diferentes situações que foram vivenciadas com a pesquisa.

Vale lembrar que o fenômeno da representação ocorre, em muitos casos, interferida por um destes segmentos, mas de acordo com as situações sociais tem se verificado que há momentos em que a representação vem acompanhada por mais de um, ou pelo conjunto, dos sujeitos atuando ao mesmo tempo<sup>108</sup>.

O contato e a convivência com os diferentes tipos que explicam as distintas possibilidades de representação e níveis de liderança entre os trabalhadores rurais, permite que seja dado um reconhecimento das próprias especificidades dos movimentos e das lutas sociais que por estes são vivenciados, e do cotidiano onde se destacam as lideranças intermediárias e locais.

---

108- Conforme tem sido nos casos de lutas sociais amplas que exigem um nível amplo de atuação e poder de decisões nos encaminhamentos a serem tomados. Lembrem-se do caso apresentado da Fazenda Vazante.

Juntos ao líder local, observamos que há, por parte dos representados, uma identificação maior, às vezes direta ao que está presente no local de convivência, se destacando num trabalho de organização, devendo dar atenção, demonstrar conhecimento, acolher o que chega, fazendo-se respeitar e respeitando a comunidade a que pertence. Geralmente, esse tipo não dispõe de conhecimentos amplos, sua característica fundamental é o conhecimento relacionado aos trabalhos desenvolvidos em suas comunidades. Podem até se tornar em uma liderança política, mas antes de ser política, destaca-se pelo acúmulo e conhecimento, na área do saber religioso ou do saber prático (médico ou de conhecimento).

Em geral, estas pessoas se destacam na referência local. Seu nível de aceitação, por parte dos representados, varia de acordo com suas formas de inserção no meio social local. A este exige-se bem mais e quando responde a todas as questões, acaba se tornando representante polivalente que, por estar disposto e parecer o indicado, acaba se envolvendo com os distintos aspectos do cotidiano dos grupos.

Num certo sentido, parece tornarem-se indispensáveis às questões que exigem representação informal do grupo a que pertencem. Por outro lado, quando comparados a outros líderes externos, de instâncias de destaque, percebe-se que há, por parte dos representados, uma avaliação e um sentimento que o coloca em um lugar inferior, na hierarquia de preferência. Embora esta condição não se faça em regra fixa, o fato é verificável. Prefere-se "o milagre do Santo que vem de fora".

As funções atribuídas aos representantes locais dependem, em exclusivo, das situações provocadas pela comunidade em que ele reside... chegando



também a realizar tarefas de mediação, literalmente, fazendo a ponte entre a diversidade dos interesses provocados pelo cotidiano do grupo e as possibilidades apresentadas pelos movimentos com quem mantém vínculos.

Mesmo encontrando-se em situações que exigem uma atuação intercalando os espaços locais com os regionais, por exemplo, prevalece entre a categoria explicativa "representante local" pois é o local, a instância que justifica a referência obtida. Essas pessoas, são, em geral, dispostas, não apresentando em si grandes ambições para obterem um reconhecimento de nível estadual, regional ou nacional. Fazem o trabalho por motivação, por pequena remuneração, por simples questões de serviço, ou por amor. Seu capital é o conhecimento do local. Suas origens vêm acompanhadas e sempre relacionadas ao cotidiano, fazendo com que este se torne, inicialmente, a base de sua sustentação.

Esta questão remete a Palmeira (s/d): "Uma educação no bojo de uma luta é um privilégio de toda uma classe ou, pelo menos, de toda uma comunidade", investido em algumas pessoas. Se vai diferenciar é também um elemento essencial na consecução do objetivo posto pela classe, em determinado momento. No caso do líder local é como se o grupo ou a classe não lhes delegasse todo o poder de representação, mas parcial. Já que aqueles que mantêm vínculos de uma representação estadual, regional e nacional, embora tenham tido também uma formação orientada na dinâmica do dia-a-dia, aos poucos é inevitável que, investidos de reconhecimentos, se diferenciem do grupo.

Por outro lado, a regra não é fixa, mas é o cotidiano que proporciona o caminho para que alguém atinja as instâncias de uma representação a nível

estadual e nacional. Não, necessariamente, é um caminho que se segue do local ao estadual, mas tem se verificado, no Brejo, experiências correspondentes.

O outro nível de representação, designado como "animador" de comunidade, refere-se à Igreja Católica. Num certo sentido, o animador de comunidade aproxima-se do tipo caracterizado como "líder local". É a comunidade sua referência, nela, esse sujeito vive experimentos de uma vida que o coloca, diretamente, em identificação entre aquele que forma e é formado.

Como o animador de comunidade representa também a existência de um tipo de Igreja, que se destaca por uma prática específica, ele pode ser orientador para os sacramentos, responsável por trabalhos específicos, orientando projetos, experiência para encaminhar atividades de preparação para celebração religiosa, proferida por um padre. Mas como os animadores surgem dentro de uma conjuntura de Igreja, em sua trajetória, ele pode se aproximar mais do intermediador agente religioso, como um padre, uma freira, ou outros animadores. A identificação passa então, pelo momento de missão especial da Igreja.

No universo dos animadores, no entanto, há níveis de percepções diferentes sobre si, sobre suas tarefas. Como parte do projeto Igreja/Povo de Deus apresentam uma certa rejeição à designação de líder, preferindo outras terminologias para a situação. Daí, a legitimação do termo "animador" que enfatiza a tarefa e não o personagem. Sua área de referência é a comunidade, mas "anunciar a boa nova aos irmãos" leva-os a ter contatos com outras comunidades, buscando troca de experiência e articulação. Às vezes, este

contato é previsto nos próprios calendários das paróquias. Ou seja, estão no local mas fazem parte de um princípio maior.

Deve-se saber que o animador de comunidade, atuante numa conjuntura de "Igreja povo de Deus", suas práticas extrapolam os limites da religiosidade e se constituem, também, em casos de apoios aos movimentos populares. Quando isto ocorre são os próprios animadores que asseguram a ênfase nos aspectos distintos dos tradicionais sentidos dados aos momentos religiosos. Então passam a fazer da romaria, uma caminhada em defesa de uma luta; da procissão um momento de caminhada em que a vida dos santos são colocadas ao lado das suas vidas "fazendo da missa uma celebração, da novena uma reunião, da catequista uma animadora, do sítio uma comunidade". Conforme analisa Novaes (1992:251).

Tal situação favorece que se crie, entre os representados, explicações dessa situação de contaminação entre fé e política, conforme resgata esse informante:

"Eu me refiro às comunidades e mesmo movimento de sindicato que tem sindicato, tem comunidade é religião, em compensação eu calculei tudo sendo uma coisa só. (...) uma irmandade só. É tudo uma coligação só é um benefício de bondade da religião

Comunidade já parte de religião e o sindicato já parte da religião. Tudo é um caminho só, concentrado tudo pra ficar num tiro só pra ninguém bombiar - que nós estamos nesse modelo de vida de morrer pelos pequenos".

No Brejo, as comunidades sustentam-se e dão sentido aos seus atributos pelo lugar que ocupam, sendo conhecidas como espaços para caminhadas, celebrações, mutirões, visitas aos doentes, lutas sindical, saúde popular e participação nas missões.

As evidências indicam que sempre houve uma relação contínua da FÉ com a VIDA, no cotidiano dos grupos. Hoje, para uma parcela, essa relação faz-se em termos de "caminhada", à qual aderem trabalhadores como lideranças religiosas. Uma religiosa, que residiu dez anos no município de Tacima, falou assim: "Aproveitamos os espaços sociais para através da Bíblia começar a luta na Fazenda Vazante. Começamos com um curso de Bíblia em 83".

Diz irmã Socorro que:

*"Muitas vezes, reúnem todos os movimentos religiosos para uma mesma oração".*

*"Quando a gente morava lá em Tacima os carismáticos iam pra luta com a gente, na chapa dois que era de Bebê, eles passaram o dia na Capela rezando pra Bebê ganhar a eleição". A Igreja é uma só por que medir forças?"*

*(Irmã Socorro).*

No universo dos representados, a existência das pessoas que estão em lugares diferentes na hierarquia da representação, corresponde a imagens e exigências diferenciadas, tanto no caso das lideranças locais, dos animadores, quanto aqueles que extrapolam os limites do local. O reconhecimento vem associado ao tipo que "ajuda", que "está buscando melhora", "um benefício", enfim, fazendo algo pela comunidade ou categoria. Não excluído em nenhum dos seus, a existência de juizes referentes às suas práticas e às formas de relação destes com os representados.

No caso das lideranças que não participam do dia-a-dia dos que representa, traz ao cenário a possibilidade de alguém vir a ser uma excelente referência, de projeção nacional, mas não obter o devido apoio local, por não se fazer um reconhecido pelo seu grupo de origem. Sociologicamente falando, o reconhecimento agora passa mais pelos pares do que pela "base" que, a princípio, o legitimou. Os pares estão mais na instância superior do movimento

sindical, mas é importante dizer que, nestes casos, a atuação das instituições de apoio pode ser acionada e contribuir para alimentar a referida legitimidade necessária.

Cabe, a esse tipo de líder, a representação por questões amplas do movimento a que pertence. Necessariamente, encontra-se em situações que o coloca em posições que lhe exigem um nível maior de conhecimento dos movimentos, das diferentes conjunturas e problemáticas, daí a importância das instituições e assessorias para "capacitar" lideranças. Defrontando-se com um mundo em que as relações sociais são complexas, cobra-se também desse sujeito certas posições: ele deve saber com quem pode e não pode aliar-se, em defesa dos interesses do coletivo. Neste jogo, em que as portas da sociedade parecem abertas, é possível que alguns desses sujeitos acabem entrando noutros barcos. Ou seja, mesmo que, a princípio, possam ser bem intencionados, estão também sujeitos à cooptação das políticas tradicionais.

As instâncias de representação - que são legitimadas oficialmente para responderem pelos trabalhadores: Sindicatos Rurais, Centrais Sindicais, e demais órgãos competentes - submetem-se a ser dirigidas por uma liderança que, por direito, deve representar interesses da categoria dos trabalhadores. Esta representação é, legalmente, estabelecida por leis gerais e por um regularmento interno. O que vai diferenciar é a capacidade particular que cada sujeito apresenta, no cumprimento de uma representação que é por si, oficializada. Aqui, o líder chamado dirigente sindical, pode manter-se de acordo com os interesses específicos dos trabalhadores pertencentes à sua base

sindical<sup>109</sup> e estar numa linha "combativa" ou enveredar pelos rumos de um sindicalismo caracterizado, socialmente, como "pelego". Ou seja, o exposto tipo de liderança tradicional, que para se manter no poder acaba por lançar mão de todas as práticas que são, em si, atribuídas ao sindicalismo tradicional, em que pese e tem um lugar determinante, as práticas do tipo assistencialistas, de favores, entre outras.

Em particular, o Brejo oscila entre a continuidade de um sindicalismo "renovado" que permanece na base de uma prática "combativa" e os riscos de uma estagnação ou deparando-se com situações em que o renovado, ao perpetuar-se no poder, torna-se "situação". Deparando-se com um quadro social geral "de crise", em que o processo de formação de lideranças pode ser interrompido em que se percebe uma espécie de descrença, por parte dos representados que passam buscar outras oportunidades associativas exteriores ao sindicato, que são, em alguns casos, propostas pelo próprio Estado ou Município.

Outrossim, vale lembrar que mesmo entre limites e possibilidades, o sindicalismo rural, ainda sob rótulo de organismo "combativo", vai se mantendo, e, de certa forma, continuando a referência para os trabalhadores a ele associados.

É bom lembrar que este sindicalismo, do Brejo da Paraíba, viveu situações críticas que resultaram numa certa debilidade do trabalho sindical, em

---

**109-** No Brejo, por opção própria do Movimento Sindical, prevalece a organização do Sindicato em "base municipal", conforme a proposta anterior do Ministério do Trabalho. Mas, com autonomia sindical, cabe aos sindicatos escolherem a medida mais viável como também elaborarem seus próprios estatutos.

função do deslocamento das lideranças "modelos" para outras instâncias, inclusive CUT - nacional, num momento em que outras lideranças não tinham a mesma autoconfiança e reconhecimento.

As lideranças consideradas "modelos" na década de 80, em grande parte passaram a assumir tarefas de destaque nacional, provocando por um lado, a extensão do reconhecimento das lutas dos trabalhadores rurais, mas, por outro, não escaparam da influência externa, envolvendo-se cada vez mais, com tarefas de destaque no movimento, distanciando-se do dia-a-dia dos grupos, criando espaços para diferentes interpretações<sup>110</sup>. Syvain Maresca, (S/D); tratando das representações camponesa assinala bem:

*"(...) les dirigeants agricoles sont conduits par disposition et par contrainte à délaisser leur mode de vie paysan, à n'être plus que des agriculteurs à temps partiel, mis en disponibilité pour la représentation des autres paysans; en montant dans la hiérarchie des responsabilités, ces représentants professionnels tendent à devenir des professionnels de la représentation, se distinguant de plus en plus de ceux qu'ils représentent.*

*Mais contrairement aux permanentes des syndicats ouvriers qui, souvent, ont complètement cessé d'exercer leur métier, les dirigeants paysans demeurent toujours formellement des agriculteurs vivant officiellement du revenu de leur exploitation agricole".*

As Instâncias de apoios e Serviços de assessorias, ligados ou não à Igreja Católica, operam por caminhos da mediação. Conseguem intervir nas comunidades por vias de apoios específicos, materializados em projetos, atividades sistemáticas, ou mesmo, pela execução de tarefas corriqueiras pertencentes ao cotidiano dos grupos.

Pertence aos agentes externos o poder e a estes, se concede o acesso de

---

110- Ilustra essa análise a referência ao ex-presidente do sindicato de Pirpirituba (José Raimundo de Andrade) que, atualmente, ocupa cargo de destaque na CONTAG, mantendo residência em Brasília, sede da referida organização

intervir no cotidiano dos grupos, constituindo-se também, em instâncias de legitimação das próprias lideranças<sup>111</sup>.

Viveu-se, no início da década, situações que, em muitos casos, dificultavam o reconhecimento das especificidades existentes entre os dois segmentos<sup>112</sup>. A forma de inserção, justificava-se por diferentes momentos vividos na história de luta dos trabalhadores e no processo de percepção de trabalho da própria assessoria. Por um lado, o fato de se priorizar uma imagem em que o profissional, apesar de ter tarefa específica, tinha que recuar, para que os trabalhadores aparecessem. Não se percebia que tal prática, demonstrando uma metodologia específica, correria risco de cair num certo "basismo", embora não fosse esta a intenção.

Vivia-se o momento e, a partir destes, se redefinia a ação. Pensar sobre as especificidades dos agentes não era a prioridade principal. O importante era, primeiro lugar, fortalecer o movimento. A inserção explicaria também que não cabe ao mediador possuir a resposta para todas as questões, e as buscas para uma certa situação teriam que ser tratadas de igual para igual, fugindo de modelos tradicionais que justificariam a prática do agente externo, como "vanguarda da luta".

---

111- O fator de legitimação vai neste sentido, ultrapassando o carisma pessoal a que se refere Weber (1986:37), é ultrapassando também uma realização a partir de características singulares de certos indivíduos conforme Tratou Bourdieu (1987:74), passando a atingir características e carisma só de uma pessoa, mas de um grupo, embora não se tratando de uma representação coletiva.

112- Foi em 1985 quando aconteceu a 1ª greve de canavieiros que entidades de apoios e assessorias e Direção, incluindo a FETAG E A CONTAS, Igrejas e ONG's, juntos, executaram as mesmas tarefas, unindo-se aos trabalhadores, participando das reuniões de base ao "piquete".



O fato é que entre uma situação ou outra, os agentes externos foram se tornando referência, uma referência que o nível de procura foi sendo definido de acordo com o próprio crescimento do movimento.

Atualmente, momento em que a conjuntura sócio-política não corresponde às melhores, o palco parece comum. Atores e público convivem, percebem suas diferenças, discutem em conjunto, quando necessário, defrontando-se com uma realidade que exige uma redifinição das diferentes formas de atuação, princípios, relação, etc.

Para finalizar, pode-se concluir que não há um caminho único para formação de uma liderança. Não há um modelo de trajetória que se siga constituindo-se em referência. No entanto, há evidências de que foi através da intervenção da Igreja e da sua forma particular de se fazer Igreja, que a Diocese de Guarabira, ou melhor, a Igreja Popular do Brejo, proporcionou uma série de portas e janelas, apoiando e provocando experiências, que se destacaram e se tornaram "espelhos" para que outras surgissem, constituindo, entre outras, uma camada de pessoas que sob diferentes denominações "pegaram suas cruzes e seguiram...", renunciando a si mesmos e, muitas vezes, renunciando suas próprias identidades, os animadores, os líderes, mestres ou simples trabalhadores, hoje se destacam em atividades específicas na sociedade. Mesmo nos casos em que o sindicato foi dirigido por um trabalhador oriundo de outro meio, e não de um trabalho particular da Diocese, a composição do corpo coletivo de diretoria fez-se com a participação de outros trabalhadores, incluindo alguns diretamente ligados à Pastoral Rural.

Observou-se que IGREJA, SINDICATO, PARTIDO POLÍTICO não repre-

sentam o mesmo tripé<sup>113</sup> que representou, nos fins de 70 início de 80, são a estas instâncias que, em momentos diferentes, os trabalhadores recorrem.

Esses diferentes segmentos vivem momentos em que a própria conjuntura exige reelaboração de suas práticas, de modo que o sindicato constitui uma instância de referência, contrata suas assessorias, mas como, não é ainda uma regra comum. Uma maioria oscila entre a vivência de um no jeito de trabalho e as vantagens que o passado poderia oferecer.

Os agentes mediadores avaliam e percebem que o número de interlocutores foi ampliado. Reconhecendo-se, atualmente, instâncias que extrapolam os limites do sindicato, do partido e da Igreja, reobservando as possibilidades de estabelecer um diálogo com a sociedade civil, com o Estado, sem necessariamente, exigir que tal diálogo aconteça intermediado pela ação do Bispo, e se colocam diante das organizações populares com suas identidades próprias, ou em caminho de construção destas.

Avaliam suas práticas e o trabalho de formação que foi feito. Não se desconsideram os investimentos dados na formação das lideranças, por exemplo, mas avalia-se que, mesmo sendo uma prioridade para algumas entidades, se necessita rever os aspectos da formação. O dia-a-dia dos grupos e das pessoas requer outra atenção.

As entidades de assessoria reconhecem que ocorreu, de certa forma no Brejo, uma formação personalizada, se investiu em dirigentes sindicais que acabou resultando num estrelismo, esquecendo-se o conjunto da constelação.

---

113- Cf. Depoimento citado no capítulo III deste trabalho.

Há, por outro lado, uma ambigüidade, quando se refere ao papel da CUT como entidade responsável para repensar o trabalho de formação dos trabalhadores rurais. Trata-se de uma entidade que é reconhecida internacionalmente mas em particular no Brejo, esta não dispõe de condições para contratar suas próprias assessorias, e, uma vez que se rediscute uma nova metodologia para se pensar a formação, não seria mais proveitoso se reunirem os vários organismos que possuem experiências neste campo ?

Avaliam as entidades que é mais do que urgente repensar a questão da relação lideranças-liderados. O que ocorre, na prática, é que as lideranças "quatro estrelas" do movimento se encontra num barco que a tendência é se distanciarem da base, não só geograficamente, mas principalmente, por possuírem uma linguagem atípica.

Em geral, sentimos que a maioria dos informantes reforçou a necessidade de referências para o movimento; definem sempre o líder como o indivíduo que vai proporcionar o relacionamento com o poder público. Mas não esquecem de explicitar suas insatisfações. Uma mais freqüente é que a liderança perde o vínculo com a produção e isto repercute, na própria relação cotidiana. E, mesmo se acontecer de um líder perder um cargo de destaque no movimento, ele não volta mais à produção. Entretanto, a questão que se coloca não é a defesa pela "volta às origens", a grande questão é como articular, constantemente, a prática da liderança e sua relação com os demais trabalhadores e, sobretudo, sua função. O esforço para que outros cresçam ou para que se obtenha uma formação menos hierarquizada.

A própria Diocese abre-se ao dever de rever sua prática, no sentido de repensar o discurso utilizado junto aos movimentos e às próprias pastorais e CEBs.

Em geral, essa suposta mudança não aparece explícita em um pronunciamento oficial do Arcebispo, mas na prática, percebe-se que há uma insistência mais contundente dos aspectos ligados aos rituais, resgatando valores de religiosidade, investindo-se na espiritualidade, embora que, na conjuntura anterior, não tenham sido descartados, mas adquirem um lugar privilegiado.

A título de exemplo, cita-se a caminhada feita com a Virgem da Luz, no ano Mariano, a própria prática da Romaria da Terra, etc. Não se pode esquecer que o Movimento Carismático não aparece como apêndice da "Igreja Povo", mas divide espaços comuns. E, ao mesmo tempo, isto não implica em retirar das orientações gerais da Diocese, a Evangelização na Base, e as prioridades das CEBs.

As Irmãs da Congregação dos Pobres de Santa Catarina, que pertenceram ao Colégio desativado em 1978, em função das "moradas nas casas de comunidade", propõem a criação de uma Irmandade denominada "Sociedade Apostólica de Nossa Senhora dos Pobres". Tal Irmandade, pretende ser uma espécie de referência, um apoio, senão esperar tudo da Diocese, ou da vontade do bispo.

Chama-se a atenção dos leitores para não tomarem essas questões relativas aos aspectos particulares de Diocese como acontecimento desmembrados de um contexto global que compreende a situação vigente de

Igreja no Brasil. Acredita-se que tais posturas devem ser analisadas dentro do processo histórico que contextualiza a própria prática cristã.

Retomando a questão da relação lideranças-liderados, quer-se lembrar que se trata de uma relação que não se faz por si, enquanto categoria acabada, mas é, sobretudo, uma relação que vai se fazendo num processo social envolvendo dois lados nesse processo: os trabalhadores que legitimam e alguém que é legitimado.

É importante destacar que, uma vez que essa relação ocorre em forma de processo social, envolvendo segmentos distintos, provoca também um duplo sentido do seu significado: por um lado, responde às necessidade de luta, seja da comunidade, do movimento, por outro, ela cria determinados desafios: como por exemplo, o deslocamento do local ao nacional e o suposto esvaziamento da representação local. Os atores, que são partes desse processo: Igreja, ONGs, são levados a repensarem suas práticas. A Igreja rever prioridades; as ONGs lutam pelo reencontro de suas próprias identidades. Enfim, esta situação vai, em geral, repercutindo noutras conseqüências para o movimento dos trabalhadores e, em particular, no aspecto da renovação de lideranças que, apesar de se viver momentos de contradições entre os diferentes atores sociais e nas suas relações com os trabalhadores e desses entre si, e com suas lideranças, essas contradições geram um novo entendimento dessas relações. Há uma expressão que foi pronunciada no decorrer da pesquisa e parece resumir bem a situação: "UMA MÃO LAVA A OUTRA".

Tomando a expressão em si, ela pode dar o sentido de um "toma-lá-dá-cá". Uma relação óbvia de defesa explícita, claro!. No entanto, para além do "toma-lá-dá-cá", a expressão representa a reciprocidade que se pode estender

à relação liderança-liderados. Uma relação em que a existência de um, o líder, pressupõe a legitimação do outro, o liderado.

O processo de legitimação também não ocorre sozinho, por si. Ele vem acompanhado, muitas vezes, de relações pré-existentes: relações de compadrios, de vizinhança, pelo prestígio social que, muitas vezes, a pessoa que se destaca possui, seja na comunidade, ou mesmo na sociedade, em um sentido amplo, por relações, muitas vezes, de uma trajetória particular, etc. É um conjunto de significados simbólicos que atuam na legitimação de uma liderança, pelo que ela representa, pelo que os outros acreditam ou esperam dela. Situações que, mesmo quando o sujeito se ausenta do grupo de origem, as relações marcam as distinções, reconhecendo que o sujeito é bom para o trabalho de fora, e que os que legitimam são bons para o trabalho de dentro. No momento em que falha este reconhecimento, a representação do indivíduo que está fora oscila, entra em risco. Se este desejar manter-se no cargo ocupado, necessariamente, o processo impõe-lhe a entrada noutra circuito da relação, buscando nova legitimação.

Nestes termos analisados, faz sentido recorrer a Mauss (1974:32): "O DAR, RECEBER, e RETRIBUIR". O dar, receber e retribuir na relação lideranças-liderados representa a reciprocidade que não é direta, mas construída pela mediação, representando uma síntese de múltiplas significações em que um se reconhece, reconhecendo o outro, um existe mediante a existência do outro, mesmo sabendo que são diferentes. E mesmo sendo diferentes, complementam-se, o que se pode dizer: "UMA MÃO LAVA A OUTRA".

**BIBLIOGRAFIA**

- AZEVEDO, Fernando Antônio. **As Ligas Camponesas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- ARNS, Dom Paulo Evaristo. **Prefácio. Um Relato para a História. In Brasil Nunca Mais**. 16ª Edição. Petrópolis, Vozes, 1986.
- BERTOLAZZI, Analisa. **Novo Sindicalismo no Campo Paraibano: Continuidades Mudanças. Dissertação de Mestrado**. Campina Grande, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **L'illusion Biographique. In Muel-Dreyfus, Le Metier d'educateur**, Paris, Editions Minuit, 1993.
- ----- **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, Ed. Perspectivas S.A., 1987.
- BOFF, Leonardo. **Igreja Carisma e Poder**. 3ª Edição, Petrópolis, Vozes, 1982.
- BASTOS, Elide. **As Ligas Camponesas**. Petrópolis - RJ, Ed. Vozes, 1984.
- CASTORIADIS, Cornélius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. 2ª Edição, São Paulo, Paz e Terra, 1986.

- **CARDOSO, Maria da Conceição Mariano. Trajetórias de Lideranças de Trabalhadores Rurais. Monografia, Mimeo., Campina Grande, 1986.**
  
- ----- **A Liderança no Imaginário Camponês. Mimeo, Campina Grande, 1989.**
  
- **COSTA, Beatriz. A Força do Cotidiano. In Cadernos do Ceas, Nº 136, Novembro/Dezembro. Salvador - BA, 1991.**
  
- **CARDOSO, Ruth. Aventura de Antropólogos em Campo ou como Escapar das Armadilhas do Método. In Aventura Antropológica. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.**
  
- **CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES (DNT). Revista. Mulheres Trabalhadoras Rurais. Participação e Luta Sindical. Construindo a Unidade na Diversidade. São Paulo, maio de 1991.**
  
- **CUNHA, Manuela Carneiro. Antropologia do Brasil. Mito e Etnicidade. São Paulo, Brasiliense/Edusp, 1986.**
  
- **COMISSÃO PASTORAL DA TERRA (CPT). Arquivos. Conflitos de Terra no Brejo Paraibano. Guarabira, Paraíba.**



- DURHAN, Eunice. **A Pesquisa Antropológica com Populações Urbanas: Problemas e Perspectivas.** In **Aventura Antropológica.** Ruth Cardoso (org.). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
  
- DURKHEIM, Emile. **As Regras do Método Sociológico.** 13ª Edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1987.
  
- DA MATTA, Roberto. **O Ofício do Etnólogo ou como ter Antropological Blues,** In Edison Nunes (org.). **A Aventura Sociológica.** Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
  
- ENCICLOPÉDIA DO MUNICÍPIO. **Sua Terra e sua Gente.** Biblioteca Municipal, Pilões, s/d.
  
- FASE. **Revista Proposta. Experiência em Educação Popular. Formação Sindical em Debate.** Nº 30. Rio de Janeiro, julho de 1986.
  
- GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura.** In **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1989. pp 13-21.
  
- GARCIA, Afrânio Raul. **O Sul: Caminho do Roçado. Estratégias de Reprodução Camponesa e Transformação Social.** São Paulo, CNPq, MCT, Editora Marco Zero, 1980.

- GEBARA, Ivone. **Recomeçar Tudo de Novo. In Sem Fronteiras. Setembro, 1992.**
  
- IBASE, PNUD. **O Desenvolvimento Cooperação Internacional e as ONGs. Rio de Janeiro, 1992.**
  
- FUNDAÇÃO INTERAMERICANA. **Revista. Desenvolvimento de Base. Vol. 15., Nº 1, 1991.**
  
- LOPES, José Sérgio Leite. **A Tecelagem dos Conflitos de Classe na Cidade dos Chaminês. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, UF., 1986.**
  
- ----- **O Tradicionalismo Camponês. Segundo a Antropologia da Tradição. Mimeo., 1987.**
  
- LANDIM, Leilah. **Sem Fins Lucrativos. As Organizações não Governamentais no Brasil. ISER, Rio de Janeiro, 1988.**
  
- LOBO, Elizabeth. **O Trabalho como Linguagem: O Gênero no Trabalho. Apresentação no XVI Encontro Anual da Anpocs. Outubro, 1990. LEAL, Victor Nunes. Prefácio de Barbosa Lima Sobrinho. Coronelismo, Enxada e Voto. São Paulo, Edotpra Alfa/Omega, 1978.**

- MARESCA, Syvain. **La Representation de La Paysannerie. Remarques  
Ethnographiques Sur Le Travail de Representaiton des Dirigents  
Agrícoles. s/d.**
  
- MACEDO, Carmem Cinira. **Todo Dia é Dia. In Pierre Sanchis. (org.) Grupo  
de Estudos do Catolicismo do ISER. São Paulo, Edições Loyola, 1992.**
  
- MENEZES, Marilda. **Da Paraíba pra São Paulo e de São Paulo pra Paraíba  
(migração, família e reprodução da força de trabalho). Dissertação de  
Mestrado. Campina Grande, Mimeo., março de 1985.**
  
- MUSUMECI, Leonarda. **O Mito da Terra Liberta. São Paulo. ANPOCS,  
Vértice, 1988.**
  
- NOVAES, Regina Célia Reys. **De Corpo e Alma. Catolicismo, Classes So-  
ciais e Conflitos no Campo. Tese de Doutorado. São Paulo, 1987.**
  
- ----- **A Questão Agrária e o Papel da Igreja na Paraíba. In Igreja e  
Questão Agrária. Organização e Introdução de Vanilda Paiva. Se-  
minários Especiais. Centro João XXIII. São Paulo, Edições Loyola, 1985.**
  
- ----- **Uma Greve Sacramental: A Catolicidade no Fio da Navalha. In  
Pierre Sanchis (org.). Grupo de Estudos do Catolicismo do ISER.  
São Paulo, Edições Loyola, 1992.**

- ----- **Os Escolhidos de Deus. Pentecostais Trabalhadores & Cidadania. Cadernos do ISER. Nº 19. São Paulo, Editora Marco Zero, 1985.**
  
- **NOVAES, José Roberto. Texto. Margarida Maria Alves: uma Líder Sindical. Mimeo. 1983.**
  
- **PALMEIRA, Moacir. A Diversidade da Luta no Campo: Luta Camponesa e Diferenciação do Campesinato. In Igreja e Questão Agrária. Organização e Introdução de Vanilda Paiva. Seminários Especiais. Centro João XXIII, São Paulo, 1985.**
  
- ----- **Casa e Trabalho: Notas Sobre as Relações Sociais na Plantation Tradicional. In Contraponto. Centro de Estudos Noel Nutels, Nº 2, Rio de Janeiro, 1976. pp 103-114.**
  
- **PONTUAL, Pedro. Educação Popular na Formação de Lideranças. Cepis, São Paulo, Mimeo., 1985.**
  
- **PAIVA, Vanilda. A Igreja Moderna no Brasil. In Igreja e Questão Agrária. São Paulo, Edições Loyola, 1985. pp 52.**
  
- **QUEIROZ, Maria Isaura Parreira. Relatos Oraís: do Indizível ao Dizível. In Experimento com Histórias de Vida. São Paulo, Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, 1988.**

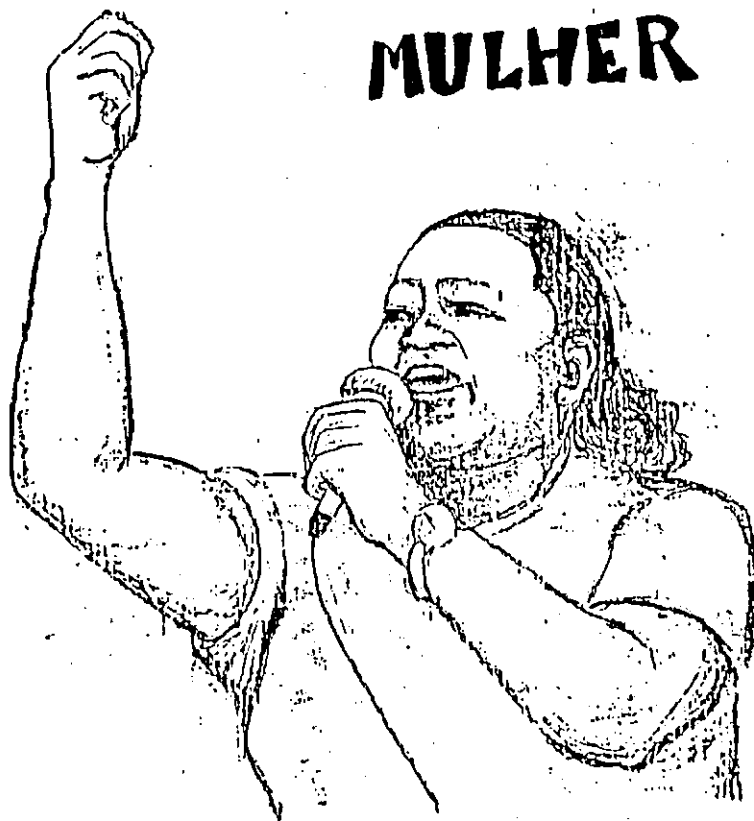
- **REVISTA. História Campesina. Unión de Egidos General Lázaro Cárdenas. Ahuacathān-Nayarit.**
  
- **SILVA, José Barbosa. Assessoria e Movimento Popular. Um Estudo do Serviço de Educação Popular (SEDUP). Dissertação de Mestrado. João Pessoa, Mimeo, 1992.**
  
- **SIDERSK, Pablo. Mercado e Reprodução da Unidade Camponesa. Estudo de Caso Sobre Pequenos Produtores de Abacaxi da Paraíba. Dissertação de Mestrado, Campina Grande, março de 1987.**
  
- **SOUSA, Aécio Candido. Para Além do Acesso à Terra. Representações Sociais, Condição Camponesa e Ação Política dos Colonos da Serra do Mel. Dissertação de Mestrado. Rio Grande do Norte, Mimeo, 1991.**
  
- **SERRA, Selma Custódia. Durkheim e o Estudo da Representação Social. s/d.**
  
- **SEDUP: Serviço de Educação Popular. Relatório de Pesquisa. Condições de Vida e de Trabalho dos Assalariados da Cana-de-Açúcar do Brejo Paraibano. Guarabira, Mimeo, 1987.**
  
- **-----. Documentos sobre a Situação dos Trabalhadores Rurais Locais, enviado ao INCRA. 1985.**

- SIGAUD, Lygia. **A Idealização do Passado numa 'A rea de Plantation. In Contraponto. Centro de Estudos Noel Nutels. Nº 2. Rio de Janeiro, 1976. pp 115-126.**
  
- TOSI, Giuseppe. **Terra e Salário para quem Trabalha. Um Estudo sobre os Conflitos Sociais no Brejo Paraibano. Dissertação de Mestrado. Campina Grande, 1988.**
  
- TRAVESSIA. **Revista do Migrante. Trabalho. Ano III. Nº 8, São Paulo, setembro de 1990.**
  
- THIOLENT, Michael. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária. Teoria e História. São Paulo, Polis, 1985.**
  
- WEBER, Max. **Os Tipos de Dominação. In Economia e Sociedade. Volume I. Brasília, Ed. UNB, 1991. pp 139-198.**
  
- ----- **Coleção Grandes Cientistas Sociais. Nº 13. Organizador: Gabriel Cohn, Coordenador: Florestan Fernandes. São Paulo, Ed. Ática, 1986.**

8 DE MARÇO - 87

DIA DA

MULHER



"Da luta eu  
não fujo!"  
Margarida Maria Alves.



ALAGOA GRANDE: Concentração e Missa de sétimo dia de Margarida Maria Alves (Presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de A. Grande), assassinada a mando dos usineiros do açúcar, em 12 de agosto de 1983.





**CONVENÇÕES**

	CIDADE
	ENGENHO
	SÍTIO
	RODOVIA PERMANENTE
	RODOVIA TEMPORÁRIA
	CAMINHO
	RIO
	CÓRREGO
	SETRA
	TRILHA INTERMUNICIPAL

MINISTÉRIO DA SAÚDE  
 SUPERINTENDÊNCIA DE CAMPANIAS DE SAÚDE PÚBLICA  
 DIREÇÃO REGIONAL DA PARAIBA

**MUNICÍPIO DE PILOES**  
 ESTADO DA PARAIBA

ESCALA 1:100.000  
 DATA: 02.03.1978

DESENHISTA: *Cláudio Cavalcanti*



CONVENÇÕES	
	CIDADE
	VILA
	POVOADO
	FAZENDA
	ENGENHO
	SÍTIO
	RODOVIA PERMANENTE
	RODOVIA TEMPORÁRIA
	CAMINHO
	ESTRADA DE FERRO
	RIO PERMANENTE
	CÓRREGO
	AÇUDE
	LAGOA
	LIMITE INTERMUNICIPAL

MINISTÉRIO DA SAÚDE	
SUPERINTENDÊNCIA DE CAMPAÑHAS DE SAÚDE PÚBLICA	
DIRETORIA REGIONAL DA PARAÍSA	
ESCALA 1:100.000	MUNICÍPIO DE PIRAÍ
DATA 31-12-1978	
DESENHISTA:	



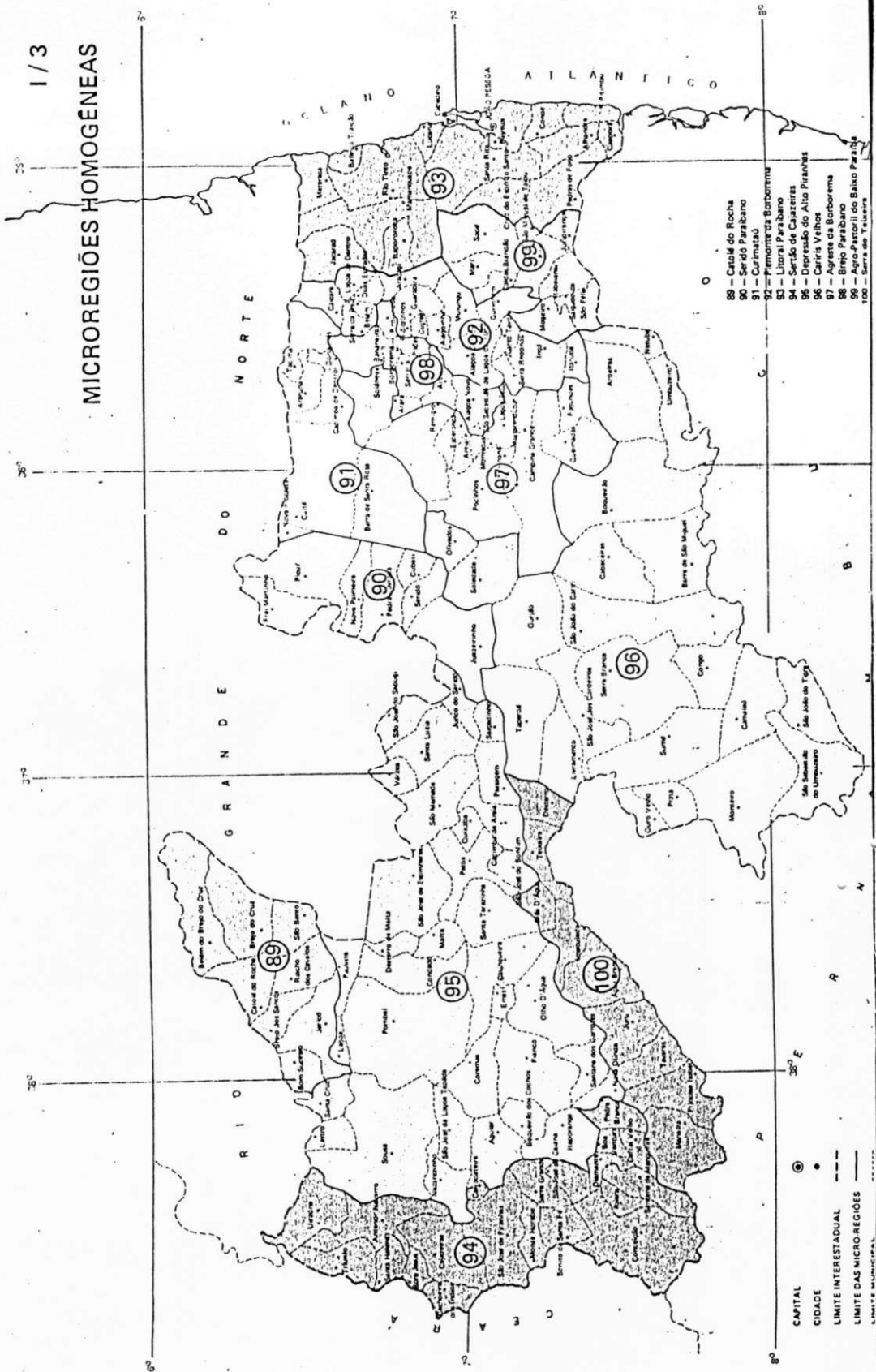
CONVENÇÕES

Linha	—
Prova	—
Flecha	—
Q.º	—
Edifício	—
Padaria	—
Seminar	—
Rua	—
Córego	—
Posto	—
Luz	—
Árvore	—
Linha	—
Linha	—

M.S.	MAPA DO MUNICÍPIO DE TACIMA
SUCAM	PÚBLICA
DIRETORIA REGIONAL DA PARAÍBA	ESCALA 1:500.000 DATA 17.01.51

1 / 3

MICROREGIÕES HOMOGÊNEAS



CONFLITO DE TERRA NO CURIMATAU

Agricultores  
ameaçados  
de expulsão



Os agricultores acusam donos da fazenda "Vazante", em Tacima

Uma comissão de agricultores representando 38 arrendatários-moradores da localidade "Braga de Cima" que têm seus roçados na Fazenda Vazante, município de Tacima, compareceram à sede da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado da Paraíba - Fetag, para denunciar que o novo proprietário das terras, Humberto Soares de Oliveira deu um prazo para que todos abandonem a área que plantam há décadas, "até quarta-feira da próxima semana, oportunidade em que serão soltas 400 cabeças de gado, onde existe, atualmente, milho, feijão e mandioca".

Os agricultores disseram que "vimos até a capital pedir providências às autoridades competentes - Governador, Inbra, Fundap, porque a gente quer permanecer na terra onde estamos há muito tempo plantando para sustentar as

nossas famílias, porque o proprietário, Humberto Soares de Oliveira, que comprou a propriedade há dois meses, colocou o gado dentro e proibiu de plantar qualquer coisa, onde, há muito tempo, nós plantamos para conseguir o sustento de nossas famílias".

LATIFÚNDIO

A advogada Sany Japiassu, assessora jurídica da Fetag, que está dando

assistência aos camponeses, e que falou na ocasião, destacou que "a propriedade que eles estão querendo tomar dos agricultores tem 600 hectares de terra. Este ano, os arrendatários já pagaram, adiantado, o foro da terra, ao antigo proprietário. A notícia que temos é que o grupo Soares de Oliveira, atuante na pecuária e indústria, possui 50% das terras dos municípios de Tacima e Belém, se estendendo ao Estado do Rio Grande do Norte. Toda essa terra eles usam para enfiar as suas milhares de cabeças de gado, em detrimento de milhares de pais de família", aduziu.

Sobre as terras que o grupo possui, disse que "eles estão querendo botar porteiras nas entradas dos municípios de Caicara, Belém e Tacima, até chegar em Nova Cruz no Rio Grande do Norte, para, em toda esta extensão, num gigantesco latifúndio, plantar sisal para as suas indústrias e pasto para o gado".

A advogada disse que o conflito foi denunciado pela primeira vez junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Inbra e Fundação de Desenvolvimento Agropecuário do Estado da Paraíba - Fundap e que, "até o momento, estamos esperando resposta a esse respeito".

RESUMOR RESINAS SINTÉTICAS DO NORDESTE S/A

C.G.C.M.F. nº 09.119.447/0001-59



ATA DA VIGÉSIMA OITAVA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO REALIZADA EM 01 DE MARÇO DE 1985.

DATA: 01 de março de 1985      HORÁRIO: 10:00 horas  
LOCAL: Sede social no Km 1,3 da BR 101 - Distrito Industrial - João Pessoa - Paraíba  
PARTICIPANTES: Número Legal de Conselheiros  
MESA: Presidente - Sérgio Muniz Wright  
Secretário - Vladimir dos Santos  
DELIBERAÇÕES: Por unanimidade de votos, os membros do Conselho de Administração...

# VAZANTE

21.03.87

## Posseiros denunciam destruição de lavouras por proprietários

o Vazante 21.03.87

Os posseiros da Fazenda Vazante, município de Tacima, que formam 65 famílias, denunciaram, ontem, a invasão de suas terras e destruição de lavouras pelo proprietário, Humberto Soares de Oliveira, seus administradores e mais uma guarnição policial de homens.

O proprietário conduzia uma notificação de despejo concedida pelo juiz da Comarca de Araruna, mas esta não especificava con-

tra quem deveria se processar o despejo, segundo os moradores.

Diante do clima de tensão na Fazenda, os posseiros, através de nota distribuída à imprensa, apelam ao governador Tarcísio Burty, para que intervenha junto ao governo Federal, no sentido de agilizar a desapropriação das terras na Vazante.

Segundo a mesma nota, o processo de desapropriação das terras da Vazante, cerca de 150 hec-

tares, já foi analisado pela Comissão Agrária da Paraíba e encaminhado pela Diretoria Regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-Incra ao Ministério da Reforma e Desenvolvimento Agrário, em Brasília, onde se encontra tramitando.

Na mesma nota, os posseiros dizem estranhar a ordem de despejo que os considera como invasores e explicam: "Em acordo fir-

mao em maio de 1985, na sede da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado - Fetag, os proprietários reconheciam-nos como posseiros, inclusive assegurando o nosso trabalho nas terras".

Além da intervenção do Governo do Estado, os posseiros exigem uma posição firme do Incra no sentido de pressionar o Governo Federal para a urgente desapropriação da fazenda.

21-3-87

# TACÍMA

# Fetag denuncia que agricultores sofrem ameaça de morte em Tacima

O NORTE (07.04.87)

O presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Fetag/Pb, Alvaro Diniz, disse que uma comissão de agricultores da fazenda Varzante, no município de Tacima, procurou a Federação para denunciar que o administrador daquela propriedade aponta nominalmente os rendeiros lá residentes a três elementos estranhos, armados de revólveres e espingarda de calibre 12.

"Nesta fazenda residem há bastante tempo cerca de 40 famílias, onde possuem lavouras de subsistência e se, a qual-

quer momento, algo de violento acontecerá estes trabalhadores já se sabe de antemão quem andou procurando intimidar as famílias em seu ambiente de trabalho", disse. Informou que, desde o ano passado, a Federação encaminhou ao Incri o pedido de desapropriação da fazenda Varzante, que possui cerca de 533 hectares, e que este pedido já foi aprovado pela Comissão Agrária.

"Segundo informação da direção do Incri local, desde dezembro passado que este processo se encontra na Presidência

da República, mas até agora nenhuma providência foi tomada", disse Diniz.

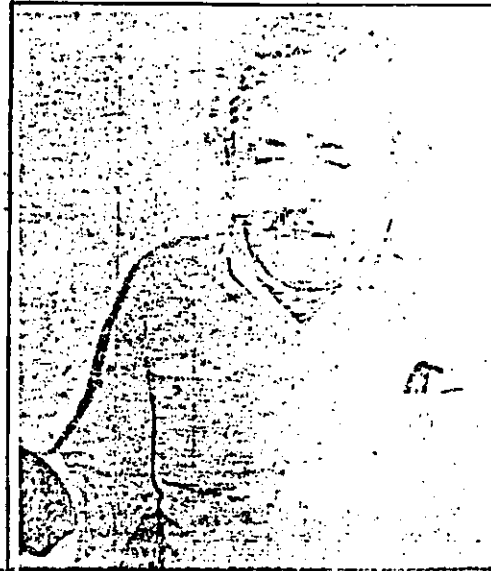
Diante desta denúncia, afirmou Diniz, a Fetag irá entrar em contacto com o Governador Tarcisio Burity, para exigir segurança àquelas famílias e que interceda junto à direção nacional do Incri, no sentido de "exigir solução urgente para este caso.

## CONTACTO

Informou que, na última sexta-feira, a direção da Fetag, em conjunto com o diretor adjunto do Incri local, José Costa, entregou um documento ao Governador, solli-

citando que procure o presidente da República e exija deste agilização dos 15 processos de desapropriação de terras no Estado da Paraíba, que se encontram tramitando entre o Incri Nacional, Ministério da Reforma Agrária e Desenvolvimento e no Palácio do Planalto, desde outubro passado.

"Uma vez atendido estes casos estaremos dando um grande passo para a implantação da Reforma Agrária na Paraíba, diminuindo por conseguinte o grau de violência que existe no campo", concluiu.



VARZANTE